



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**CONDUTAS SOCIALMENTE DESVIANTES: MEDIDAS,
CORRELATOS DE VALORES E PERSONALIDADE**

JÉSSYCA CRISTINA MOURA NUNES

João Pessoa – PB

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**CONDUTAS SOCIALMENTE DESVIANTES: MEDIDAS,
CORRELATOS DE VALORES E PERSONALIDADE**

Jéssyca Cristina Moura Nunes

Orientado: Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia

João Pessoa – PB

2025

N972c Nunes, Jéssyca Cristina Moura.

Condutas socialmente desviantes : medidas,
correlatos de valores e personalidade / Jéssyca
Cristina Moura Nunes. - João Pessoa, 2025.
174 f. : il.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia.
Tese (Doutorado) - UFPB/PPGPS.

1. Condutas socialmente desviantes. 2. Comportamento
antisocial. 3. Valores humanos. 4. Personalidade. I.
Gouveia, Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.624 (043)



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social



ATA DE DEFESA DE TESE

Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e cinco, de modo presencial na sala 510 do CCHLA, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Tese da aluna JÉSSYCA CRISTINA MOURA NUNES – mat. 20211012778 (orientando(a), UFPB, CPF: 106.378.944-30). Foram componentes da banca examinadora: Prof.^(a) Dr.^(a) VALDINEY VELOSO GOUVEIA (UFPB, Orientador, CPF: 442.051.554-68), Prof.^(a) Dr.^(a) JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 046.281.144-12), Prof.^(a) Dr.^(a) PATRICIA NUNES DA FONSECA (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 675.852.564-34), VIVIANY SILVA PESSOA (UFPB, Membro Externo ao Programa, CPF: 008.725.414-01) e Prof.^(a) Dr.^(a) MARCIO DE LIMA COUTINHO (IESP, Membro Externo à Instituição, CPF: 007.446.214-88). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinando(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando inicio aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) VALDINEY VELOSO GOUVEIA, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinando(a) JÉSSYCA CRISTINA MOURA NUNES e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: "CONDUTAS SOCIALMENTE DESVIANTES: MEDIDAS, CORRELATOS DE VALORES E PERSONALIDADE". Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato continuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de "APROVADO", o qual foi proclamado pelo(a) presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Paulo Cesar Zambroni de Souza, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 29 de agosto de 2025.

[Redacted]
PROF.^(a) DR.^(a) VALDINEY VELOSO
GOUVEIA

[Redacted]
PROF.^(a) DR.^(a) PATRICIA NUNES DA
FONSECA

[Redacted]
PROF.^(a) DR.^(a) JAQUELINE GOMES
CAVALCANTI SA

[Redacted]
PROF.^(a) DR.^(a) VIVIANY SILVA
PESSOA



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social



[REDACTED]

PRÓF.(A) DR.(A) MARCIO DE LIMA COORDENADOR

Documento assinado digitalmente



PAULO CESAR ZAMBONI DE SOUZA
Data: 15/09/2025 14:52:37 -0300
Verifique em <https://validar.cti.gov.br>

**PROF.(A) DR.(A) PAULO C. ZAMBONI DE SOUZA
COORDENADOR DO PPGPS**

JÉSSYCA CRISTINA MOURA NUNES

**CONDUTAS SOCIALMENTE DESVIANTES: MEDIDAS,
CORRELATOS DE VALORES E PERSONALIDADE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, pela discente Jéssyca Cristina Moura Nunes, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia

João Pessoa – PB

2025

Ao meu querido pai, **Joelson Amaral Nunes** (*in memoriam*), por ter sido meu grande incentivador e por me mostrar em vida a importância dos estudos e do trabalho como um serviço ao outro.

Quem tem um *por quem* suporta qualquer como

Parafraseando Friedrich Nietzsche

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todo o cuidado e zelo com a minha vida, sem Ele nada seria, nada poderia e nada teria sentido. A minha vida, de fato é guiada por Deus e Ele tem feito o inimaginável, esse doutorado também é para mim um sinal de que é Deus quem faz e nós somos apenas instrumentos.

A minha querida mãe, o meu mais profundo “obrigada”, por todo o esforço e doação que me permitiu chegar até aqui. Nos bastidores foi a senhora quem mais trabalhou para me oferecer a melhor educação que poderia me dar. Obrigada por acreditar em mim, por sonhar meus sonhos comigo, por embarcar nas minhas aventuras. Te amo.

Ao meu querido pai, que infelizmente faleceu antes de saborear essa conquista comigo, meu muito obrigada. Obrigada por ser meu maior incentivador, por me mostrar a beleza de esforçar-se pelos meus sonhos, por não me deixar desistir. Nos dias difíceis eu sempre ouvia sua voz “você consegue, se tem uma pessoa que consegue, essa pessoa é você”. Te amo para sempre.

Ao meu esposo, Adriano Magalhães, o que seria de mim sem você? Obrigada por ser alicerce e segurança. Por me mostrar o caminho quando eu não enxerguei, por segurar as pontas, por ser colo e abrigo. Sem você eu não teria forças para chegar até aqui. Te amo.

Aos meus filhos, Pedro, Isabel e Jonas por me tornarem uma pessoa melhor. Vocês chegaram para impulsionar a minha vida, são minha força e meu motivo para seguir. Diferente do que muitos dizem, a maternidade não me parou, mas me empurrou para frente. Mamãe ama vocês.

A todos os meus familiares, amigos do grupo missão NTLJ, colegas de trabalho e especialmente aquela amiga que a UFPB me deu de presente, Andrêsa Fernanda. Obrigada

minha amiga, por sua entrega sobrenatural para me ajudar a seguir, pelas conversas, pela entrega e confiança em mim. Nunca poderei retribuir tudo que fez por mim. Gratidão eterna.

Ao meu orientador Valdiney Gouveia, obrigada pela confiança em mim depositada e por todo o apoio e colaboração na minha formação.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar da banca como avaliadores deste trabalho, agradeço o tempo dedicado a essa leitura. É uma grande honra ter profissionais tão importantes contribuindo para a minha formação. Especialmente, agradeço a professora Viviany Pessoa, que me apresentou o mundo da pesquisa e me fez admirar a docência como uma missão de encontro ao outro.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo geral analisar em que medida os valores humanos e os traços de personalidade explicam as condutas socialmente desviantes (i.e., antissociais e delitivas). Para tanto, encontra-se dividida em duas partes: teórica e empírica. Na primeira, são expostos três capítulos que versam sobre os construtos utilizados nesta tese; e a segunda é formada por três estudos realizados no Brasil e na Espanha. *O estudo 1* objetivou realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca das “condutas antissociais e delitivas” dispostas na literatura científica, os quais foram pesquisados em três bases eletrônicas: *Scopus*, *Web of Science* e *Pepsic*. Os achados resultaram em 15 estudos considerados elegíveis para a inclusão na análise principal. Foram identificadas seis categorias temáticas de análise: fatores de risco e preditores do comportamento antissocial em adolescentes; correlatos e mecanismos associados ao comportamento antissocial; consequências e desfechos relacionados ao comportamento antissocial; diferenças de gênero, faixa etária e contexto sociocultural; instrumentos utilizados para avaliação do comportamento antissocial; e estratégias preventivas e educativas. *O estudo 2*, realizado no Brasil, checou os parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD), os fatores resultantes desta medida foram correlacionados com os valores humanos, considerando cada amostra específica e o conjunto total de participantes; e elaborou um modelo explicativo destas condutas, considerando as variáveis demográficas (sexo, idade e religiosidade) e os valores humanos como explicadores. Os resultados confirmaram a estrutura bifatorial da CAD, emergindo os dois fatores esperados, referentes a *condutas antissociais e delitivas*. A análise de escalonamento multidimensional proporcionou a representação espacial em um espaço bidimensional: *gravidade do comportamento e relação pessoa-ambiente*. Pode-se destacar a correlação positiva e significativa dos comportamentos antissociais e delitivos com valores de experimentação e de forma negativa e significativa com valores interativos e normativos. Acerca do modelo explicativo, verificou-se que os valores se revelaram preditores adequados das condutas socialmente desviantes, os valores de experimentação funcionando como fator de risco e os valores suprapessoais, interativos e normativos como fatores de proteção. Por fim, o *estudo 3*, realizado na Espanha, objetivou conhecer em que medida os valores humanos (independente da medida e do modelo de valores) e a personalidade explicam as condutas socialmente desviantes. Para isso, testou-se dois modelos de valores (a teoria funcionalista dos valores humanos de V. V. Gouveia e a Teoria Dos Valores Humanos Básicos de S. H. Schwartz). Assim, constatou-se que os valores são melhores explicadores das condutas antissociais e delitivas do que os cinco grandes traços da personalidade, sendo ambos os modelos equivalentes na explicação de tais condutas.

Palavras-chave: Condutas socialmente desviantes, antissociais, delitivas, valores humanos, personalidade.

ABSTRACT

The general objective of this thesis is to analyze the extent to which human values and personality traits explain socially deviant behavior (i.e., antisocial and criminal behavior). To this end, it is divided into two parts: theoretical and empirical. The first part presents three chapters that address the constructs used in this thesis; and the second consists of three studies conducted in Brazil and Spain. Study 1 aimed to map national and international publications on "antisocial and criminal behavior" in the scientific literature, which were searched in three electronic databases: Scopus, Web of Science, and Pepsic. The findings yielded 15 studies considered eligible for inclusion in the main analysis. Six thematic categories of analysis were identified: risk factors and predictors of antisocial behavior in adolescents; correlates and mechanisms associated with antisocial behavior; consequences and outcomes related to antisocial behavior; differences in gender, age group, and sociocultural context; instruments used to assess antisocial behavior; and preventive and educational strategies. Study 2, conducted in Brazil, assessed the psychometric parameters of the Antisocial and Criminal Behavior Questionnaire (ACD). The resulting factors were correlated with human values, considering each specific sample and the total number of participants. An explanatory model for these behaviors was developed, considering demographic variables (gender, age, and religiosity) and human values as explanatory factors. The results confirmed the bifactor structure of the ACD, revealing the two expected factors related to antisocial and criminal behavior. Multidimensional scaling analysis provided a two-dimensional spatial representation: severity of the behavior and the person-environment relationship. The positive and significant correlation between antisocial and criminal behaviors and experimental values, and a negative and significant correlation with interactive and normative values, stood out. Regarding the explanatory model, it was found that values proved to be adequate predictors of socially deviant behavior, with experimental values functioning as a risk factor, and suprapersonal, interactive, and normative values as protective factors. Finally, study 3, conducted in Spain, aimed to determine the extent to which human values (regardless of the measurement and model of values) and personality explain socially deviant behavior. To this end, two value models were tested (V. V. Gouveia's functionalist theory of human values and S. H. Schwartz's Theory of Basic Human Values). Thus, it was found that values are better explainers of antisocial and criminal behavior than the Big Five personality traits, with both models being equivalent in explaining such behavior.

Keywords: Socially deviant behavior, antisocial behavior, criminal behavior, human values, personality.

RESUMEN

El objetivo general de esta tesis es analizar hasta qué punto los valores humanos y los rasgos de personalidad explican la conducta socialmente desviada (es decir, la conducta antisocial y delictiva). Para ello, se divide en dos partes: teórica y empírica. La primera parte presenta tres capítulos que abordan los constructos utilizados en esta tesis; y la segunda consta de tres estudios realizados en Brasil y España. El Estudio 1 tuvo como objetivo mapear publicaciones nacionales e internacionales sobre conducta antisocial y delictiva en la literatura científica, las cuales se buscaron en tres bases de datos electrónicas: Scopus, Web of Science y Pepsic. Los resultados arrojaron 15 estudios considerados elegibles para su inclusión en el análisis principal. Se identificaron seis categorías temáticas de análisis: factores de riesgo y predictores de la conducta antisocial en adolescentes; correlatos y mecanismos asociados con la conducta antisocial; consecuencias y resultados relacionados con la conducta antisocial; diferencias de género, grupo de edad y contexto sociocultural; instrumentos utilizados para evaluar la conducta antisocial; y estrategias preventivas y educativas. El Estudio 2, realizado en Brasil, evaluó los parámetros psicométricos del Cuestionario de Conducta Antisocial y Delictiva (ACD). Los factores resultantes se correlacionaron con los valores humanos, considerando cada muestra específica y el número total de participantes. Se desarrolló un modelo explicativo para estos comportamientos, considerando variables demográficas (género, edad y religiosidad) y valores humanos como factores explicativos. Los resultados confirmaron la estructura bifactorial del ACD, revelando los dos factores esperados relacionados con el comportamiento antisocial y delictivo. El análisis de escalamiento multidimensional proporcionó una representación espacial bidimensional: gravedad del comportamiento y relación persona-entorno. Se destacó la correlación positiva y significativa entre los comportamientos antisocial y delictivo y los valores experimentales, y una correlación negativa y significativa con los valores interactivos y normativos. En cuanto al modelo explicativo, se encontró que los valores resultaron ser predictores adecuados del comportamiento socialmente desviado, con los valores experimentales funcionando como factor de riesgo, y los valores suprapersonales, interactivos y normativos como factores protectores. Finalmente, el estudio 3, realizado en España, tuvo como objetivo determinar en qué medida los valores humanos (independientemente de la medición y el modelo de valores) y la personalidad explican el comportamiento socialmente desviado. Para ello, se probaron dos modelos de valores (la teoría funcionalista de los valores humanos de V. V. Gouveia y la teoría de los valores humanos básicos de S. H. Schwartz). Se observó que los valores explican mejor la conducta antisocial y delictiva que los Cinco Grandes rasgos de personalidad, siendo ambos modelos equivalentes en la explicación de dicha conducta.

Palabras clave: Conducta socialmente desviada, conducta antisocial, conducta delictiva, valores humanos, personalidad.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
PARTE I – MARCO TEÓRICO	16
1. CONDUTAS ANTISSOCIAIS E DELITIVAS.....	17
1.1 Aproximação Clínico-psiquiátrica	19
1.2 Aproximação sociológica	21
1.3 Aproximação jurídico-legal.....	23
1.4 Aproximação Comportamental	25
1.4.1 <i>Perspectiva categórica e dimensional</i>	26
1.5 Fatores de proteção e de risco.....	27
1.6 Valores humanos e condutas antissociais e delitivas	30
1.7 Personalidade e condutas antissociais e delitivas.....	32
2. VALORES HUMANOS.....	35
2.1 Valores instrumentais e terminais	36
2.2 Teoria dos Valores Básicos Universais	38
2.3 Teoria Funcionalista dos Valores humanos	43
2.4 Teorias de valores e comportamentos antissociais e delitivos.....	48
3. PERSONALIDADE	53
3.1 Os antecessores teóricos do modelo <i>Big five</i>	57
3.1.1 <i>Gordon Allport</i>	57
3.1.2 <i>Raymond Cattell</i>	59
3.1.3 <i>Hans Eysenck</i>	62
3.2 Os Cinco Grandes Fatores da Personalidade – <i>Big five</i>	64
3.2.1 <i>Big five e as Condutas antissociais e delitivas</i>	67
PARTE II – EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS	71
4. CONDUTAS ANTISSOCIAIS E DELITIVAS: UMA REVISÃO DE ESCOPO....	72
4.1. Método	73
4.1.1 <i>Estratégia de busca</i>	73
4.1.2 <i>Critérios de elegibilidade</i>	74

4.1.3 Extração e síntese dos dados	74
4.2. Resultados	75
4.2.1 Resultados da seleção dos estudos.....	75
4.2.2 Resultados das características dos estudos	77
4.2.3 Conteúdos analisados.....	92
Tabela 4	96
4.2 Discussão	97
5. CONDUTAS ANTISSOCIAIS E DELITIVAS: ESTUDOS REALIZADOS NO BRASIL	102
5.1 Método	103
5.1.1 Participantes.....	103
5.1.2 Instrumentos	103
5.1.3 Procedimento	104
5.2 Resultados	105
5.2.1. <i>Estrutura Fatorial da Medida de Condutas Socialmente Desviantes</i>	105
5.2.2. <i>Comprovação de Estrutura e Invariância Fatorial da Medida</i>	107
5.2.3. <i>Representação Espacial dos Itens de Condutas Socialmente Desviantes</i>	109
5.2.4. <i>Correlatos Valorativos de Condutas Socialmente Desviantes</i>	110
5.2.5 <i>Explicando Condutas Socialmente Desviantes</i>	112
5.3 Discussão	115
5.3.1. <i>Estrutura Fatorial da Medida de Condutas Socialmente Desviantes</i>	115
5.3.2 <i>Correlatos Valorativos de Condutas Socialmente Desviantes</i>	117
5.3.3 <i>Explicando Condutas Socialmente Desviantes</i>	118
6. ESTUDO REALIZADO NA ESPANHA: CORRELATOS VALORATIVOS E DA PERSONALIDADE DE CONDUTAS SOCIALMENTE DESVIANTES.....	121
6.1 Método	122
6.1.1 Participantes.....	122
6.1.2 Instrumentos	122
6.1.3 Procedimento	125
6.2 Resultados	125
6.3 Discussões.....	130
7. Considerações Finais	132

REFERÊNCIAS 137

ANEXOS 158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tipos motivacionais de valores	39
Tabela 2. Descrição das subfunções dos valores humanos básicos	47
Tabela 3 Síntese e caracterização dos estudos incluídos na revisão	80
Tabela 4 Categorias de análise obtidas a partir dos resultados dos estudos	96
Tabela 5. Estrutura Fatorial da Medida de Condutas Socialmente Desviantes.....	106
<i>Tabela 6.</i> Correlatos Valorativos de Comportamentos Antissociais e Delitivos.....	111
Tabela 7. Correlatos Valorativos de Comportamentos Socialmente Desviantes por Estudo.....	112
Tabela 8. Explicando Condutas Antissociais.....	113
Tabela 9. Explicando Condutas Delitivas.....	114
Tabela 10. Correlatos Valorativos e da Personalidade de Condutas Socialmente Desviantes.....	125

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estrutura dos Valores humanos básicos.....	41
Figura 2. Dimensões e subfunções dos valores humanos.....	42
Figura 3. Fluxograma de rastreio dos achados incluídos.....	76
Figura 4. Estrutura Bifatorial do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas.....	108
Figura 5. Modelo Alscal de Comportamentos SocialmenteDesviantes.....	110

APRESENTAÇÃO

As condutas socialmente desviantes, i.e., antissociais e delitivas, constituem um amplo espectro de ações que violam normas sociais, direitos de terceiros e, em casos mais graves, leis penais estabelecidas. Estas condutas podem se manifestar desde atitudes cotidianas de desrespeito e agressividade (e.g. dizer palavrões, jogar lixo no chão e negar-se a fazer as tarefas solicitadas no trabalho, na escola ou em casa), até infrações criminais formais (e.g., furtos, vandalismo e atos de violência).

É sabido que na literatura são apresentadas diferentes tipologias para se referir as condutas socialmente desviantes (e.g., delinquente, transgressor, antissocial e delitivo), uma vez que consiste em um conceito amplo, um guarda-chuva que engloba uma variedade de ações e atitudes que se afastam das normas e expectativas sociais. Por isso, vale destacar que na presente tese serão adotadas especificamente as terminologias antissociais e delitivas. Nessa perspectiva, o *comportamento antissocial* é caracterizado por ações que violam normas sociais estabelecidas, mas não necessariamente infringem a legislação vigente. Estes incluem desrespeito às regras de convivência, atitudes agressivas ou desafiadoras, e ações que perturbam a harmonia social, mas que não configuram crimes (Dias et al., 2014).

Por outro lado, a *conduta delitiva* refere-se a ações que violam explicitamente as leis estabelecidas pelo ordenamento jurídico, configurando crimes. Essas condutas são passíveis de punição legal e incluem atos como furtos, agressões físicas graves, vandalismo, entre outros. Assim, a principal diferença entre comportamento antissocial e conduta delitiva reside na gravidade e na tipificação legal das ações: enquanto o comportamento antissocial é uma transgressão social sem implicações legais diretas, a conduta delitiva é uma infração legal que resulta em consequências jurídicas (Vasconcelos et al., 2008).

Nesse sentido, nota-se que tais condutas se manifestam com frequência preocupante entre adolescentes e jovens, representando um fenômeno de grande impacto social, educacional e psicológico. Diversos estudos apontam que uma proporção significativa dessa população se envolve em condutas como vandalismo, agressões físicas, furtos e violações de normas sociais, inclusive em contextos escolares (ISRD4 Brasil, 2023; Komatsu & Bazon, 2015; Visin et al., 2023). A busca por explicação de tais comportamentos é multifatorial, envolvendo a interação entre variáveis biológicas, ambientais e dimensões psicossociais, incluindo traços de personalidade e sistemas de valores individuais (Elizarov et al., 2024; Garcia, 2018; Greitemeyer, 2022).

A frequência e relevância desses comportamentos no convívio social, constatado na veiculação diária de notícias em diferentes meios de comunicação (Medeiros et al., 2017), reflete a importância da realização de pesquisas que objetivem não só quantificar a frequência desses comportamentos entre jovens, adolescentes e até mesmo adultos, mas também buscar compreender seus preditores e explicadores. Nesse caso, vale destacar que grande parte dos dados estatísticos disponíveis sobre a frequência de condutas socialmente desviantes no Brasil se refere predominantemente às condutas delitivas, tendo em vista que os comportamentos antissociais, não constituem infrações legais e, portanto, não são registradas oficialmente.

Em geral, os estudos concentram-se em jovens em conflito com a lei, especialmente aqueles que se encontram institucionalizados, como evidenciado no Levantamento Nacional do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) – 2024. Esse levantamento, conduzido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, oferece informações detalhadas sobre os atos infracionais praticados por adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de restrição e privação de liberdade. No ano de 2024, foram

registrados 12.506 adolescentes cumprindo tais medidas, sendo os principais atos infracionais cometidos: roubo (31,7%), tráfico de drogas (27,0%) e homicídio (12,6%).

Desse modo, observa-se uma lacuna sobre a quantificação da frequência das condutas antissociais no Brasil. Uma vez que as pesquisas realizadas acerca da temática, como por exemplo a da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), conduzida pelo IBGE em 2019 com aproximadamente 188 mil estudantes entre 13 e 17 anos de todo o território nacional, objetiva apenas fornecer dados das vítimas de agressões físicas, envolvimento em brigas, bullying e violência *online*, e não, compreender o perfil dos agressores, seus preditores e explicadores (IBGE, 2019). A relevância de explorar esta lacuna está no já reconhecido entendimento de que as condutas antissociais são preditoras das condutas delitivas (Dell'Aglio et al., 2016; Galinari & Bazon, 2021). E por serem consideradas mais brandas (e.g., responder a uma figura de autoridade) as ações preventivas deveriam se voltar, de forma preventiva, aos agentes de condutas antissociais.

Buscando preencher esta lacuna, os estudos acadêmicos estudam este fenômeno sob diferentes perspectivas: (1) *clínica*, que objetivam compreender os fatores psicopatológicos envolvidos, como transtornos de conduta ou de personalidade; (2) *legal*, no qual preocupa-se com a tipificação penal e as implicações legais das infrações, focando principalmente na responsabilização e punição; e (3) *comportamental*, em que contribui significativamente para a compreensão do comportamento antissocial, especificamente pela sua capacidade de integrar os conceitos de atos delitivos, patológicos e antissociais sob uma perspectiva funcional (Barbosa, 2024; Garcia 2018; Grajeiro, 2014; Santos & Pimentel, 2024; Yu et al., 2024). Assim, devido a capacidade integrativa da perspectiva comportamental, esta (3) será a abordagem adotada na presente tese.

Nessa conjuntura, uma formulação teórica relevante é apresentada por Seisdedos (1988), que propõe um modelo pragmático e acessível ao distinguir dois tipos de condutas socialmente desviantes: os antissociais e os delitivos. Tais categorias não são concebidas como opostas, mas sim como dimensões distintas que se diferenciam sobretudo pela gravidade das condutas envolvidas, nos quais os comportamentos antissociais consistem em transgressões menos severas, caracterizadas pela violação de normas sociais, sem, contudo, implicarem infrações legais formais como desrespeitar orientações públicas e pisar em áreas gramadas sinalizadas como proibidas. Enquanto os comportamentos delitivos representam violações mais graves, que rompem tanto com convenções sociais quanto com dispositivos legais, demandando, em muitos casos, a aplicação de sanções judiciais, como ocorre em atos de roubo ou agressão física.

Especificamente, observa-se que os estudos atuais têm se voltado para a compreensão das condutas antissociais e delitivas por meio dos fatores de risco e proteção, sistematizados e categorizados em fatores macrossociais (e.g., organização econômica, normas legais e valores culturais; LaSpada et al., 2020), microssociais (e.g., contexto familiar, escolar e comunitário; Coelho et al., 2020; Dias et al., 2017) e individuais (e.g., atitudes, valores e personalidade; Hopwood & Bleidorn, 2020; Elizarov et al., 2024; Greitemeyer, 2022, respectivamente). Estando as duas últimas entre as principais variáveis da presente tese.

Tais escolhas se deram, uma vez que diversas pesquisas têm apontado os valores humanos como relevantes preditores de condutas antissociais e delitivas (Formiga & Gouveia, 2005; Gouveia, 2013; Medeiros et al., 2017; Sagiv & Schwartz, 2022). Assim como a personalidade, que prediz padrões persistentes de violação de normas sociais e direitos alheios, sendo, portanto, fundamentais para a compreensão desse fenômeno (Abdullah et al., 2021; Farrell & Vaillancourt, 2021; Visin et al., 2023). Aqui vale ressaltar que tanto os valores humanos, quanto a personalidade apresentam diferentes modelos. Acerca dos valores

humanos, os que apresentam destaque na literatura sobre a temática de comportamentos antissociais e delitivos são os de Schwartz (1992) e Gouveia (1998, 2003, 2013), ambos considerados na presente tese.

Schwartz, com a Teoria Dos Valores Humanos Básicos, define os valores “como objetivos desejáveis e transicionais, de importância variável, que servem como princípios orientadores na vida das pessoas” (Schwartz et al., 2001, p. 523), identificando 10 tipos motivacionais universais, organizados em uma estrutura circular, permitindo a análise dos valores como guias centrais do comportamento humano em diferentes culturas. Já a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH), de Gouveia (1998, 2003, 2013), apresenta-se como mais atual e parcimoniosa, destacando os valores com uma função essencialmente funcional, atuando como guias do comportamento humano (1^o função: tipo de orientação) e como expressões cognitivas das necessidades individuais (2^a função: tipo de motivação).

No que consiste a personalidade, definida como “padrões duradouros de pensamento, emoção e comportamento que são relativamente consistentes ao longo do tempo e entre as situações” (*American Psychological Association - APA, 2023*). Será considerado o modelo de Costa e McCrae (1992) - Os Cinco Grandes Fatores (*Big five*), no qual representa uma estrutura hierárquica da personalidade, em que os traços individuais podem ser organizados em cinco dimensões amplas (abertura à mudança, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo). A escolha desse modelo se dá, uma vez que é amplamente utilizado como referencial para a compreensão de diversos fenômenos psicológicos, incluindo as condutas antissociais e delitivos (Esteves, 2014; Jolliffe & Farrington, 2024; Quan et al., 2024).

Com base nos aspectos abordados, ressalta-se a necessidade de investigar de forma conjunta os valores humanos, os traços de personalidade e as condutas antissociais e

delitivas, visando promover avanços teóricos, empíricos e implicações práticas para intervenções preventivas e educativas com adolescentes, jovens e adultos. Desse modo, estima-se que a presente tese contribua significativamente para contribuir com o preenchimento de lacunas importantes na pesquisa científica sobre a temática, especificamente acerca de medidas, correlatos e modelos explicativos, além de auxiliar na fundamentação de ações interventivas que visem minimizar os fatores de risco e potencializar os de proteção.

Dante do exposto, a presente tese parte das seguintes questões: (1) O que a literatura científica tem relatado sobre condutas antissociais e delitivas? (2) Quais os parâmetros psicométricos da medida de condutas antissociais e delitivas? (3) Como os fatores antissociais e delitivos, estariam correlacionados entre si e com os valores humanos? (4) Em que medida os valores humanos e os traços de personalidade explicam tais condutas? e (5) Até que ponto os resultados são restritos à realidade brasileira ou se devem às medidas empregadas para mensuração de condutas socialmente desviantes e valores humanos?

Procurando encontrar respostas às questões supracitadas, adota-se como objetivo geral analisar em que medida os valores humanos e os traços de personalidade explicam as condutas antissociais e delitivas. Especificamente, busca-se: (1) realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca das “condutas antissociais e delitivas” dispostos na literatura científica; (2) checar os parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD); (3) conhecer a correlação das condutas antissociais e delitivas com os valores humanos e os traços de personalidade; e (4) verificar em que medida a personalidade e os valores humanos explicam as condutas antissociais, independente da medida e do modelo de valores.

Para isso, tese encontra-se dividida em duas partes: teórica e empírica. Na primeira, são apresentados três capítulos que versam sobre os construtos utilizados nesta tese. O *capítulo 1*, versa sobre condutas socialmente desviantes, (i.e., antissociais e delitivas), fazendo um breve resgate histórico no estudo do construto, definindo-o conceitualmente, apontando os fatores de proteção e de risco descritos na literatura, assim como a relação deste com valores humanos e traços de personalidade. *O capítulo 2* aborda os Valores humanos, relatando a linha histórica dos principais autores, destacando a Teoria dos Valores Básicos Universais (Schwartz, 1992) e a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 1998, 2003, 2013), apontando resultados de estudos com ambas as teorias relacionadas as condutas antissociais e delitivas. Por fim, o *capítulo 3* refere-se à personalidade, enfatizando modelos baseados em traços e uma contextualização histórica dos autores que antecederam o modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*; Costa & McCrae, 1992), comumente utilizado para o entendimento da personalidade normal, foco desta tese.

A parte empírica, por sua vez, é formada por três estudos realizados no Brasil e na Espanha, o *primeiro* de natureza exploratória e descritiva, no qual objetiva realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca das “condutas antissociais e delitivas” dispostas na literatura científica, uma vez que esse tipo de revisão possibilita um panorama das particularidades dos estudos, bem como a planificação de suas tendências, lacunas e limitações (Munn et al., 2018).

O *segundo*, refere-se aos achados do Brasil, no qual procura-se dividi-los em três seções: (1) A checagem dos parâmetros psicométricos do Questionário de condutas antissociais e delitivas que foi testada através de análises exploratórias e confirmatórias, que permitiram a avaliação da representação espacial de seus itens, além de calcular a consistência interna de cada fator e do instrumento como um todo; (2) A correlação dos fatores resultantes desta medida de condutas antissociais e delitivas com os valores humanos,

considerando cada amostra específica e o conjunto total de participantes; e (3) A elaboração de um modelo explicativo condutas antissociais e delitivas, considerando as variáveis demográficas e os valores humanos como explicadores.

Por fim, o *terceiro estudo* refere-se aos achados da Espanha. Para isso, considerou-se uma medida diferente de condutas antissociais e delitivas (*Inventário de Comportamentos Antissociais - ICA*; Espinosa & Clemente, 2011), que considera oito fatores (vandalismo, furto, envolvimento com álcool e drogas, agressão, agressão sexual, preconceito, condutas antissociais graves e condutas antissociais leves), inovando também em relação aos estudos prévios. Especificamente, são considerados dois modelos explicativos dos valores humanos (*i.e.*, S.H. Schwartz e V.V. Gouveia), além de avaliar em que medida valores e traços de personalidade (modelo *big five*) explicam tais condutas.

PARTE I – MARCO TEÓRICO

1. CONDUTAS ANTISSOCIAIS E DELITIVAS

As condutas socialmente desviantes (*i.e.*, antissociais e delitivas), têm sido estudados por diferentes áreas do conhecimento, incluindo Psicologia, Psiquiatria, Neurociência, Educação e Criminologia. Assim, diferentes teorias explicativas surgiram com o objetivo compreender, avaliar, prevenir e intervir nesses comportamentos, abrangendo aspectos específicos a partir de cada área e adotando as mais diversas fundamentações epistemológicas (Santos, 2008).

Por essa razão, a ausência de uma definição clara e universalmente aceita das condutas socialmente desviantes continua a representar um desafio significativo para pesquisadores e profissionais. A literatura evidencia uma multiplicidade de termos e abordagens teóricas que, embora se refiram a fenômenos semelhantes a condutas desviantes, diferem em seus enfoques e critérios diagnósticos (Garcia, 2018).

Nessa direção, termos como delinquência (Huzik, 2021), transtorno de personalidade antissocial (Black, 2024), transtorno de conduta (Kohls et al., 2021), agressão (van de Groep et al., 2023), violência (Orfanidou & Panagiotou, 2025) e comportamentos antissociais (Santos & Pimentel, 2024), são apresentados como o estudo de um mesmo fenômeno, sob diferentes âmbitos de pesquisa. Isso se dá, uma vez que tais condutas configuram-se como um fenômeno heterogêneo, multifatorial, com diversos correlatos e consequências, estudado por diferentes abordagens (Pacheco et al., 2016; Santos & Pimentel, 2024).

Diante da variedade terminológica do construto, optou-se pelo emprego do termo condutas socialmente desviantes, ou seja, antissociais e delitivas, por se tratar de um termo abrangente e flexível em sua capacidade explicativa e descritiva, quando comparado a outras denominações (Baskin-Sommers, 2016). Tal escolha se justifica pelo fato de que o termo, além de se referir a manifestações comportamentais diagnosticáveis e perspectiva normativa ou jurídico-penal, também comprehende uma amplitude maior de fenômenos, incluindo aspectos psicossociais, relacionais e contextuais, possuindo a capacidade de englobar um

espectro amplo, variado de ações, desde infrações leves até crimes graves (Esteves, 2014).

Vale ressaltar que o termo “condutas” por vezes é apresentado na literatura como sinônimo de “comportamento”, o que ocorre também na categorização das aproximações.

Nessa perspectiva, com o intuito de sistematizar e clarificar os conceitos relacionados a conduta desviante, os estudos atuais, seguem o que havia sido apontado por Romero et al. (1999), categorizando diferentes vertentes e linhas de pesquisa, em função das aproximações: Clínico-psiquiátricas, sociológicas, legais e comportamentais (Barbosa, 2024; Garcia 2018; Santos & Pimentel, 2024; Yu et al., 2024). Assim, serão apresentadas as aproximações conceituais no estudo dos comportamentos antissociais e delitivos, em quatro áreas específicas, a seguir.

1.1 Aproximação Clínico-psiquiátrica

A tradição clínico-psiquiátrica é uma das abordagens mais antigas e influentes no estudo do comportamento desviante, fundamentando-se na semiologia psicopatológica para conceituar esse fenômeno como componente definidor de diversos tipos de transtornos mentais e comportamentais (Romero et al., 1999). Nessa perspectiva, o comportamento antissocial seria um sintoma ou parte integrante de um quadro psicopatológico (Fernández, 2010).

Especificamente, a abordagem clínico-psiquiátrica do comportamento antissocial concentra-se na identificação, compreensão e tratamento de padrões persistentes de desrespeito às normas sociais e aos direitos alheios, conforme delineado no *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM 5 -TR; American Psychiatric Association, 2022) e na *International Classification of Diseases* (11^a revisão; ICD-11; World Health Organization, 2022), amplamente utilizados por profissionais de saúde mental para a classificação de transtornos mentais e classificação de doenças e condições de saúde global.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), identifica diferentes transtornos associados a comportamentos antissociais e delitivos. Esses transtornos envolvem padrões persistentes de desrespeito às normas sociais, direitos alheios e comportamentos impulsivos ou agressivos, são eles: transtornos disruptivos, do controle de impulsos e da conduta (e.g., transtorno de conduta, transtorno opositor desafiante e transtorno explosivo intermitente) e o transtorno de personalidade antissocial, presente tanto nos disruptivos quanto nos transtornos de personalidade do grupo B (APA, 2023). Já a CID-11 (2022), oferece uma estrutura diagnóstica que reconhece os comportamentos antissociais tanto em contextos de Transtornos de Conduta Dissocial quanto em Transtornos de Personalidade, com ênfase no domínio de traço de personalidade denominado dissocialidade.

Dentre os citados, o transtorno de conduta e o transtorno de personalidade antissocial, são os que tem apresentado maior interesse dentro dos estudos sobre condutas socialmente desviantes (Özbay et al., 2024; Yu et al., 2024). Corroborando com isso, Bordin e Offord (2000) apontam que o transtorno de conduta e o transtorno de personalidade antissocial são categorias centrais na compreensão dos comportamentos socialmente desviantes, *i.e.*, antissociais, persistentes. Desse modo, considerando o DSM-5-TR, serão apresentadas as definições destes, a seguir:

O Transtorno de Conduta (TC) é definido como um padrão repetitivo e persistente de comportamentos nos quais os direitos básicos de outras pessoas ou normas sociais importantes e apropriadas para a idade são violados. Os sintomas diagnósticos incluem, por exemplo, agressividade contra pessoas e animais, destruição de propriedade, engano ou furto, e graves violações de regras. Para o diagnóstico, é necessário que pelo menos três desses comportamentos tenham ocorrido nos últimos 12 meses, sendo pelo menos um nos últimos 6 meses (APA, 2023).

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) é caracterizado por um padrão persistente de desrespeito e violação dos direitos alheios, manifestado por comportamentos como engano, impulsividade, agressividade, irresponsabilidade e ausência de remorso, tendo como característica essencial o desprezo e violação dos direitos dos outros, com início na infância ou na adolescência, persistindo até a vida adulta. Para o diagnóstico, o indivíduo deve apresentar pelo menos 3 dos critérios diagnóstico, sendo eles: dificuldade em conformar-se com as normas sociais, ocasionando motivos para detenção; impulsividade ou fracasso em fazer planos; tendência a falsidade, obtendo prazer em enganar pessoas; manifestações de irritabilidade e agressividade; desrespeito pela insegurança própria ou alheia; fracassos no cumprimento das obrigações econômicas e de trabalho; e ausência de arrependimento (APA, 2023).

Apesar dos inegáveis avanços trazidos pela psiquiatria acerca da compreensão dos comportamentos desviantes e da praticidade das classificações, como as propostas no DSM-5-TR e CID-11, vale ressaltar que o diagnóstico psiquiátrico envolve uma série de sintomas que vão além dos antissociais (Fernández, 2010). À vista disso, estudiosos de psicologia tem criticado a avaliação dos comportamentos antissociais e delitivos unicamente sobre a vertente da psicopatologia, uma vez que desconsideram outras variáveis importantes para a compreensão desse fenômeno (Andrews & Bonta, 2014; Grangeiro, 2014; Vicente et al., 2020).

1.2 Aproximação sociológica

Sob esta perspectiva, as condutas socialmente desviantes seriam compreendidas como parte integrante de uma categoria maior, denominada de desviância social. Isto é, comportamentos ou ideias que de alguma maneira viole uma norma social (Cioban & Cioban, 2024). Nesse caso, a definição de normalidade, carrega um significativo grau de relativismo

cultural, visto que, o que é considerado aceitável ou apropriado em uma sociedade pode ser interpretado de maneira diversa em outra, de modo que as fronteiras entre o normal e o desviante são historicamente situadas e culturalmente construídas. Essa perspectiva leva à compreensão de que as condutas socialmente desviantes não constituem uma característica inerente à ação em si, mas antes uma qualificação interpretativa atribuída a partir de um determinado sistema de valores e normas (Chentsova-Dutton, & Ryder, 2020).

Desse modo, tais condutas estão intrinsecamente ligadas ao conceito de norma social, que atua como um parâmetro para julgar a adequação ou inadequação das ações de um indivíduo no contexto coletivo. Nessa direção, as normas possuem uma dupla natureza: por um lado, operam como descritores do que é estatisticamente comum em determinado grupo social; por outro, carregam um valor normativo, isto é, indicam não apenas o que ocorre com maior frequência, mas sobretudo o que deveria ocorrer (Pimentel, 2004). Assim, as condutas socialmente desviantes não se definem apenas por sua raridade, mas principalmente por sua incongruência com as expectativas morais e culturais predominantes.

De acordo com Romero et al. (1999), três principais critérios determinam em que medida uma conduta pode ser percebida como desviante: o público (audiência), a situação e as características do ator social envolvido. No tocante a audiência, refere-se a grupos sociais de referência, interpretam, julgam e reagem diante de determinada conduta com base nas normas que regulam seu funcionamento interno. Já a situação, refere-se ao contexto situacional em que a ação ocorre, uma vez que há comportamentos que, embora geralmente sancionados, podem ser considerados aceitáveis, e até desejáveis, sob determinadas circunstâncias. Por fim, às características do próprio ator, pois o grau de tolerância social em relação à transgressão normativa varia significativamente conforme o status, a respeitabilidade e o capital simbólico da pessoa que pratica o ato.

Entretanto, os autores contemporâneos propõem um equilíbrio ao relativismo cultural, apontando critérios mais objetivos e estruturados. Dentre eles, Clinard e Meier (2015) argumentam que, embora as normas sociais variem entre culturas, certos tipos de comportamento, como agressões físicas severas, fraudes e abusos contra a integridade física e psicológica, tendem a ser amplamente condenados em diferentes contextos sociais, sugerindo a existência de padrões de reprovação relativamente universais.

Nesse sentido, propõe-se uma distinção entre o desvio absoluto e o desvio relativo. O primeiro corresponderia à violação de valores e direitos fundamentais reconhecidos de forma mais ou menos transversal pelas sociedades, (e.g., o direito à vida, à integridade e à liberdade), enquanto o segundo se referiria a transgressões altamente situadas, cuja avaliação moral depende fortemente do contexto cultural e histórico em que se inserem (Goode, 2019).

1.3 Aproximação jurídico-legal

As aproximações apresentadas até aqui destacam o impacto pessoal, social ou moral das condutas socialmente desviantes. Porém, é oportuno acrescentar a discussão a partir de um estatuto legal, delimitado pela transgressão ao preceito normativo estabelecido. Nessa perspectiva jurídico-legal, os conceitos que frequentemente emergem associados à antissocialidade são os de crime, entendido como a ação ou omissão que viola um código jurídico ou princípio legal vigente em uma sociedade; e de delinquente, isto é, o indivíduo que comete tal infração e que, ao ser julgado pelo sistema de justiça, é formalmente responsabilizado por seu ato (Romero et al., 1999; Verona & Fox, 2025).

Na abordagem do fenômeno delitivo, e especificamente na sua definição, é possível notar a presença do relativismo cultural, visto que, o sistema de leis e os princípios jurídicos que regem determinada sociedade não são estruturas imutáveis ou universais, mas sim produtos de contextos sócio-históricos específicos, sujeitos a variações culturais, políticas e

ideológicas (Baratta, 2002; Garland, 2001). Nesse sentido, o delito, e a consequente definição de delinquente, assumem um caráter multifacetado, relacional e historicamente contingente, não sendo definidos por critérios intrínsecos à conduta em si, mas pela forma como determinados comportamentos são nomeados e normatizados em contextos específicos de poder (Cunha, 2019; Romero et al, 1999; Santos, 2008). Isso implica dizer que um comportamento será delitivo ou não a depender das normas pré-estabelecidas em cada contexto sociocultural.

No tocante ao termo delinquência/delinquente, este refere-se a um comportamento contra a lei, a realização de um delito ou um crime por indivíduo com menor idade penal (Merdović & Jovanović, 2024). No âmbito jurídico, a definição de delinquente está diretamente vinculada à atuação do sistema de justiça, sendo aquele indivíduo que, após processo legal formal, é identificado e sancionado como autor de uma infração penal. Já na perspectiva legalista, a existência do delito e do delinquente depende da intervenção das instâncias formais de controle social (e.g., Judiciário, Ministério Público e polícias). Nesse sentido, a criminalidade não é compreendida como um fenômeno autônomo, advindo apenas do próprio indivíduo, mas como uma construção institucional (Baratta, 2020; Dias, 2017).

Em contrapartida, a chamada criminologia realista reconhece a materialidade dos atos criminosos e seus efeitos concretos na comunidade, enfatizando que certos comportamentos são, de fato, prejudiciais, ainda que sua criminalização possa ser seletiva ou desigual (Dias, 2017; Young, 2011). Essa abordagem propõe uma análise que leva em conta tanto os impactos reais da violência e do crime, quanto os contextos sociais em que esses fenômenos emergem, integrando questões estruturais como pobreza, desigualdade e exclusão social. Portanto, os estudos atuais concentram-se em analisar os complexos fatores causais e as circunstâncias que propagam as condutas delitivas e criminosas (Merdović Jovanović, 2024; Shecaira, 2018).

1.4 Aproximação Comportamental

Diante das limitações evidenciadas nas abordagens psiquiátricas, sociológicas e jurídico-legais, a análise comportamental apresenta-se como uma contribuição significativa para a compreensão das condutas desviantes, especificamente pela sua capacidade de integrar os conceitos de atos delitivos, patológicos e antissociais (nos quais mesmo não sendo ilegais, são prejudiciais a vida em sociedade) sob uma perspectiva funcional (Granjeiro, 2014).

De acordo com Romero (1996), a relevância de tal contribuição se dá, ao defender que condutas antissociais tidas como "leves" muitas vezes compartilham antecedentes e expressões similares àqueles de maior gravidade, como as infrações legais. Além disso, pesquisas evidenciam que tais manifestações iniciais podem funcionar como indicadores precoces de uma trajetória evolutiva que culmina em comportamentos desviantes mais sérios. Assim, a conduta delitiva é compreendida como uma faceta específica dentro do espectro mais amplo das condutas antissociais, sugerindo uma continuidade entre formas menos graves de transgressão e atos infracionais propriamente ditos (Thornberry & Krohn, 2000).

Nessa direção, Miellet et al. (2021), em um estudo que objetivou identificar diferentes "trajetórias" de comportamento antissocial em jovens, constatou que jovens que começaram a exibir comportamentos antissociais (como agressão, vandalismo, pequenos furtos e violação de regras) no início da adolescência tinham uma probabilidade significativamente maior de continuar nesse caminho. Esse padrão persistente não apenas continuava, mas também escalava em gravidade, uma vez que os comportamentos que começavam como transgressões relativamente menores evoluíam para condutas delitivas mais sérias na transição para a vida adulta, incluindo crimes contra o patrimônio e violência.

À vista disso, pode-se afirmar que a aproximação comportamental permite a ampliação do campo de pesquisa, contribuindo para superar uma visão restrita que associava

a antissocialidade quase exclusivamente ao crime ou à presença de transtornos mentais, tornando-se possível considerar manifestações do fenômeno em diferentes contextos, populações e níveis de gravidade (Garcia, 2018). Assim, a compreensão das condutas socialmente desviantes na aproximação comportamental deixa de ser exclusivamente de modelos essencialmente categóricos para abordagens cada vez mais dimensionais.

1.4.1 Perspectiva categórica e dimensional

A perspectiva categórica, caracteriza as condutas antissociais como pertencentes a categorias clínicas definidas, implicando em um recorte diagnóstico baseado na presença ou ausência de critérios específicos (American Psychiatric Association, 2013). Os autores que defendem tal perspectiva propõem subtipos específicos de comportamentos antissociais, sugerindo categorias distintas de indivíduos com base em perfis psicopatológicos, genéticos e ambientais (Frick & Viding, 2009; Russell & Odgers, 2016). Entretanto, embora útil para fins clínicos e legais, tende a negligenciar as variações graduais de intensidade e frequência desses comportamentos na população geral (Krueger & Markon, 2011).

Em contraste, os modelos dimensionais propõem que as condutas antissociais se distribuem ao longo de um continuum, sem fronteiras rígidas entre o normal e o patológico. Sob essa ótica, traços como impulsividade, agressividade, insensibilidade emocional e desrespeito às normas sociais variam em graus e podem estar presentes em diferentes intensidades, tanto em indivíduos clinicamente diagnosticados quanto em populações não clínicas (Kotov et al., 2021; Krueger & Markon, 2011).

Nesse sentido, Houghton e Carroll (2002) adotam uma perspectiva dimensional ao conceberem as condutas socialmente desviantes como um continuum. Defendem que estas variam em intensidade e gravidade, estendendo-se desde ações socialmente inaceitáveis

(antissociais), como dificuldades de relacionamento no ambiente escolar, passando por condutas ilegais de média complexidade, como o uso de substâncias psicoativas, até comportamentos mais graves e de alta complexidade, como homicídio, roubo e estupro, configurando uma conduta delitiva.

Corroborando com isso, Santos et al. (2019) defende a relevância das condutas socialmente desviantes serem avaliados por meio de um continuum dimensional, visto que isso permite o estudo de atos antissociais com pouca gravidade e frequência, realizados por crianças e adolescentes, assim como, os atos graves e cometidos com frequência. Sob essa concepção, Walters (2011), em um estudo que objetivou determinar se o comportamento antissocial persistente ao longo da vida e limitado à adolescência formam categorias distintas ou se encontram em uma dimensão comum, constatou que a estrutura latente do comportamento antissocial é dimensional por natureza.

Desse modo, a perspectiva dimensional ao defender que os comportamentos antissociais se dão por meio de um continuum, direciona os esforços, que anteriormente estavam focados em melhorar os critérios diagnósticos, para a compreensão de tais comportamentos com diferentes variáveis e a ocorrência destes ao longo da vida (Santos et al., 2019). Diante do exposto, ressalta-se que essa perspectiva será considerada na presente tese.

1.5 Fatores de proteção e de risco

A compreensão das condutas socialmente desviantes exige uma abordagem multifatorial, que considere tanto os elementos que contribuem para seu desenvolvimento quanto aqueles que funcionam como barreiras contra sua manifestação. Por essa razão, os fatores de proteção e de risco tem certa notoriedade nos estudos de tais comportamentos (Jonason et al., 2016; Menon et al., 2024; Zúñiga et al., 2024).

Os fatores de risco são caracterizados como condições individuais, familiares, escolares ou sociais que aumentam a probabilidade de envolvimento em condutas antissociais e delitivas, enquanto os fatores de proteção atuam como moderadores e preditores desses riscos (Jolliffe et al., 2016). Vale ressaltar que ambos os fatores não devem ser analisados sob uma ótica determinista e causal, e sim probabilística. Nesse caso, os fatores de risco referem-se a condições que aumentam a probabilidade de ocorrência de condutas socialmente desviantes, enquanto os fatores de proteção referem-se a características ou circunstâncias que reduzem essa probabilidade, diminuindo a vulnerabilidade de tais indivíduos (Penney & Moretti, 2007). Isso implica dizer que nenhum fator de risco ou proteção de forma isolada pode predizer tais condutas, apesar disso, ambos têm significativa relevância na compreensão destas, uma vez que favorecem intervenções preventivas (Frick, 2004; Santos, 2008).

Nesse sentido, Zúñiga et al. (2024), em um estudo de revisão sistemática que objetivou examinar fatores de risco e proteção na infância relacionados a condutas ilegais, classificaram os fatores de risco e proteção em individual, interpessoal e contextual. Especificamente descrevem que os fatores de risco no nível individual, incluindo aspectos biológicos, socioemocionais, comportamentais, sintomáticos e experiências de vida. Já os de nível interpessoal e contextual estão relacionados a família, escola, pares, situação socioeconômica e governo. Por fim, os fatores de proteção, no qual referem-se a aspectos cognitivos, socioemocionais e de desenvolvimento da personalidade. A partir disso, os autores concluem que reconhecer os fatores de risco e de proteção no desenvolvimento infantil, favorecem intervenções em diferentes áreas e níveis, visando prevenir o comportamento antissocial e por consequência os delitivos.

Corroborando com isso, Gubbels et al. (2023) em um estudo de meta-análise, reuniu estudos sobre o impacto de diferentes fatores de proteção para comportamento antissocial em jovens. Os resultados apontaram um efeito significativo e negativo em 50 fatores, que foram

designados como verdadeiramente protetores. O maior impacto foi encontrado para níveis mais elevados de conservadorismo, autotranscendência, satisfação com a vida, envolvimento em relacionamentos românticos, capacidade de refletir ou mentalizar, qualidade dos relacionamentos com colegas, pares pró-sociais, valores pró-sociais, afabilidade, autoestima escolar, controle parental, resiliência geral e habilidades sociais. Além disso, também constataram que o impacto de tais fatores foi moderado pela idade, gênero e gravidade de comportamentos antissociais que exibiam. Com isso, concluiu-se que o impacto dos fatores de risco e proteção diferem entre os subgrupos de jovens antissociais.

Acerca disso, Nardi (2016) ao investigar os preditores do comportamento antissocial e avaliar diferenças entre escolares e adolescentes em conflito com a lei, constatou que as variáveis sexo e ambiente estressor, computado pelos eventos estressores, qualidade do relacionamento familiar e violência intra e extrafamiliar predizem o uso de drogas e comportamentos antissociais. Além disso, o grupo de adolescentes que cumpria medida socioeducativa apresentou médias significativamente superior quanto a todas as variáveis consideradas de risco. Já nas variáveis consideradas de proteção (*i.e.*, relacionamento familiar e expectativas de futuro – apresentaram médias maiores no grupo de jovens das escolas. Esses dados indicam a relevância do contexto no qual o adolescente estar inserido.

Desse modo, os achados dos estudos citados anteriormente reforçam o que foi dito por Garcia (2018) e Santos (2008) acerca dos fatores de risco e proteção. Uma vez que afirmaram que estes podem ser sistematizados e categorizados, sendo classificados em: fatores *macrossociais*, *microssociais* e *individuais*. A primeira dimensão, de caráter *macrossocial*, refere-se ao contexto mais amplo no qual o indivíduo está inserido, abrangendo fatores relacionados à organização econômica, às normas legais e aos valores culturais predominantes em uma determinada sociedade. Já a segunda dimensão, *microssocial*, comprehende variáveis igualmente sociais, porém localizadas em esferas mais próximas e

immediatas (e.g., família, escola e comunidade). Por fim, os fatores individuais versam sobre questões fisiológicas, crenças, habilidades, valores, atitudes e personalidade (Garcia, 2018; Santos 2008).

Nessa conjuntura, apesar dos estudos pautaram-se primordialmente nos fatores macrossociais, logo os pesquisadores também se voltaram para os fatores microssociais, com a justificativa de que tais ambientes eram passíveis de influências mais diretas ao indivíduo e por isso, oportunizavam intervenções em curto prazo (Santos, 2008). Do mesmo modo, destaca-se que os estudos atuais têm se voltado para a compreensão dos comportamentos antissociais por meio dos fatores intrínsecos, como: atitudes (Hopwood & Bleidorn, 2020), valores (Elizarov et al., 2024) e personalidade (Greitemeyer, 2022).

À vista disso, destaca-se que a presente tese segue o foco de pesquisa de Elizarov et al. (2024) e Greitemeyer (2022) ao considerar os valores humanos e os traços de personalidade como variáveis correlatas às condutas socialmente desviantes. A seguir abordase melhor essa relação.

1.6 Valores humanos e condutas antissociais e delitivas

Os valores humanos desempenham um papel crucial na compreensão dos comportamentos antissociais e delitivos, atuando tanto como fatores de proteção quanto de risco. Assim, determinados valores podem predispor ou inibir tais comportamentos, dependendo de sua natureza e intensidade. Desse modo, as pesquisas têm apontado os valores humanos como preditores de comportamentos antissociais e delitivos, principalmente sobre aqueles que abordam o cumprimento de regras sociais, estabelecendo-o como fatores de proteção (Formiga & Gouveia, 2005; Gouveia, 2013; Medeiros et al., 2017).

Salienta-se que diferentes modelos teóricos de valores humanos são utilizados nos estudos que buscam compreender os comportamentos antissociais e delitivos (e.g., Gouveia, 1998, 2003, 2013; Rokeach, 1973; Schwartz, 1992). No entanto, nesta tese, levar-se à em conta os dois modelos que se destacam nos estudos acerca dessa temática, são estes o modelo de Schwartz (1992) e Gouveia (1998, 2003, 2013).

Acerca disso, é possível citar Elizarov et al. (2024), que ao considerar o modelo de Schwartz propôs um mecanismo sociocognitivo que possui o intuito de explicar como os valores das crianças estão ligados a seus comportamentos pró-sociais e antissociais no jardim de infância. Os resultados apontam que a preferência das crianças por valores de autotranscendência se relacionavam com maiores comportamentos pró-sociais e menores antissociais, em sala de aula.

Nessa perspectiva, Ring et al. (2023) classificaram a importância dos valores desportivos e dos valores pessoais básicos de Schwartz acerca da frequência de comportamentos antissociais no desporto. Os resultados apontaram que com os valores desportivos, o comportamento antissocial foi negativamente correlacionado com os valores morais, mas positivamente correlacionado com os valores de estatuto. Porém, com os valores pessoais, o comportamento antissocial foi negativamente correlacionado com os valores de conservação e autotranscedência, mas positivamente correlacionado com os valores de autovalorização. Ver-se, portanto, que o comportamento antissocial possui correlação tanto com os valores desportivos, quanto com os valores pessoais.

Outras pesquisas consideram a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2003), como Medeiros et al. (2017), que realizou um estudo com o objetivo de verificar em que medida os valores humanos predizem os comportamentos antissociais e estes, por sua vez, predizem os delitivos, atestando que valores da subfunção normativa estão negativamente correlacionados com comportamentos antissociais, enquanto valores de

experimentação apresentam correlação positiva. Isso sugere que indivíduos que priorizam a conformidade com normas sociais tendem a evitar comportamentos desviantes, ao passo que aqueles que valorizam a busca por novidades e excitação podem estar mais propensos a tais condutas.

Nessa direção, também considerando o modelo de Gouveia (2003), Nascimento (2021), com o intuito de verificar a relação entre as subfunções dos valores humanos e o comportamento de *bullying* expresso por adolescentes em ambiente escolar, constatou uma correlação positiva e significativa entre a subfunção de realização e o *bullying* e correlação negativa e significativa entre as subfunções existência e normativa com o comportamento de *bullying*, o qual é considerado antissocial, podendo ser agravado para um delitivo.

Perante o exposto pode-se afirmar que tais estudos reforçam a relevância dos valores humanos na explicação dos comportamentos antissociais e delitivos. Uma vez que, ao mesmo tempo em que se observa que os valores de experimentação, realização e autovalorização podem se caracterizar como fatores de risco, também é possível destacar os valores sociais normativos como fator de proteção dos comportamentos antissociais e consequentemente os delitivos. Por fim, os estudos supracitados abordam de forma consistente a contribuição dos valores na explicação das condutas socialmente desviantes, considerando tanto o modelo de Schwartz como o de Gouveia.

1.7 Personalidade e condutas antissociais e delitivas

Como já esclarecido anteriormente, as condutas socialmente desviantes não podem ser explicadas a partir de uma única variável, porém, é possível destacar as que aparecem como explicadores, das quais, entre elas encontra-se a personalidade. Nessa perspectiva, a literatura esclarece que aspectos relativamente estáveis do funcionamento psicológico do indivíduo, como a personalidade, podem predispor a padrões persistentes de violação de normas sociais

e direitos alheios, sendo, portanto, fundamentais para a compreensão do fenômeno (Farrell & Vaillancourt, 2021).

Por essa razão, pode-se afirmar que a personalidade desempenha um papel central na compreensão das condutas antissociais, sendo reconhecida como um fator preditivo significativo para a manifestação de condutas desviantes. Dentre os diversos modelos, o que aparece com maior frequência nas pesquisas é o modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big five*), visto que é amplamente utilizado como referencial para a compreensão de diversos fenômenos psicológicos, incluindo os comportamentos antissociais e delitivos (Jolliffe & Farrington, 2019). Por essa razão, esse será o modelo de personalidade aqui utilizado.

Entre os cinco domínios do modelo, pesquisas recentes indicam que três dos cinco grandes fatores de personalidade apresentam maior relevância na compreensão de comportamentos antissociais: baixos níveis de agradabilidade e conscienciosidade, além de altos níveis de neuroticismo (Jolliffe & Farrington, 2024). A reduzida agradabilidade está associada a menor empatia, dificuldade em cooperar e menor consideração pelas normas sociais, o que pode favorecer condutas hostis, manipulativas ou agressivas. Por sua vez, indivíduos com baixa conscienciosidade tendem a ser mais impulsivos, desorganizados e negligentes em relação a regras e deveres, características frequentemente ligadas à violação de normas e envolvimento em comportamentos infracionais (Jones et al., 2011; Jolliffe & Farrington, 2019, 2024; Miller & Lynam, 2001).

Já o neuroticismo elevado, relacionado à instabilidade emocional, tem sido positivamente correlacionado com práticas antissociais, sugerindo que dificuldades na regulação emocional podem aumentar a propensão a essas condutas (Quan et al., 2024). Corroborando com isso, López et al. (2022) em um estudo que objetivou determinar a relação entre traços de personalidade e conduta antissocial em adolescentes de uma instituição

educacional pública em Chiclayo, constatou uma correlação entre a dimensão neuroticismo e comportamento antissocial em estudantes de 15 a 16 anos, concluindo que para um estudante do sexo masculino, com idade entre 15 e 16 anos, quanto maiores os traços de neuroticismo, maior o comportamento antissocial, e consequentemente, maior chance de se envolver em condutas delitivas.

Nesse cenário, Çutuk et al. (2021) ao estudar a relações entre traços de personalidade e comportamentos pró-sociais e antissociais exibidos em atletas de equipe, também destacam os traços de neuroticismo e extroversão como explicadores dos comportamentos antissociais, no qual a extroversão aparece como fator de proteção e o neuroticismo como fator de risco. Visto que os resultados apontam uma relação positiva e significativa entre o comportamento pró-social-equipe, o comportamento pró-social-oponente e a subdimensão de extroversão, além de uma relação negativa e significativa com o neuroticismo.

Perante o exposto, é possível destacar a relevância da personalidade e dos valores humanos na compreensão dos comportamentos antissociais e delitivos e a necessidade de compreender cada vez mais a relação e poder explicativo entre esses construtos. Contudo, a fim de contribuir com uma discussão mais robusta, os capítulos seguintes irão se deter a explicação dos construtos valores humanos e personalidade, seu contexto histórico, principais teorias, modelos e o levantamento de estudos realizados na área.

2. VALORES HUMANOS

Os valores humanos ocupam um papel central na Psicologia, e mais precisamente na Psicologia Social, visto que é considerado um construto relevante para a compreensão de diversos fenômenos psicossociais (Bardi & Schwartz, 2001; Silva et al., 2022; Sagiv & Schwartz, 2022). Desse modo, as contribuições iniciais de Rokeach (1973) foram fundamentais para a consolidação do conceito de valores, guiando a compreensão de tal fenômeno nos níveis cultural e individual (Medeiros, 2011). No nível cultural destacam-se os modelos teóricos de Hofstede (1984) e Inglehart (1977), enquanto no nível individual, destacam-se Rokeach (1973), Schwartz (1992), e mais recentemente Gouveia (1998, 2013).

Diante da relevância dos valores humanos na explicação de fenômenos psicossociais, especificamente na compreensão de comportamentos, dentre eles o antissocial e delitivo (Medeiros et al., 2017), parece oportuno descrever sua construção histórica, discorrendo acerca das abordagens de nível cultural e individual e faz-se importante salientar que a tese se ampara na compreensão dos valores por meio da abordagem individual.

2.1 Valores instrumentais e terminais

Rokeach foi o primeiro a teorizar, sistematizar e consolidar o conceito de valores humanos. Foi por meio de suas ideias iniciais que diversos autores (e.g., Gouveia, 2013; Inglehart, 1977 e Schwartz, 1992), empenhados em refiná-las, desenvolveram diferentes modelos que contribuem significativamente com o desenvolvimento desse construto.

Acerca disso, destaca-se que o caminho seguido por Rokeach (1973) que contribuiu com a consolidação desse construto, se deu a partir da reunião de informações de diferentes perspectivas teóricas, como a filosofia, antropologia, sociologia e psicologia; a conceituação dos valores e a diferenciação de outros construtos no qual costumava ser relacionado (e.g., atitudes e personalidade) a construção e validação do primeiro instrumento que media os valores de forma específica e científica; e a confirmação de que os valores humanos possuem

centralidade no sistema cognitivo das pessoas, reunindo dados sobre antecedentes e consequentes (Gouveia et al., 2001).

Sua teoria fundamenta-se em cinco premissas centrais: (1) os indivíduos compartilham um número relativamente restrito de valores; (2) apesar das variações culturais, os seres humanos tendem a possuir um conjunto comum de valores, distinguindo-se, contudo, pela importância relativa atribuída a cada um; (3) os valores não existem de forma isolada, sendo estruturados em sistemas organizados; (4) os fatores que influenciam a formação dos valores incluem elementos culturais, sociais, institucionais e características da personalidade; e (5) os valores se expressam por meio de comportamentos e fenômenos que merecem atenção e análise por parte das ciências sociais (Rokeach, 1973).

Nessa perspectiva, os valores humanos são definidos como “uma organização duradoura de crenças referentes a modos de conduta ou estados finais de existência ao longo de um contínuo de relativa importância” (Rokeach, 1973, p. 5). Nesse caso, é possível afirmar que o número total de valores que uma pessoa possui é relativamente pequeno, sendo o sistema de valores relativamente estável, no qual cada valor é ordenado, podendo ser reordenado, em grau de importância em relação aos demais, isto é, possui uma organização hierárquica (Braithwaite & Law, 1985).

Desse modo, Rokeach operacionalizou os valores como modos de conduta e estados finais, construiu um instrumento para ordenação e classificação de 36 valores, sendo 18 instrumentais e 18 terminais. Assim, os valores *instrumentais*, considerando o modo de conduta, foram divididos em duas categorias: morais (condutas interpessoais) e de competência (condutas intrapessoais), enquanto os *terminais*, com base em estados finais, apresentam duas tendências, centrados no indivíduo (pessoais) ou na sociedade (sociais) (Hofstede & Bond, 1984).

Entretanto, apesar de atestar a relevância pioneira da teoria de Rokeach, essa divisão tem sido considerada pouco funcional, por dificultar a análise integrada dos valores como sistemas dinâmicos e inter-relacionados (Gouveia et al., 2003; Tamayo & Porto, 2009). Além disso, outras problemáticas foram apontadas no seu modelo, como: a restrição da amostra dos seus estudos, a natureza ipsativa da medida e a indefinição da estrutura de valores (Gouveia, 2001). Com isso, outros modelos teóricos começaram a ganhar espaço na literatura, sendo possível destacar os de Shalom H. Schwartz (Schwartz, 2001; Schwartz & Bilsky, 1987, 1990) e o mais recentemente o de Gouveia (2003).

2.2 Teoria dos Valores Básicos Universais

O modelo teórico de valores humanos desenvolvido por Shalom Schwartz destaca-se como uma das abordagens mais influentes e amplamente utilizadas na atualidade, assim como nos estudos sobre condutas socialmente desviantes (Elizarov et al., 2024; Greitemeyer, 2022; Joyal-Desmarais et al., 2024). A teoria dos valores humanos básicos, proposta pelo autor, identifica 10 tipos motivacionais universais, organizados em uma estrutura circular, permitindo a análise dos valores como guias centrais do comportamento humano em diferentes culturas (Schwartz, 1992).

Com base em extensas pesquisas empíricas conduzidas em mais de 60 países, essa abordagem oferece um referencial teórico e metodológico robusto que favorecem a compreensão de como os valores explicam atitudes, decisões e interações sociais (Schwartz et al., 2001). Assim, parece oportuno apresentar os fundamentos conceituais do modelo de Schwartz, sua estrutura teórica, as categorias motivacionais propostas e a relevância dessa abordagem para a análise das condutas antissociais e delitivas, tema central desta tese.

Schwartz (1992), apresenta como principal contribuição, a perspectiva de que os valores humanos: (1) constituem princípios orientadores profundamente enraizados nas crenças dos indivíduos; (2) é um construto motivacional que orienta os indivíduos a agirem

de forma apropriada; (3) diferentemente de atitudes ou normas sociais, os valores possuem caráter trans-situacional, ou seja, não se limitam a situações específicas, exercendo influência ampla e contínua sobre o comportamento humano; (4) funcionam como critérios fundamentais na seleção e na avaliação de ações, políticas, pessoas e eventos, orientando julgamentos e decisões; e (5) são organizados em um sistema estruturado, no qual cada valor ocupa uma posição relativa em função de sua importância perante os demais, formando, assim, uma hierarquia axiológica coerente (Schwartz, 1992).

Nessa direção, define os valores “como objetivos desejáveis e transicionais, de importância variável, que servem como princípios orientadores na vida das pessoas” (Schwartz et al., 2001, p. 523). Nos quais, ajudam os humanos a lidar com os três requisitos da existência humana: as necessidades humanas (organismo biológico), os motivos sociais (interação) e as necessidades dos grupos (bem-estar e sobrevivência) (Schwartz, 2001).

Assim, tomando como base o tipo de objetivo ou motivação que expressa cada valor, o autor retrata 10 tipos motivacionais que abrangem um conjunto de valores identificados em diferentes culturas, sendo estes: Autodeterminação, Estimulação, Hedonismo, Realização, Poder, Segurança, Conforto, Tradição, Benevolência e Universalismo (Schwartz, 1992).

Estes serão definidos na tabela a seguir:

Tabela 1

Tipos motivacionais de valores

Definição	Exemplo de Valores	Fontes
<i>Poder.</i> Status social e prestígio, controle ou domínio sobre as pessoas e os recursos.	Poder social, Autoridade, Riqueza.	Interação Grupo
<i>Realização.</i> Sucesso pessoal por meio da demonstração de competência segundo os padrões sociais.	Bem-sucedido; Capaz; Ambicioso	Integração Grupo
<i>Hedonismo.</i> Gratificação sensual e prazer para si mesmo	Prazer; Apreciar a vida	Organismo
<i>Estimulação.</i> Excitação, novidade e desafio na vida.	Ousadia; Vida variada; Vida excitante	Organismo
<i>Autodeterminação.</i> Independência de pensamento e ação, criando, explorando.	Criatividade; Curiosidade; Liberdade.	Organismo Interação

<i>Universalismo</i> . Compreensão, tolerância, estima e proteção para com o bem-estar de todas as pessoas e da natureza.	Tolerância; Justiça social; Igualdade; Proteção do meio ambiente.	Grupo Organismo
<i>Tradição</i> . Respeito, comprometimento e aceitação dos costumes e ideias que a cultura ou religião impõem.	Respeitoso com tradições; Humilde; Religioso	Interação Grupo
<i>Benevolência</i> . Preservação e aumento do bem-estar das pessoas com quem se tem contato pessoal frequente.	Prestativo; Honesto; Não rancoroso	Organismo Interação Grupo
<i>Conformidade</i> . Contém as ações, inclinações e impulsos que possam fazer mal ou causar sofrimento a outros ou que violem as expectativas ou normas sociais.	Bons modos; Obediente; honra aos pais e aos mais velhos	Interação
<i>Segurança</i> . Segurança estabilidade e harmonia da sociedade, dos relacionamentos ou da própria pessoa	Segurança nacional; Ordem social; Limpo	Organismo Interação Grupo

Adaptado de Schwartz (2001)

Ressalta-se que o modelo estabelece uma associação direta entre os valores e as motivações humanas fundamentais, de modo que a organização dos valores reflete, de forma estrutural, as principais orientações motivacionais que guiam o comportamento individual. Isto é, quando o indivíduo emite um comportamento tomando um dos valores como meta, as consequências podem conflitar ou compactuar com algum outro valor (Santos, 2008; Schwartz, 1992). Desse modo, a estrutura circular do modelo representa, de maneira gráfica e conceitual, a dinâmica relacional entre os diferentes tipos motivacionais (ver figura 1).

Figura 1

Estrutura dos Valores humanos básicos



Schwartz (2005)

Essa disposição espacial indica não apenas os graus de congruência e de conflito entre os valores, mas também evidencia a continuidade do conteúdo motivacional entre eles. Valores situados próximos uns dos outros compartilham motivações compatíveis, enquanto aqueles dispostos em lados opostos refletem motivações em tensão ou antagonismo. Dessa forma, os valores situam-se ao longo de um contínuo motivacional, em que os 10 motivadores se dividem em duas dimensões: Abertura à mudança versus Conservação e Autotranscendência versus Autopromoção. Estes constituem os fatores de ordem superior (Schwartz, 2005).

No entanto, ressalta-se que, mais recentemente o próprio Schwartz e colaboradores (2012) propuseram uma refinada na teoria de valores individuais básicos, com o intuito de

expandir as possibilidades de pesquisa e o poder explicativo. Para isso, inicialmente realizaram o exame da teoria original, identificando novas distinções conceituais. Posteriormente avaliaram tais distinções dos valores, por meio de pesquisa empírica em diversos países. E por fim, avaliaram a utilidade dos valores refinados.

Contudo, ordenaram 19 valores no contínuo, com base em suas motivações compatíveis e conflitantes, expressão de autoproteção versus crescimento e foco pessoal versus social, sendo estes: Autodireção de Pensamento, Autodireção de Ação, Estimulação, Hedonismo, Realização, Poder de Domínio, Poder sobre Recursos, Segurança Pessoal, Segurança Social, Tradição, Conformidade com Regras, Conformidade Interpessoal, Benevolência Dependência, Benevolência Cuidado, Compromisso, Universalismo Natureza, Universalismo Preocupação, Universalismo Tolerância e Universalismo Objetividade.

Acerca disso, Schwartz et al. (2012) destacam que a teoria com 19 valores não se opõe a anteriormente consolidada (10 valores), e sim, são compatíveis. Uma vez que os 19 valores abrangem o mesmo contínuo motivacional circular que os 10 originais, assim, ao combinar valores adjacentes no círculo, deve ser possível recapturar os 10 valores originais ou formar outros agrupamentos de valores. Desse modo, defendem que a teoria refinada traz como principal benefício, o contínuo motivacional de valores em um número maior de valores mais estreitamente definidos e conceitualmente distintos. Ampliando a compreensão do domínio dos valores e as possibilidades de uso para o estudo de diferentes fenômenos.

Por fim, os autores deixam claro que o intuito final de refinar a teoria, não é excluir o uso dos 10 valores, e sim, proporcionar uma maior abrangência de acordo com a necessidade do pesquisador, possibilitando o uso de 19 valores, possuindo maior detalhamento conceitual e clareza, ou combiná-los e trabalhar com os 10 valores originais (Schwartz et al., 2012). À vista disso, considerando o formato mais parcimonioso e a consolidação na literatura,

especificamente nos estudos relacionados a temática principal da presente tese – Comportamentos antissociais e delitivos, será considerado o modelo original de 10 valores (Schwartz, 1992).

2.3 Teoria Funcionalista dos Valores humanos

Como dito anteriormente, é inegável a contribuição do modelo de valores básicos universais de Schwartz (1992) na literatura, assim como nos estudos sobre comportamentos antissociais e delitivos (Albouza et al., 2020; Elizarov et al., 2024; Ring et al., 2023). No entanto, vale destacar a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (TFVH), de Gouveia (1998, 2003, 2013), uma vez que é mais atual e parcimoniosa, também tem se mostrado eficaz na compreensão de tais comportamentos (Amorim-Gaudêncio et al., 2023; Monteiro et al., 2017; Souza et al., 2015).

A TFVH (Gouveia, 1998, 2003, 2013) admite cinco pressupostos fundamentais: (1) a natureza humana é considerada essencialmente benévolas, o que justificaria o caráter positivo de todos os valores; (2) os valores funcionam como princípios- guias individuais, cabendo à cultura favorecer aqueles que contribuem para a sobrevivência coletiva, tornando-os socialmente desejáveis; (3) possuem uma base motivacional, na medida em que representam cognitivamente as necessidades humanas; (4) têm um caráter terminal, pois expressam os objetivos finais ou os propósitos últimos da vida; (5) apresentam um aspecto duradouro, mantendo-se relativamente constantes ao longo do tempo e entre diferentes culturas, variando apenas quanto à intensidade com que são valorizados (Gouveia 2003, 2013).

Desse modo, os valores possuem uma função essencialmente funcional, atuando como guias do comportamento humano (1º função: tipo de orientação) e como expressões cognitivas das necessidades individuais (2ª função: tipo de motivação). Tais funções estruturam dois eixos principais: o eixo horizontal, correspondente ao tipo de orientação, e o eixo vertical, referente à natureza dos motivadores. O eixo horizontal classifica os valores em

pessoais, centrais e sociais. Já o eixo vertical, refere-se aos motivadores, identificando dois tipos de necessidades: materialista e idealista (Gouveia et al., 2015)

Especificamente, os valores *materialistas* referem-se àqueles de ordem prática, no qual caracterizam pessoas com prioridades, metas claras e regras normativas, nesse caso, predomina a visão da vida como fonte de ameaças. Já os valores *idealistas* são baseados em princípios e ideias mais abstratos, referentes a pessoas menos dependentes de bens materiais e que buscam por novidades, enxergando a vida como fonte de possibilidades (Gouveia, 2003; Medeiros, 2011).

Quando combinadas, estas funções formam um delineamento 3 X 2 em que o 3 se refere aos tipos de orientação (pessoal, central e social) e o 2 ao tipo de motivador (materialista e idealista). A combinação das duas dimensões, resultam em seis subfunções ou valores básicos. Tais subfunções se organizam de forma equilibrada entre os diferentes tipos de orientação valorativa — social (interativa e normativa), central (suprapessoal e de existência) e pessoal (experimentação e realização). Assim como, nos tipos de motivadores, materialistas (existência, realização e normativa) e idealistas (experimentação, suprapessoal e interativa) (Gouveia, 2016; Gouveia et al., 2014; Gouveia et al., 2011). Uma apresentação esquemática destas interações pode ser observada na Figura 2, sendo a descrição de cada uma das subfunções apresentada em seguida.

Figura 2

Dimensões e subfunções dos valores humanos

		<i>Valores como padrão-guia de comportamentos</i>		
		<i>Metas pessoais (o indivíduo por si mesmo)</i>	<i>Metas centrais (o propósito geral da vida)</i>	<i>Metas sociais (o indivíduo na comunidade)</i>
<i>Valores como expressão de necessidades</i>	<i>Necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades)</i>	Experimentação Emoção Sexualidade Prazer	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça)</i>	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

(Gouveia et al., 2014a, 2015).

Subfunção experimentação (motivador humanitário e orientação pessoal). Refere-se às necessidades fisiológicas associadas à busca por satisfação em um sentido amplo, estando fundamentadas no princípio do prazer (Gouveia, 2013). Nessa conjuntura, indivíduos que adotam tais valores possuem dificuldade em aceitar regras sociais (Santos, 2008) e não se orientam por metas materiais e concretas a longo prazo. Valores que podem representar esta subfunção são emoção, sexualidade e prazer.

Subfunção de realização (motivador materialista e orientação pessoal). Essa subfunção está relacionada às necessidades de estima e autorrealização. Indivíduos que demonstram predominância desses valores tendem a pautar suas decisões e comportamentos em princípios pessoais voltados para conquistas concretas, especialmente de natureza material. São, em geral, práticos em suas ações e valorizam contextos sociais marcados pela estrutura, ordem e previsibilidade (Gouveia et al., 2015). Os valores específicos comumente associados a essa subfunção incluem o êxito, poder e prestígio.

A subfunção suprapessoal (motivador humanitário e orientação central). Esta abrange valores associados às necessidades de estética, de cognição e autorrealização, traduzindo um entendimento maduro da vida. Tais valores demonstram compatibilidade com aqueles de orientação social e pessoal que compartilham o mesmo motivador, refletindo a valorização de conceitos abstratos em detrimento de aspectos concretos e materiais (Gouveia, 2013).

A subfunção existência (motivador materialista e orientação central), expressa necessidades cognitivas básicas voltadas à manutenção da sobrevivência orgânica, bem como à preservação da saúde psicológica e mental (Godoy & Oliveira-Monteiro, 2015). Essa subfunção apresenta valores compatíveis com as orientações social e pessoal, funcionando como referência para as subfunções realização e normativa (Gouveia et al., 2015). É composta pelos valores específicos de estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência.

Subfunção Interativa (motivador humanitário e orientação social). Abrange valores fundamentais para a regulação e manutenção das relações interpessoais. Esses valores expressam necessidades relacionadas ao pertencimento, ao amor e à afiliação, destacando a importância do destino compartilhado entre os indivíduos e das vivências afetivas comuns. O contato social é compreendido como um fim em si mesmo, com ênfase em aspectos afetivos e abstratos, desvinculados de interesses pessoais (Silva et al., 2022). Entre os valores que compõem essa subfunção, destacam-se a afetividade, o apoio social e a convivência.

A subfunção normativa (motivador materialista, orientação social) está associada à preservação das normas sociais e dos elementos culturais. Tais valores enfatizam a importância da conformidade às regras estabelecidas, valorizando a obediência como princípio central. Nessa perspectiva, a hierarquia social é concebida como um eixo orientador das relações, reafirmando a necessidade de ordem e continuidade cultural, isto é, endossar valores normativos evidencia uma orientação vertical, na qual a obediência à autoridade é de

suma importância (Monteiro et al., 2017). Com o intuito de facilitar a compreensão dos valores específicos de cada subfunção, elaborou-se a tabela a seguir.

Tabela 2. Descrição das subfunções dos valores humanos básicos.

	<i>Valores básicos e suas descrições</i>
<i>Subfunção experimentação</i>	Emoção. Busca por desafios e excitabilidade frente ao perigo. Prazer. Desfrutar a vida e satisfazer todos os seus desejos. Sexualidade. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
<i>Subfunção realização</i>	Êxito. Ser eficiente e alcançar metas. Se destacar dos demais. Poder. Influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe. Prestígio. Deseja ser reconhecido, admirado e obter vantagens do reconhecimento social
<i>Subfunção suprapessoal</i>	Beleza. Apreciar o que é belo, contemplar obras de artes, possui uma necessidade estética. Conhecimento. Busca por conhecimento, procura estar sempre atualizado e realizar descobertas. Maturidade. Encontrou um sentido existencial, sente-se satisfeito consigo mesmo e percebe-se útil na vida.
<i>Subfunção existência</i>	Estabilidade. O foco está em possuir uma vida organizada e planejada, buscando segurança e sobrevivência. Saúde. Evitam situações ou coisas que ameacem a qualidade da sua saúde. Sobrevivência. Preocupa-se com as necessidades humanas mais básicas, como ter água e comida, e poder dormir bem todos os dias.

Subfunção interativa	<p>Afetividade. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura, compartilhando afetos, cuidados e tristezas.</p> <p>Apoio Social. Enfatiza a necessidade de afiliação. Deseja obter ajuda quando necessitar; sentir que não está só no mundo.</p> <p>Convivência. Conviver com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.</p>
Subfunção normativa	<p>Obediência. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, figuras de autoridade e os mais velhos.</p> <p>Religiosidade. Reconhecimento de um ser superior e princípios em que se busca guiar a sua vida.</p> <p>Tradição. Seguir as normas sociais de seu país; respeitar as tradições de sua sociedade.</p>

Essa estrutura permite compreender como os valores regulam, direcionam e justificam o comportamento dos indivíduos em diferentes contextos sociais e individuais. Sendo útil também para auxiliar o entendimento da relação dos comportamentos antissociais e delitivos com os valores humanos, de forma integradora, parcimoniosa e teoricamente fundamentada.

2.4 Teorias de valores e comportamentos antissociais e delitivos

Primeiramente, faz-se necessário destacar que serão enfatizados aqui os dois modelos teóricos com mais relevância na literatura acerca de valores humanos e condutas socialmente desviantes, já descritos e explicados anteriormente – Schwartz (1992) e Gouveia (1998, 2003, 2013).

O modelo de valores humanos básicos, proposto por Schwartz (1992) constitui um referencial teórico amplamente utilizado para compreender motivações subjacentes ao comportamento humano, sendo, portanto, relevante para a análise de condutas antissociais e delitivas, esse modelo possibilita identificar como diferentes sistemas de valores podem influenciar escolhas e ações, favorecendo ou inibindo comportamentos socialmente desviantes.

Em contraste, valores centrados em ganhos pessoais, poder e sucesso tendem a aumentar a probabilidade de comportamentos voltados à autopreservação e à maximização benefícios individuais, mesmo que em detrimento de normas sociais ou éticas. Tal padrão confirma a premissa do modelo de Schwartz de que a hierarquia valorativa influencia diretamente a motivação para agir, fornecendo um arcabouço explicativo robusto para compreender a base motivacional das condutas antissociais.

Corroborando com isso, Myyry et al. (2021), em investigação transcultural envolvendo estudantes universitários da Bulgária, Estônia, Finlândia e Portugal ($n = 758$), objetivaram compreender como os valores humanos do modelo de Schwartz se relacionam a diferentes categorias de comportamento moralmente relevante. Desse modo, os resultados mostraram que os comportamentos pró-sociais foram previstos unicamente pelo contraste autotranscendência-autopromoção (*self-enhancement*), enquanto as três formas de transgressão (transgressões interpessoais, comportamentos antissociais e transgressões secretas) apresentaram associações tanto com esse contraste quanto com o de abertura à mudança-conservação (hedonismo-conformidade).

Contribuindo com a premissa que a teoria de valores básicos de Schwartz colabora significativamente com a compreensão dos preditores de comportamentos antissociais e delitivos, Seddig & Davidov (2018) realizaram um estudo que examinou dados de 1.810

jovens na Alemanha, utilizando modelos de equações estruturais, no qual evidenciaram que valores de autotranscendência e conservação associam-se negativamente ao comportamento violento interpessoal, enquanto valores de poder e estimulação apresentam associação positiva. Assim, concluíram que os valores podem contribuir significativamente para a explicação do comportamento violento.

Apesar da relevância da teoria de Schwartz (1992), faz-se necessário destacar uma teoria mais recente e parcimoniosa, a TFVH que, mesmo não apresentando um número tão vasto de estudos que contribuam na compreensão das condutas socialmente desviantes, demonstram-se consistentes (Formiga, 2013; Medeiros et al., 2017; Pimentel, 2004; Santos, 2008). Estes destacam os valores humanos como potenciais explicadores das condutas socialmente desviantes evidenciado que certos padrões valorativos estão associados à maior propensão para comportamentos desviantes. Evidenciando que valores de orientação pessoal — poder, prazer e prestígio — tendem a estar positivamente relacionados a atitudes de transgressão e à negação de normas sociais. Por outro lado, valores de orientação central e social - obediência, religiosidade e maturidade — apresentam-se como fatores de proteção contra comportamentos antissociais (Gouveia et al., 2010; Medeiros et al., 2017).

Nesse sentido, pode-se destacar o estudo de Formiga e Gouveia (2005), realizado com adolescentes entre 15 e 22 anos, no qual os autores observaram que jovens com maior valorização de metas individualistas (valores pessoais), apresentavam maior frequência de condutas antissociais e delitivas. Em contrapartida, aqueles que priorizavam valores de natureza normativa e interativa demonstraram menor envolvimento com tais práticas. Esses achados apontam para o papel moderador dos valores na etiologia do comportamento desviante, sobretudo na adolescência, fase crítica do desenvolvimento moral e social.

Complementarmente, o estudo de Medeiros et al. (2017) reforça essa perspectiva ao demonstrarem, por meio de modelos explicativos, que indivíduos orientados por valores vinculados à experimentação e à busca por gratificação imediata tendem a demonstrar menor conformidade com normas sociais, apresentando, consequentemente, maior propensão ao envolvimento em comportamentos antissociais. Enquanto aqueles indivíduos pautados na obediência e respeito às normas sociais tendem a apresentar menor propensão ao envolvimento em comportamentos antissociais.

Além do mais, pode-se destacar estudos que, apesar de não se utilizarem da escala de condutas antissociais e delitivas, retratam condutas desviantes, como *bullying*, vandalismo e homofobia e a relação destas com a TFVH. Nessa conjuntura, Monteiro et al. (2017) destacam a relevância dos valores humanos na compreensão de comportamentos agressivos entre pares no ambiente escolar, especificamente o *bullying*. Seu estudo objetivou conhecer em que medida os valores humanos predizem o *bullying*, testando o papel moderador das variáveis sexo e idade. Os resultados indicaram que os valores das subfunções interativa e realização predisseram comportamentos de *bullying* e estas não foram moderadas por sexo e idade das crianças.

Nessa conjuntura, Nunes (2021) em um estudo que objetivou explicar o vandalismo na escola a partir dos traços de personalidade sombria, valores humanos e desempenho acadêmico, concluiu que se correlacionaram de forma negativa e significativa com o vandalismo na escola os valores suprapessoais, normativos e de realização, sendo os valores suprapessoais os que melhores explicaram tal conduta. Demonstrando empiricamente que certos valores, especificamente os suprapessoais se associam a menor envolvimento em vandalismo, agindo como proteção, enquanto outros fatores (como traços sombrios) elevam o risco.

Já Gusmão et al. (2016), pesquisaram sobre em que medida os valores humanos estão relacionados com a homofobia flagrante e sutil, constataram que os valores normativos e de realização são melhores explicadores da homofobia sutil e geral, enquanto apenas valores normativos se associaram com a homofobia flagrante. O estudo destaca que os valores podem ser bons preditores da homofobia, principalmente aqueles materialistas, reforçando a adequação da teoria funcionalista para explicar atitudes socialmente desviantes.

Destarte, evidencia-se que a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos oferece um referencial teórico consistente e empiricamente validado para a compreensão dos comportamentos antissociais e delitivos. A associação entre certos valores, sobretudo os de orientação pessoal e materialista, e a maior propensão à transgressão reforça a importância da dimensão motivacional na etiologia desses comportamentos. Por outro lado, valores com orientação central e social, como os normativos, interativos e suprapessoais, têm se mostrado fundamentais como fatores de proteção, funcionando como mecanismos inibitórios frente a práticas desviantes.

Ainda que a literatura específica sobre a aplicação da TFVH a esses comportamentos seja incipiente, os estudos analisados apontam para sua relevância e aplicabilidade na explicação de diferentes manifestações de desvio, como *bullying*, vandalismo e homofobia. Assim, a compreensão dos padrões valorativos torna-se estratégica para o desenvolvimento de intervenções preventivas e de políticas públicas voltadas à redução da violência e à promoção de comportamentos pró-sociais.

3. PERSONALIDADE

O interesse em verificar traços que explicam os comportamentos individuais vem desde a antiguidade clássica, especificamente na Grécia e Roma antiga (McAdams, 2012). Pensadores clássicos como Aristóteles, Descartes, Maquiável e Platão mesmo sem evidências empíricas, já tratavam da personalidade em seus escritos, nos quais serviram de referência para teorias modernas da personalidade (Medeiros, 2014).

No século XX, os estudos pautaram-se em compreender a estrutura da personalidade humana, com o intuito de mapear os traços que caracterizam e explicam as diferenças individuais (Larsen & Buss, 2002). Já o estudo da personalidade enquanto disciplina e conceito teórico ocorreu apenas em 1930, marcado historicamente em razão das publicações de Gordon Allport (1937), intitulada *Personality: A Psychological interpretation*, e da obra de Henry Murray (1938) *Explorations in personality*.

Atualmente, a personalidade é reconhecida na Psicologia por sua relevância teórica e aplicada, percebida no número de estudos publicados, sendo possível destacar especialmente os que objetivam compreender os comportamentos antisociais e delitivos (Abdullah et al., 2021; Morgado & Vale-Dias, 2016; Visin et al., 2023). Todavia, vale destacar que no tocante a definição da personalidade, esta não é unificada, isto é, não existe uma única definição aceita por todos os estudiosos, o que evidencia a natureza complexa e multifacetada deste construto (Bergner, 2020; Rezende, 2019).

Se tratando do senso comum, a personalidade é frequentemente associada à imagem social ou à impressão que um indivíduo causa nos outros. Nessa perspectiva, a avaliação da personalidade ocorre por meio da percepção seletiva de características mais salientes, com base em comportamentos pontuais, os quais são generalizados para compor uma impressão global sobre o indivíduo (Schultz & Schultz, 2006). Essa abordagem do senso comum,

embora limitada, revela uma dimensão importante do construto: sua capacidade de organizar expectativas sobre o comportamento alheio a partir de padrões percebidos.

No âmbito da Psicologia, a personalidade é geralmente compreendida como um conjunto de características duradouras que orientam os modos de pensar, sentir e agir do indivíduo, mas que também podem apresentar variações ao longo do tempo em função das experiências vividas (Schultz & Schultz, 2006). Nessa conjuntura, a *American Psychological Association* (APA, 2023) define personalidade como “padrões duradouros de pensamento, emoção e comportamento que são relativamente consistentes ao longo do tempo e entre as situações”.

Tais definições ressaltam dois aspectos fundamentais da personalidade: sua estabilidade relativa ao longo do tempo e sua expressividade comportamental, que se manifesta em contextos diversos de maneira consistente, uma vez que embora relativamente estáveis, os traços de personalidade não são inflexíveis; eles podem ser modulados por fatores contextuais, experiências de vida e processos de desenvolvimento, especialmente durante a infância e adolescência (Caspi, Roberts & Shiner, 2005).

O interesse por pesquisar e compreender a personalidade, partiu de pesquisadores de diferentes abordagens da psicologia. Os estudos pioneiros sobre o tema seguiram um percurso metodológico diferenciado em relação a outras áreas da Psicologia, caracterizando-se pelo predomínio do método indutivo. Tal característica contribuiu para um desenvolvimento inicial marcado por limitações quanto ao rigor científico, o que dificultou a consolidação de modelos empírica e teoricamente robustos no campo da personalidade (Cervone & Pervin, 2022; Hall, et al., 2000; McAdams & Pals, 2006).

Nessa direção, seguindo um delineamento histórico, vale ressaltar que o estudo da personalidade perpassa por enfoque psicanalista, behaviorista, humanista e dos traços de

personalidade. Nesse caso, parece relevante compreender brevemente a perspectiva apontadas em cada enfoque teórico antes de voltar-se para o detalhamento do enfoque escolhido para a presente tese – traços de personalidade, visando a relevância histórica para a compreensão de tal construto.

Sob a perspectiva psicanalista, Sigmund Freud foi o primeiro autor a propor uma teoria sistemática sobre o tema, sendo influenciada significativamente pelas contribuições de estudiosos como Charcot, Janet, Jung e McDougall (Friedman & Schustack, 2008). Para Freud, os instintos constituíam os elementos fundamentais da personalidade, atuando como forças motivacionais que impulsionam o comportamento humano e direcionam o curso da vida psíquica. Tais instintos eram compreendidos como formas de energia fisiológica que conectavam exigências corporais aos conteúdos mentais, funcionando como mediadores entre as necessidades biológicas e a experiência psíquica do sujeito (Storr, 2001).

A vertente humanista apresentou uma concepção otimista da personalidade, enfatizando a saúde mental, o crescimento pessoal, as virtudes e os potenciais inatos do indivíduo. Os teóricos dessa perspectiva defendiam a capacidade humana de exercer o livre-arbítrio e de se autorregular, mesmo quando submetido a condições biológicas desfavoráveis, colocando à autodeterminação e o desenvolvimento pleno como componentes essenciais da experiência psicológica (Feist, Roberts & Feist, 2021). Ver-se, portanto, uma contribuição significativa, uma vez que esclarecem a necessidade de o comportamento ser analisado a partir de sua totalidade e não de forma fragmentada.

Por fim, faz-se necessário apontar a relevância da abordagem dos traços de personalidade, que faz menção aos *Cinco Grandes Fatores da Personalidade ou Big five*. O modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade consolidou-se em razão de sua

consistência empírica, demonstrando validade por meio de distintas metodologias e estratégias de extração dos fatores (Costa & McCrae, 1992; O'Connor, 2021).

As abordagens citadas anteriormente, não são as únicas existentes no âmbito da personalidade, porém é possível destacá-las como aqueles que apresentaram contribuições significativas no que se refere as definições e explicações acerca da estrutura da personalidade (Rezende, 2019). Além disso, considerando o enfoque desta tese, será explanada especialmente apenas a abordagem dos traços de personalidade, destacando os autores Gordon Allport, Raymond Cattell e Hans Eysenck, especificamente os cinco grandes fatores da personalidade.

3.1 Os antecessores teóricos do modelo *Big five*

Diferentemente de outros modelos teóricos da personalidade que se originaram a partir da observação clínica de indivíduos com distúrbios emocionais, a abordagem dos traços fundamenta-se na análise de pessoas emocionalmente saudáveis, buscando compreender os padrões relativamente estáveis do comportamento humano em contextos normais do desenvolvimento (Schultz & Schultz, 2011). Entre os diversos modelos pautados nos traços, é relevante destacar os trabalhos pioneiros de Gordon Allport, Raymond Cattell e Hans Eysenck. A consolidação dessa linha teórica culminou no desenvolvimento do modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (*Big five*). Os tópicos a seguir dissertarão resumidamente sobre a relevância teórica trazida por cada um desses autores, apresentando os aspectos centrais de suas definições.

3.1.1 *Gordon Allport*

Gordon Allport é amplamente reconhecido como um dos precursores da abordagem dos traços na Psicologia da Personalidade, tendo estabelecido as bases conceituais que permitiram compreender a personalidade como um conjunto de disposições relativamente

estáveis que orientam o comportamento humano ao longo do tempo e em diferentes contextos (Allport, 1937). Sua teoria representou um marco ao buscar integrar aspectos idiográficos e nomotéticos da personalidade, superando reducionismos psicodinâmicos e comportamentais predominantes na época.

Em seus primeiros trabalhos, Allport distinguiu dois tipos de traços: os *traços comuns* e os *traços individuais*. Os traços comuns referem-se a características amplamente compartilhadas por membros de uma mesma cultura, permitindo a comparação entre indivíduos. Já os traços individuais diziam respeito às particularidades únicas de cada pessoa, expressando sua singularidade. Posteriormente, para evitar ambiguidades conceituais, Allport modificou essa terminologia: os *traços comuns* passaram a ser chamados apenas de *traços*, enquanto os traços *individuais* foram renomeados como *disposições pessoais*, preservando seu compromisso com a análise idiográfica da personalidade (Engler, 2022).

Nesse sentido, o autor categorizou os traços em três níveis: *cardinais* (raros e dominantes, moldando praticamente todos os aspectos da vida de um indivíduo), *centrais* (mais frequentes e descriptivos da personalidade, descrevem o comportamento da pessoa) e *secundários* (menos evidentes e mais situacionais quando comparados aos cardinais e centrais (Pervin & John, 2004). Considerando a relevância dos traços na constituição da personalidade, Allport defendeu que a melhor forma de os identificar seria por termos linguísticos, uma vez que refletem categorias amplamente utilizadas para descrever as diferenças individuais.

Essa concepção fundamenta seu estudo de base léxica, no qual a análise sistemática do *Webster's New International Dictionary* (1925) permitiu mapear disposições de personalidade amplamente reconhecidas na cultura (Deary, 2009). Para isso, em parceria com Henry Odber, propôs a criação de uma taxonomia abrangente das características humanas

(Dumont, 2010), elencando 17.953 termos que descrevem a personalidade, cujo critério de inclusão das palavras seria a capacidade do termo em distinguir o comportamento dos seres humanos (Allport & Odber, 1936). Tais termos foram organizados em quatro categorias: (1) traços estáveis de personalidade; (2) estados temporários; (3) termos avaliativos; e (4) palavras ambíguas e metafóricas, sendo apenas a primeira considerada como traços de personalidade, reunindo cerca de 4.504 termos (Allport & Odber, 1936).

Entretanto, a taxonomia léxica proposta por Allport e Odber (1936), embora pioneira na tentativa de organizar os traços de personalidade a partir da linguagem, foi alvo de críticas por não ter passado por testes empíricos rigorosos, o que limitou seu alcance científico e gerou questionamentos quanto à sua aplicabilidade prática (Waller, 1999). Apesar disso, o impacto desse estudo foi um importante marco para o desenvolvimento dos *Cinco Grandes Fatores da Personalidade*, servindo de ponto de partida para o modelo multidimensional de (Cattell Digman, 1990; John & Srivastava, 1999).

3.1.2 Raymond Cattell

Considerando os achados de Allport (1973), Cattell empenhou-se em aprimorar a abordagem dos traços, conduzindo os estudos da personalidade para um enfoque mais empírico, objetivando representar os traços a partir de dimensões mensuráveis e estatisticamente verificáveis. Para isso, foi um dos pioneiros a fazer uso da técnica de análise fatorial com o intuito de construir uma taxonomia da personalidade (Hall et al., 2011; Schultz & Schultz, 2011).

Essa sistematização representou um marco na pesquisa psicológica, ao permitir uma mensuração objetiva e replicável da estrutura da personalidade, contribuindo significativamente para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação padronizados. Corroborando, Watts et al. (2023), reforçam a atualidade da análise fatorial como ferramenta

essencial na construção e validação de modelos teóricos da personalidade, demonstrando a permanência e a relevância da contribuição de Cattell para o campo.

Cattell (1950), concebia a personalidade como aquilo que permite prever o comportamento de um indivíduo em uma situação determinada. Para o autor, compreender a personalidade envolve identificar e mensurar um conjunto de traços relativamente estáveis que influenciam a forma como a pessoa pensa, sente e age diante dos estímulos do ambiente. Nesse sentido, visava não apenas a descrição, mas também a predição do comportamento, o que implicava considerar tanto os traços de origem hereditária quanto aqueles moldados pelas experiências sociais (Schultz & Schultz, 2011).

Acerca disso, constata-se que o conceito de traços é central nas pesquisas de Cattell (1950), concebendo os traços como uma estrutura mental fundamental da personalidade, sendo uma inferência derivada do comportamento observado, com o intuito de explicar a regularidade e a consistência nos padrões comportamentais. Este propôs que os traços poderiam ser divididos em *superficiais* – representam o agrupamento de variáveis manifestas e *fundamentais* - variáveis subjacentes que atuam na manifestação de comportamentos (Hall et al., 2000).

No desenvolvimento dessa abordagem, Cattell (1957) propôs uma classificação tripartida das fontes de dados utilizadas para investigar os traços individuais: os dados L (*Life Records*), os dados Q (Questionários) e os dados T (Testes objetivos). Os dados L referem-se a registros de vida, ou seja, informações derivadas da observação direta do comportamento em contextos naturais, como desempenho acadêmico, histórico profissional ou registros disciplinares. Os dados Q são obtidos por meio de questionários de autorrelato, nos quais o indivíduo responde a itens que refletem suas atitudes, crenças e padrões de comportamento. Já os dados T são oriundos de testes objetivos projetados para avaliar a personalidade de

maneira menos suscetível a vieses de resposta consciente, utilizando tarefas estruturadas em que o sujeito geralmente não tem clareza sobre o objetivo da avaliação. Essa distinção metodológica o permitiu ampliar a validade das inferências sobre os traços da personalidade, ao integrar múltiplas fontes de informação (Cattell & Kline, 1977; Hall et al., 2000).

A partir da integração dos dados L, Q e T, Cattell desenvolveu um modelo estruturado da personalidade baseado na análise fatorial, com o objetivo de identificar os traços fundamentais que compõem o funcionamento psicológico humano. Em tal modelo identificou 16 traços fundamentais da personalidade, a saber: expansivo/reservado; mais/menos inteligente; estável/sentimental; assertivo/humilde; despreocupado/moderado; consciencioso/evasivo; ousado/tímido; compassivo/determinado; desconfiado/confiante; imaginativo/prático; astuto/franco; apreensivo/plácido; inovador/conservador; autossuficiente/dependente do grupo; controlado/descontrolado; e, finalmente, tenso/calmo, os quais foram operacionalizados por meio do instrumento *Sixteen Personality Factor Questionnaire* (Cattell et al., 1970).

Entretanto, o modelo de traços desenvolvido por Cattell enfrentou críticas significativas, sobretudo em função das limitações metodológicas da época. A análise fatorial, técnica central na construção do modelo, ainda era incipiente e pouco aprimorada, o que resultou em uma estrutura considerada excessivamente complexa, composta por 16 fatores primários e 8 fatores secundários. A ausência de softwares estatísticos avançados dificultava a interpretação dos dados, comprometendo a aplicabilidade prática do instrumento, o que contribuiu para uma série de críticas ao modelo (John et al., 2010). Apesar disso, sua teoria contribuiu significativamente para a consolidação de uma ciência da personalidade empiricamente orientada, sendo precursora de modelos mais recentes, como o *Big five*.

3.1.3 Hans Eysenck

Eysenck destacou-se por conduzir uma ampla variedade de estudos voltados à mensuração da personalidade, compartilhando com Cattell a concepção de que está se estrutura a partir de traços relativamente estáveis. No entanto, foi crítico em relação às abordagens adotadas por Cattell, especialmente quanto à excessiva subjetividade dos procedimentos utilizados e às limitações relacionadas à replicabilidade e à generalização dos achados empíricos (Rezende, 2019).

Eysenck e Eysenck (1987), compreendem a personalidade como uma estrutura relativamente estável que influencia a forma como o indivíduo se adapta ao ambiente. Essa estrutura envolve uma organização duradoura de componentes como o temperamento, o caráter, o intelecto e os aspectos físicos da pessoa. Estes autores, enfatizam a importância dos fundamentos biológicos da personalidade, sugerindo que o sistema nervoso central desempenha papel central na forma como o indivíduo responde aos estímulos do meio (Corr & Matthews, 2020).

Desse modo, sua teoria aponta o comportamento como reflexo de três traços ou dimensões subjacentes de origem biológica, nomeados como E (*extroversão versus introversão*), N (*neuroticismo versus estabilidade emocional*) e P (*psicoticismo versus controle de impulso*; Eysenck, 1986, 1997). Nessa direção, inicialmente propôs apenas dois fatores principais da personalidade - *Big Two* (*neuroticismo* e *extroversão*).

A dimensão da *extroversão*, conforme proposta por Eysenck, refere-se à tendência de indivíduos que buscam ativamente o convívio social, sendo geralmente descritos como sociáveis, comunicativos, impulsivos e assertivos. Pessoas com altos níveis desse traço tendem a demonstrar entusiasmo e envolvimento em atividades coletivas. Em contrapartida, a dimensão do *neuroticismo* está associada a uma maior vulnerabilidade emocional, sendo comum que indivíduos com pontuação elevada nesse fator apresentem sintomas de ansiedade,

depressão e instabilidade emocional. Além disso, essas pessoas costumam ter maior dificuldade em lidar com o estresse e são mais propensas a desenvolver problemas de autoestima (Matthews, et al., 2009; Corr & Matthews, 2020).

Posteriormente, Eysenck ampliou seu modelo de personalidade com a introdução do fator *psicoticismo*, buscando explicar aspectos mais extremos do comportamento humano (Choragwick, 2010; Dumont, 2010). Indivíduos que apresentam escores elevados nesse traço tendem a demonstrar comportamentos caracterizados por antissociais, agressivos, frieza emocional, egocentrismo, hostilidade e insensibilidade às normas sociais e aos sentimentos alheios. Isso pode ser visto em um estudo longitudinal com um amplo grupo de adolescentes, no qual observou-se que psicoticismo — particularmente os aspectos de impulsividade e baixa empatia — foi o principal preditor de trajetórias persistentes de agressão física, furtos e vandalismo, apoiando diretamente a proposição de Eysenck sobre sua relação com condutas antissociais (Carrasco et al., 2006).

Ademais, é importante destacar que os dois primeiros fatores descritos por Eysenck (extroversão e neuroticismo) serviram de base conceitual para o desenvolvimento do modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade. Foi a partir dessa fundação teórica que Goldberg (1981) propôs a expressão *Big five*, posteriormente consolidada por McCrae e John (1992) como um dos modelos mais robustos e empiricamente sustentados no campo da psicologia da personalidade.

Desse modo, também se constata a presença do *Big five* nas atuais pesquisas que objetivam compreender a relação da personalidade com as condutas antissociais e delitivas (Ellis & Rowlands, M, 2024; Jolliffe & Farrington, 2024; Xia et al., 2024). Por se tratar das temáticas de interesse desta tese, o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – *Big five*, será descrito com destaque, a seguir.

3.2 Os Cinco Grandes Fatores da Personalidade – *Big five*

O impacto do modelo dos Cinco Grandes Fatores na psicologia da personalidade tem sido amplamente reconhecido, especialmente por sua capacidade de sistematizar e clarificar os traços de personalidade (Roberts & Yoon, 2022); por exigir disciplina e rigor ao estabelecer um critério claro para avaliar a validade de novos traços de personalidade e questionar se esses traços são, de fato, independentes ou se refletem combinações de dimensões já conhecidas; e por favorecer a replicabilidade dos estudos em diversas populações (Soto, 2019).

Pesquisas conduzidas nas últimas décadas indicam que cinco domínios amplos — conhecidos como os *Big five* — são suficientes para classificar a maioria dos traços de personalidade descritos nos diversos idiomas do mundo (John, 2020). Historicamente, foi William McDougall, que propôs a estrutura da personalidade baseada em cinco componentes: *disposition, temperament, temper, intellect e character* (Althoff, 2010). O que levou Thurstone (1934) a identificar os cinco fatores, no qual a adequação do modelo foi testada empiricamente por diferentes autores (e.g., Fiske, 1949; Norman, 1963; Tupes & Christal, 1961).

Apesar das contribuições teóricas anteriores, foi o trabalho de Costa e McCrae (1992) que exerceu papel fundamental na consolidação do modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade, com a elaboração do *Inventário de Personalidade NEO (NEO-PI)*. Desse modo, os autores propuseram que o modelo dos Cinco Grandes Fatores representa uma estrutura hierárquica da personalidade, em que os traços individuais podem ser organizados em cinco dimensões amplas - *Openness to experience, Conscientiousness, Extroversion, Agreeableness e Neuroticism*. No cenário brasileiro, essas dimensões foram denominadas

como *abertura à mudança, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo* (Araújo, 2013; Monteiro, 2014). Com o intuito de esclarecer o conteúdo de cada um desses fatores, a seguir, serão descritos os cinco grandes fatores da personalidade.

Abertura à mudança. Também conhecida como intelecto é, talvez, uma das dimensões menos estudadas (DeYoung & Gray, 2009). Esta caracteriza-se por facetas como: fantasias, estéticas, sentimentos, ações, ideias e valores (Nunes et al., 2010). Indivíduos com pontuações elevadas tendem a ser criativos, curiosos, excêntricos, com interesses amplos e propensos a experiências não convencionais, frequentemente engajando-se em pensamento abstrato e apreciação estética. Em contrapartida, o polo oposto da escala reflete pessoas mais conservadoras e convencionais (Ashton, 2018; Schultz & Schultz, 2002). Estudos atuais correlacionam a abertura à mudança com variáveis como criatividade, inteligência e tolerância a minorias (Abu Raya, 2023; Anglim et al., 2022; Ng, 2021).

Conscienciosidade. Também chamada de Realização na tradução brasileira (Hutz et al., 2010), refere-se à tendência de um indivíduo ser organizado, responsável, persistente e motivado para alcançar metas. Indivíduos com altos níveis dessa característica tendem a ser disciplinados, cuidadosos, orientados a objetivos e confiáveis. Entretanto, aqueles com baixa conscienciosidade geralmente apresentam comportamentos desorganizados, negligentes e com dificuldade de manter o foco e cumprir compromissos (John et al., 2008; Roberts et al., 2021). As principais facetas associadas a esse fator incluem competência, ordem, responsabilidade, esforço para êxito, autodisciplina e deliberação (Nunes et al., 2010). Este fator vem sendo correlacionado de forma positiva com sucesso acadêmico, adesão a comportamentos saudáveis e maior adesão a atividade física (Angelina et al., 2016; Mammadov, 2022), assim como de forma negativa com estresse crônico e comportamentos antissociais e delitivos (Eriksson et al., 2017; Yoneda, 2024).

Extroversão. Por vezes referido como “expansividade”, as facetas que o representa são: nível de comunicação, altivez, assertividade e interações sociais (Nunes et al., 2010). É caracterizada por indivíduos que demonstram traços de sociabilidade, dinamismo, expressividade verbal, otimismo e afeto nas interações interpessoais. Por outro lado, pessoas com baixos escores nesse fator tendem a apresentar maior introversão, sendo mais reservadas, introspectivas, sérias e geralmente confortáveis em contextos solitários (McCrae, 2011). Nessa conjuntura, os estudos têm associado a extroversão com variáveis como: felicidade, apoio social e resiliência ao estresse (Card, KG & Skakoon-Sparling, 2023; O'Riordan et al., 2023; Tan et al., 2018), e negativamente a depressão e disfunção social (Jylhä & Isometsä, 2006; Watson et al., 2018).

Amabilidade. É frequentemente referida na literatura pelos termos “agradabilidade” ou “sociabilidade”. As principais facetas associadas a esse fator incluem amabilidade, comportamento pró-social e confiança interpessoal (Nunes et al., 2010). Indivíduos com altos escores nessa característica tendem a demonstrar comportamentos marcados por empatia, gentileza, cooperação, altruísmo e disposição para ajudar os outros. Em contraste, pessoas com baixos níveis nessa dimensão costumam exibir traços de frieza emocional, rudeza, hostilidade, inveja e atitudes egoísticas (Friedman & Schustack, 2004). Nesse caso, variáveis como bem-estar social, cooperação, e confiança estão correlacionados positivamente com tal fator (Wilmot & Ones, 2022). Também parece relevante destacar que estudos apontam amabilidade como fator de proteção contra condutas antissociais (Frias-Armenta & Corral-Frías, 2021).

Neuroticismo. Também referido como "instabilidade emocional", o neuroticismo diz respeito à tendência de experimentar emoções negativas com maior frequência e intensidade. Indivíduos com escores elevados nessa dimensão apresentam maior propensão ao sofrimento psicológico, pensamento disfuncional, baixa tolerância à frustração e estilos de enfrentamento

desadaptativos. Em contrapartida, aqueles com escores baixos tendem a ser emocionalmente estáveis, mais independentes e despreocupados (DeYoung & Gray, 2009; McCrae, 2011).

Essa dimensão é composta por facetas como vulnerabilidade, desajustamento psicossocial, ansiedade e sintomas depressivos (Nunes et al., 2010). Desse modo, está robustamente correlacionado com transtornos mentais, relacionamentos interpessoais comprometidos, piores indicadores cognitivos e comportamentos antissociais na adolescência (Esplin, 2024; Regzedmaa, 2024; Yuan, 2023).

Nessa perspectiva é possível constatar que os domínios dos Cinco Grandes Fatores fornecem um sistema de organização coerente e eficiente para sintetizar resultados de pesquisas para uma variedade de construtos (Robins et al., 2025). Especificamente, no que se refere aos estudos em Psicologia Social, contribui primordialmente por sua capacidade de descrever e prever uma variedade de comportamentos interpessoais e sociais, assim como os antissociais e delitivos. Uma vez que oferece uma estrutura empírica robusta para investigar os traços de personalidade que funcionam como fatores de risco ou proteção frente às condutas antissociais.

3.2.1 Big five e as Condutas antissociais e delitivas

Como visto anteriormente, o modelo *Big five* tem se mostrado particularmente útil na análise de predisposições comportamentais. Nesse sentido, evidências empíricas indicam que determinadas características individuais, em especial os traços de personalidade, exercem influência substancial sobre a probabilidade de envolvimento em comportamentos antissociais e delitivos (Jolliffe & Farrington, 2019).

Especificamente, os estudos apontam como melhores explicadores três dos cinco fatores, à saber, baixa agradabilidade, baixa conscienciosidade e alto neuroticismo (Jolliffe & Farrington, 2024). Indivíduos com baixos níveis de agradabilidade tendem a apresentar

menor empatia, cooperação e respeito pelas normas sociais, o que pode favorecer atitudes hostis, manipuladoras ou agressivas. Já a baixa conscienciosidade, relacionada à impulsividade, desorganização e negligência com regras e responsabilidades, também se associa de forma significativa à transgressão de normas e envolvimento em infrações. (Jones et al., 2011; Jolliffe & Farrington, 2019, 2024; Miller & Lynam, 2001). Além disso, níveis elevados de neuroticismo mostram uma correlação positiva com comportamentos antissociais, sugerindo que a instabilidade emocional pode contribuir para a desregulação comportamental (Quan et al., 2024).

Particularmente, tais achados também podem ser vistos na meta-análise realizada por Jones et al. (2011), na qual explorou 53 estudos que objetivaram identificar a relação entre os domínios do *Big five* e a agressão. Uma vez que, os resultados indicaram que os traços de ordem superior de Agradabilidade, Conscienciosidade e Neuroticismo demonstram as relações mais consistentes com agressão. Corroborando, Pulkkinen et al. (2009) averiguaram que homens que cometem delitos persistentemente antes e depois dos 21 anos, apresentaram significativamente maior neuroticismo, menor agradabilidade e menor conscienciosidade do que aqueles que não cometem delitos. E aqueles que cometem delitos apenas antes dos 21 anos apresentaram maior neuroticismo e menor amabilidade do que aqueles sem delitos.

Mais recentemente, Ellis e Rowlands (2024) em um estudo que objetivou explorar os efeitos diretos e indiretos na história de vida e do *Big five* no envolvimento de adultos em comportamentos antissociais, também destacaram os domínios de conscienciosidade, agradabilidade e neuroticismo, agregando também a extroversão. Assim, constaram que tais domínios mediaram a relação entre história de vida e antissocialidade.

Dessa forma, observa-se que o neuroticismo (predisposição à instabilidade emocional, irritabilidade, baixa autoestima e à experimentação de emoções negativas) tende a explicar

diretamente os comportamentos antissociais e condutas delitivas (Garcia, 2018). Isso foi constatado na pesquisa de Quan et al. (2024), no qual o neuroticismo previu positivamente a agressão social e essa associação foi mediada por sintomas de depressão. Uma vez que foi encontrada moderação para a associação entre neuroticismo e sintomas de depressão, bem como entre neuroticismo e agressão social, e que o neuroticismo teve um efeito preditivo mais forte sobre os sintomas de depressão e agressão social.

Já sobre a extroversão (tendência à busca por envolvimento e estimulação junto ao outros ou ao mundo exterior, expressividade e dominância), apesar dos estudos apontarem a relação com condutas antissociais e delitivas, também esclarecem que tal dimensão possui baixo poder explicativo e preditivo (Ellis & Rowlands, 2024; Giluk & Postlethwaite, 2015; Vasconcelos et al., 2008). Por essa razão, é possível afirmar que, de acordo com os resultados de estudos realizados ao longo do tempo, as dimensões que melhor explicam os comportamentos antissociais, que por sua vez predizem as condutas delitivas são: agradabilidade e conscienciosidade, seguida do neuroticismo.

Assim, fica clara a relevância do modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big five*) na explicação das condutas antissociais e delitivas. Uma vez que oferece uma estrutura descriptiva da personalidade, com simplicidade, elegância e parcimônia teórica, além de reunir um amplo corpo de evidências empíricas que sustentam sua validade, aplicabilidade e universalidade em distintos contextos culturais e populacionais (Garcia, 2018; Nunes, 2005). Além disso, já foi visto que a personalidade se apresenta como um dos principais fatores preditivos das condutas antissociais e delitivas. O que sustenta a utilização desse modelo teórico na presente tese.

PARTE II – EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

4. CONDUTAS ANTISSOCIAIS E DELITIVAS: UMA REVISÃO DE ESCOPO

4.1. Método

A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, do tipo revisão de escopo que objetiva realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca dos “Comportamentos antissociais e delitivos” dispostos na literatura científica, uma vez que esse tipo de revisão possibilita um panorama das particularidades dos estudos, bem como a planificação de suas tendências, lacunas e limitações (Munn et al., 2018).

Inicialmente, foi realizada uma busca no *Open Science Framework* (plataforma de cadastro e registro de revisões de escopo) visando evitar possíveis duplicidades e garantir um processo de pesquisa transparente. Tendo em vista que na oportunidade não foram encontradas revisões que se debruçam sobre o tema, foi realizado o registro de execução da presente pesquisa, disponível através do endereço eletrônico Doi 10.17605/OSF.IO/RNSCZ.

Além disso, a revisão tem como alicerce os preceitos metodológicos recomendados pelo *Checklist Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR, Page et al., 2020; Tricco et al., 2018) e pelo Instituto Joanna Briggs (JBI, 2020) a fim de garantir clareza, transparência e reproduzibilidade.

4.1.1 Estratégia de busca

A revisão adota como pergunta de pesquisa, o seguinte questionamento: “*O que a literatura científica tem relatado sobre condutas antissociais e delitivas entre crianças e adolescentes?*” A pergunta foi formulada através da estratégia PCC, um acrônimo para população, conceito e contexto. No cenário desta revisão, a *população* diz respeito a crianças e adolescentes; o *conceito* trata-se dos estudos que abordam condutas antissociais e delitivas; já o *contexto* delineou-se para incluir crianças e adolescentes envolvidos em condutas antissociais e delitivas.

O processo de busca nas bases de dados abrangeu o período de maio de 2025 a julho de 2025, os quais foram pesquisados em três bases eletrônicas: *Scopus*, *Web of Science* e *Pepsic*. Para as estratégias de busca utilizou-se descritores combinados com os operadores *booleanos* que visam potencializar a eficácia da busca ("*antisocial behavior*" OR "*delinquent behavior*" OR "*Antisocial conduct*" OR "*socially deviant behaviors*") AND ("*criminal conduct*").

4.1.2 Critérios de elegibilidade

Os critérios de inclusão para a seleção dos estudos foram: 1) ser realizado com crianças e adolescentes; 2) Artigos científicos empíricos; 3) Estudos que tratam de comportamentos antissociais e delitivos; 4) Estudos escritos em português, inglês e espanhol; 5) Publicados entre 2014 e 2024; 6) Disponível em acesso aberto; e 7) Realizados em qualquer país.

Foram removidos da análise os estudos que atendiam a um ou mais dos seguintes critérios de exclusão: 1) artigos duplicados; 2) estudos em que o título, resumo ou texto completo não contemplavam condutas antissociais e delitivas; 3) fora do alcance de tempo estabelecido; 3) estudos de construção e validação de instrumentos; e 4) cujo texto completo não estivesse disponível; e 5) literatura cinza (e.g., capítulos de livro, teses, dissertações).

4.1.3 Extração e síntese dos dados

A priori, foram extraídos os metadados dos artigos detectados nas bases de dados supracitadas no formato RIS. Posteriormente, esses metadados foram exportados para o software *Rayyan*, que foi desenvolvido pelo *Qatar Computing Research Institute* e tem como

finalidade auxiliar no processo de organização e triagem de revisões da literatura conduzidas sistematicamente.

A seleção e análise dos estudos foi realizada de forma independente por dois juízes (J. C. F. N. e A. F. G. P.), abarcando as etapas de triagem, elegibilidade e inclusão. Quando houve discordância entre as avaliações dos juízes, foram realizadas reuniões de alinhamento, bem como, a colaboração de um terceiro revisor (V. V. G) a fim de garantir a imparcialidade e confiabilidade do processo de seleção dos estudos. Os artigos que atenderam aos critérios e a análise do título, resumo e palavras-chave avançaram para a fase de leitura e análise na íntegra do seu conteúdo textual.

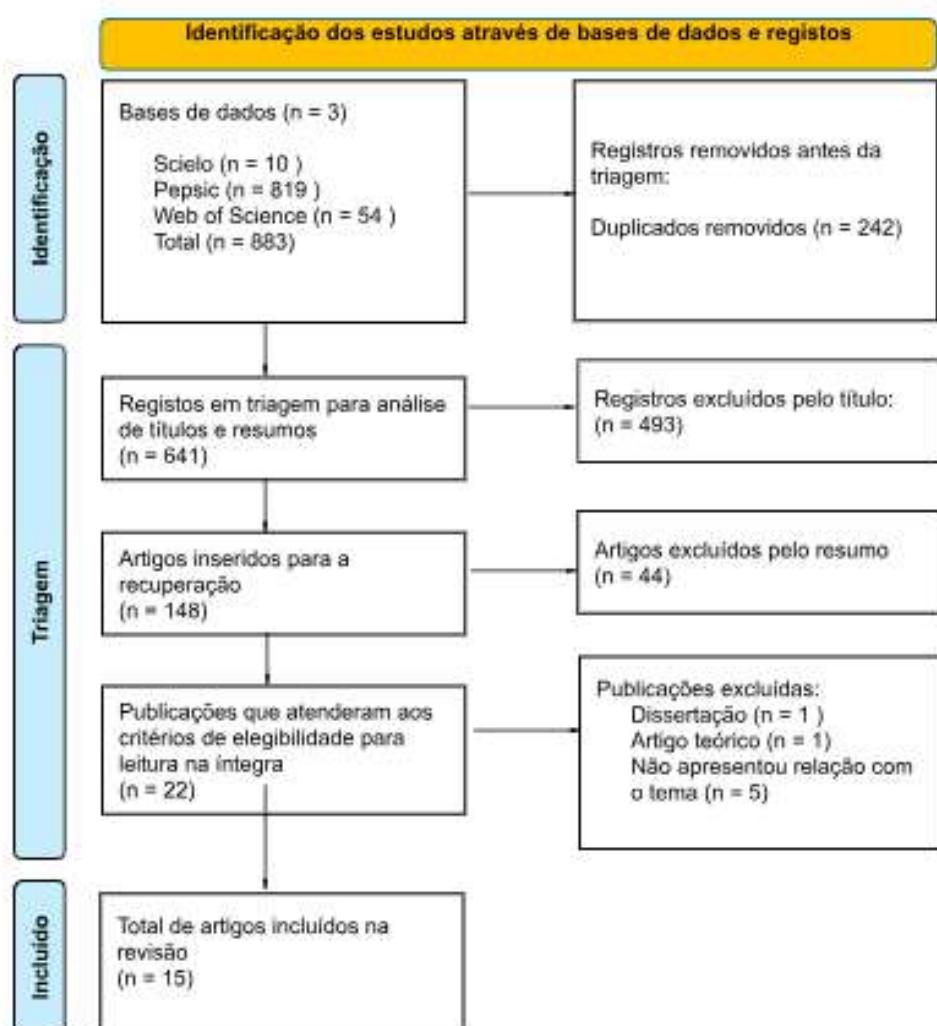
4.2. Resultados

4.2.1 Resultados da seleção dos estudos

A busca utilizando as estratégias de pesquisa reuniu um total de 883 arquivos (Figura 1), destes 242 eram duplicados, após a exclusão do excedente restaram 641 documentos. Quando aplicados os critérios de elegibilidade, 619 estudos foram considerados não elegíveis por não atenderem aos critérios de inclusão. Para a leitura e análise na íntegra seguiram 22 estudos, dos quais 7 foram excluídos, restando 15 artigos para compor a amostra final desta revisão (Ver figura 3).

Figura 3

Fluxograma de rastreio dos achados incluídos



4.2.2 Resultados das características dos estudos

A presente revisão de escopo reuniu 15 estudos empíricos publicados entre 2014 e 2023, voltados ao comportamento antissocial e delitivo em crianças e adolescentes. O recorte temporal mostrou maior concentração de publicações em 2020 (n = 5; 26,7%), seguido por 2022 (n = 2; 13,3%), 2014 (n = 3; 13,3%), 2023 (n = 2; 13,3%), 2017 (n = 2; 13,3%), 2016 (n = 1; 6,7%), e 2018 (n = 1; 6,7%). Não foram identificadas publicações em 2015, 2019 e 2021. Observa-se que mais da metade dos artigos foi publicada a partir de 2020 (n = 7; 53,3%), sugerindo crescimento recente do interesse científico pelo tema.

Quanto ao idioma, prevaleceram estudos publicados em inglês (n = 8; 53,3%), seguidos por português (n = 5; 33,3%) e espanhol (n = 2; 13,3%). A distribuição geográfica indicou maior concentração no Brasil (n = 5; 33,3%), seguido por Espanha (n = 3; 20%), México (n = 2; 13,3%) e Colômbia (n = 2; 13,3%). Chile, Cabo Verde, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos tiveram um estudo cada (n = 1; 6,7% cada). Um estudo longitudinal foi conduzido de forma comparativa entre Porto Rico e Nova Iorque, permitindo examinar a influência do contexto cultural no desenvolvimento e manutenção dos comportamentos antissociais.

Em relação ao delineamento metodológico, a maioria foi de natureza quantitativa e do tipo correlacional (n = 8; 53,3%). Também foram identificados estudos psicométricos (n = 2; 13,3%), longitudinais (n = 2; 13,3%), preditivos (n = 2; 13,3%), psicométrico-explicativo (n = 1; 6,7%) e transversal comparativo (n = 1; 6,7%). Não foram encontrados estudos qualitativos.

As amostras variaram de 62 a 2.491 participantes, com idades entre 5 e 20 anos, incluindo crianças, adolescentes e jovens adultos. Predominaram estudantes do ensino fundamental e médio (n = 11; 73,3%), enquanto populações específicas foram foco de uma parcela menor dos estudos: adolescentes em conflito com a lei (n = 2; 13,3%), jovens cumprindo medidas socioeducativas (n = 1; 6,7%) e encaminhados por serviços de proteção (n

= 1; 6,7%). Dois estudos (13,3%) foram realizados exclusivamente com participantes de um único sexo: apenas meninas (Visin et al., 2023) e apenas meninos (Portnoy et al., 2014).

Quanto aos instrumentos, observou-se uso diversificado de escalas e questionários padronizados para mensuração de condutas antissociais e delitivos, bem como fatores de risco e proteção. Entre os mais utilizados destacam-se: *Antisocial Process Screening Device* (APSD) (n = 2; 13,3%), Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD) (n = 2; 13,3%), *International Self-Report Delinquency – ISRD-3* (n = 2; 13,3%) e Questionário de Comportamentos Juvenis (QCJ) (n = 1; 6,7%), além de instrumentos como Escala de Comportamento Antissocial, Escala de Delinquência Autorrelatada, Escala de Delinquência Não Violenta, *Communities That Care Youth Survey* (CTCYS), Questionário de Comportamentos Antissociais e Criminosos, Questionário de Conducta Antisocial, Questionário de Juventude Brasileira – Versão II, Escala de Comportamento Antissocial e Delinquente em Adolescentes (ECADA), *Child Health and Illness Profile – Adolescent Edition* (CHIP-AE), MINI-KID e *Early Assessment Risk Lists* (EARL-20B e EARL-21G). Em alguns casos, foram utilizados instrumentos compostos por itens de diferentes escalas, como no estudo de Canino et al. (2020), que integrou módulos de Transtorno de Oposição Desafiante (ODD) e Transtorno de Conduta (CD) do *Diagnostic Interview Schedule for Children* (DISC-IV), da *Elliot Self-Reported Delinquency Scale for Children* e da *Delinquency Young Adult Scale*.

No que se refere aos objetivos de pesquisa, a maioria dos estudos (n = 12; 80%) buscou identificar fatores de risco e proteção, como impulsividade, narcisismo, traços da tríade sombria, desregulação emocional, busca de sensações, histórico de abuso parental, estilo parental violento ou permissivo, ausência de apoio familiar, relações com pares antissociais, uso de substâncias, eventos estressores e contexto socioeconômico ou cultural. Análises de preditores e correlatos estiveram presentes em 10 estudos (66,7%), incluindo variações por sexo, idade, tipo de escola e situação de vulnerabilidade social. Dois estudos longitudinais

(10,3%) identificaram que comportamentos antissociais manifestados na infância ou adolescência precoce estavam associados à persistência na vida adulta, além de desfechos como transtornos por uso de substâncias, depressão maior e envolvimento em práticas criminosas (Canino, 2020; LaSpada et al., 2020).

De modo geral, os meninos apresentaram maior frequência e gravidade dos comportamentos, embora meninas também tenham mostrado envolvimento relevante, principalmente associado a fatores emocionais e de socialização. Contextos de vulnerabilidade social e pertencimento a minorias étnicas mostraram-se fortemente relacionados a taxas mais elevadas e maior persistência de comportamentos antissociais ao longo do tempo.

Tabela 3*Síntese e caracterização dos estudos incluídos na revisão*

Título	Autor e ano	País	Delineamento	Amostra	Objetivo	Instrumentos e parâmetros	Resultados
1 Dimensions of youth psychopath and differential predict concurrent pro- and antisocial behavior	Wendt et al. (2017)	Reino Unido (Londres)	Correlacional	249 crianças escolares, 9–12 anos.	Investigar a contribuição única de narcisismo e impulsividade, além dos traços insensíveis-seem emoção (CU), para explicar comportamentos pró-sociais e anti-sociais em crianças.	Escala de triagem dos processos narcissistic and antisocial - APSD ($\alpha = 0,71$)	Narcisismo e impulsividade predizem de forma significativa e independente comportamentos pró e antissociais; os traços insensíveis-sem emoção (CU) não foram significativos ao controlar essas variações. A impulsividade foi o preditor mais consistente. Os meninos apresentam maiores problemas de conduta, maior impulsividade, maior narcisismo e as meninas apresentam maior comportamento pró-social.
2 Padrões de conduta antissocial e socialização em jovens escolares do sexo feminino	Visin et al. (2023)	Brasil	Correlacional	490 jovens escolares do sexo feminino, 11-19 anos.	Verificar a associação entre aspectos da personalidad e ligados ao fator Socialização (conforme Modelo dos	Questionário de Comportamento Juvenil (QCJ) indicadores de precisão $\geq 0,60$.	Três grupos de jovens femininas com diferentes níveis de socialização apresentam variações no envolvimento em condutas antissociais; maiores traços de socialização associaram-se a menor comportamento antissocial. A confiança nas pessoas pode atenuar essas relações. O perfil socioeconômico influenciou os

					Cinco Grandes Fatores) e padrões de condutas antisociais (delituosas e divergentes) em jovens escolares do sexo feminino no contexto sociocultural brasileiro.	grupos, mas não diretamente os traços de socialização.		
3	Behavioral Activation System and Early Life Parental Abuse Are Associated with Antisocial Behaviors in Mexican Adolescents	Espinoz a-Romero et al. (2022)	México	Correlacional	342 adolescentes	Investigar a associação entre abuso parental na infância, traços do sistema de ativação comportamental (BAS) e comportamentos antisociais em	Escala de comportamento antissocial ($\alpha = 0,75$)	Identificou-se uma associação positiva entre abuso parental na infância e comportamento antissocial e uma associação negativa entre o sistema de ativação comportamental (BAS) e comportamento antissocial. Homens relataram mais comportamentos antisociais, enquanto mulheres relataram níveis maiores de abuso materno e maior interesse por reforços e maior persistência voltada aos objetivos.

4	Heart rate and antisocial behavior: The mediating role of impulsive sensation seeking	Portnoy et al. (2014)	Estados Unidos	Correlacional	335 meninos adolescentes mexicanos	Investigar a relação entre frequência cardíaca em equilíbrio e comportamento antissocial, testando se a busca impulsiva por sensações e a ausência de medo mediam essa relação	Escala de Delinquência Autorrelatada ($\alpha = 0,61$) Escala de delinquência não violenta ($\alpha = 0,71$)
5	Educational Prevention of Antisocial and Delinquent Behavior in	Martínez-Otero e Gaeta (2022)	Brasil	Psicométrico	396 adolescentes, 12 a 19 anos	Avaliar autoresrelatos de comportamentos antissociais e criminosos em adolescentes	O Questionário de Comportamentos Antissociais e Criminosos ($\alpha = 0,85$ e $0,90$)

	Brazilian Adolescents							
6	Substance Use and Antisocial Behavior in Adolescents : The Role of Family and Peer-Individual Risk and Protective Factors	Obando et al. (2014)	Colômbia	Correlacional	1.599 estudantes do ensino médio público, entre 11 e 19 anos.	Testar se os fatores de risco e proteção familiares e individuais estão associados de forma semelhante ao consumo de substâncias e comportamentos	brasileiros, verificando diferenças em relação ao sexo e à idade; estabelecer diretrizes para prevenção educacional. Communities That Care Youth Survey (CTCYS). Não indicou o alfa geral da escala.	Comportamentos antissociais e violações aumentaram com a idade dos adolescentes (diferença significativa entre 12-15 e 16-19 anos). Meninos relataram com maior frequência comportamentos como atraso de propósito, entrar em locais proibidos, pregar peças doentias e comportamentos criminosos como roubo e fuga da polícia. Uso de substância e comportamento antissocial ocorrem juntos, mas têm fatores de risco diferentes. Relação com pares antissociais e atitudes desenvolvidas aumentam o risco. Consumo precoce e intenção de usar drogas elevam o uso. Fatores de proteção têm pouco efeito; O envolvimento pró-social pode aumentar o comportamento antissocial. Meninos e adolescentes mais velhos apresentam maior risco.

7	Cogniciones en el lado oscuro: desconexión moral, triada oscura y conducta antisocial en adolescents	Navas et al. (2020)	Espanha	Psicométrico e Correlacional	800 adolescentes, 13 a 18 anos.	Investigar a relação entre os traços da tríade sombria (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia), o desengajamento moral e o comportamento antissocial em adolescentes, testando um modelo bifatorial do "lado sombrio" e suas associações com comportame	ntos antisociais únicos e concomitante s Questionário de Comportamento Antissocial ($\omega = 0,97$) Álcool é a substância mais usada, seguida de cigarro, maconha e inalantes. O fator geral do modelo bifatorial explicou quase metade da variância comum. O fator geral do lado sombrio é fortemente associado ao comportamento antissocial em meninos ($- = 0,54$) e meninas ($- = 0,57$), ambos com $p < 0,001$. Meninos tiveram desempenho significativamente maior em comportamento antissocial, triade sombria e desengajamento moral. O desengajamento moral está relacionado especificamente ao comportamento antissocial, enquanto o narcisismo aparece inversamente relacionado no modelo.

8	Preditores do Comportamento Antissocial em Adolescentes	Nardi et al. (2016).	Brasil	Psicométrico e Explicativo	833 adolescentes, 12-19 anos.	Testar um modelo sobre a contribuição de diversas variáveis psicológicas e contextuais na explicação dos comportamentos antissociais em adolescentes.	Questionário de Juventude Brasileira Versão II Subescala de comportamento antissocial. O estudo não indicou a confiabilidade do instrumento.
9	Risk taking, Sensation Seeking and Personality as Related to Changes in Substance Use from	LaSpada et al. (2020)	Chile	Longitudinal	890 adolescentes (14 anos) acompanhados até o início da vida adulta (21 anos),	Examinar mudanças no uso de substâncias na adolescência até o início da idade adulta, relacionadas	Versão em espanhol do Child Health and Illness Profile-Adolescent Edition - CHIP-AE Subescalas

	Adolescenc e to Young							
	Adulthood							
10	Desregulaci ón emocional y conducta disocial en una muestra de adolescente s en conflicto con la ley	Gutiérre z et al. (2020).	Colômb ia	Correlacional	62	Estabelecer o grau de relação entre conflito com a lei.	Entrevista Neuropsiquiátric a para Crianças e Adolescentes (MINI KID) em sua versão em espanhol.	à tomada de riscos, busca de sensações, atividades antisociais e traços de personalidad e dos adolescentes. comportamentos antisociais. ($\alpha = 0,63$). dificultam a interrupção do uso de maconha. 54,8% dos adolescentes apresentavam problemas de conduta antissocial. Entre as dimensões da desregulação emocional avaliadas, apenas a desatenção emocional diferiu significativamente entre adolescentes com e sem transtorno dissocial, sendo também o preditor mais forte da ocorrência desse transtorno ($Exp(\beta) = 1,362$), indicando que a dificuldade em atender, reconhecer e regular as próprias emoções está associada ao aparecimento de comportamentos antisociais e delitivos na adolescência.

11	Consumo de álcool, comportamento antissocial e impulsividade em adolescentes espanhóis	Garcia e Jiménez (2018)	Espanha	Correlacional	212 adolescentes do ensino secundário, 12 - 18 anos.	Avaliar a relação entre o consumo de álcool e o comportamento antissocial em adolescentes, além de verificar a influência da impulsividade.	Escala de Comportamento Antissocial e Delinquente em Adolescentes (ECADA)	$\alpha = 0,86$	O consumo de álcool e impulsividade cognitiva são preditores significativos da conduta antissocial em adolescentes espanhóis, com o consumo de álcool sendo o mais relevante estatisticamente. Não houve diferença de gênero no consumo de álcool, porém o sexo feminino apresentou maiores índices de conduta antissocial. O consumo de álcool foi maior nos adolescentes mais velhos, enquanto os mais jovens exibiram comportamentos mais antissociais. O modelo explicativo responde por 36% da variação na conduta antissocial observada.
12	A perpetração dos comportamentos antissociais em jovens caboverdianos: um estudo preditivo	Dias et al. (2017)	Cabo Verde	Preditivo	535 adolescentes, 13 - 21 anos.	Identificar os fatores que predizem comportamentos antissociais autorrelatados	International Self-Report Delinquency-3 (ISRD-3) adaptado e validado para o contexto caboverdiano.	$\alpha = 0,88$	Adolescentes com menos atitudes antissociais tendem a se envolver menos em comportamentos desse tipo. Já aqueles com maior envolvimento em atitudes antissociais apresentam, ainda que de forma pouco significativa, maior chance de participar de atividades de lazer disruptivas. O sexo foi um significativo preditor, sendo os

							meninos mais propensos a tais condutas.
13	Comportam entos antissociais e delitivos em adolescentes	Dias, Monteiro e Farias (2014)	Brasil	Transversal comparativo	453 adolescentes, 13 - 19 anos.	Avaliar autorreferências de adolescentes, 13 - 19 anos. Avaliar autorreferências de adolescentes, 13 - 19 anos. Escala de Condutas Antissociais e Delitivas - (ECAD) Não indicou a confiabilidade geral da escala.	A autorreferência de comportamentos antissociais e delitivos é baixa na amostra geral, porém com diferença significativa entre os sexos, sendo maior em meninos. Também houve diferença significativa entre escolas privadas (maiores médias) e públicas (menores médias), enquanto o grau escolar não apresentou impacto relevante nos resultados.

14	Risk factors for antisocial behavior in children: comparison between boys and girls	Coelho, Neves e Caridad e (2020)	Portugal	Quantitativo e Comparativo	85 casos de crianças encaminhadas pelo sistema de promoção e proteção por apresentar comportamentos antissociais, 6-11 anos.	Caracterizar os fatores de risco para a ocorrência de comportamento antissocial, buscando entender se existem diferenças entre meninos e meninas.	Versão adaptada para o português do Early Development Risk List 20 (EARL) versão para meninos (EARL-20B) ($\alpha = 0,82$) e versão para meninas (EARL-21G) ($\alpha = 0,70$).	Meninos apresentaram maior nível de risco e comportamentos mais graves (agressões físicas, uso de objetos cortantes), enquanto meninas exibiram condutas menos graves (desrespeito, insultos). Fatores de risco mais prevalentes em meninos: ausência de apoios, estilo parental violento, atitudes antissociais, hiperatividade/impulsividade/desenção, baixa simpatia, múltiplos cuidadores e baixa responsividade ao tratamento. Em meninas: estilo parental permissivo, baixo desempenho escolar e pouca responsividade familiar. Crianças mais velhas (10-11 anos) acumularam mais fatores de risco que as mais novas. Comportamentos violentos associaram-se a maior número de fatores de risco.
15	Outcomes of Serious Antisocial Behavior from	Canino et al. (2020)	Porto Rico e Nova Iorque	Longitudinal	2.491 pais e crianças, 5-29 anos.	Investigar como os padrões ou trajetórias de comportamento antissocial	Índice de comportamento antissocial: 26 itens dos cronogramas ODD e CD do Diagnostic	No South Bronx, 42,3% apresentaram comportamento antissocial grave na adolescência ou vida adulta jovem, contra 17,8% em Porto Rico; homens apresentaram taxas mais altas que mulheres; comportamento

<p>Childhood to Early Adulthood in two Puerto Rican Samples in Two Contexts</p>	<p>grave (ASB) que se manifestam na infância ou início da adolescência se desenvolvem até a idade adulta, considerando o papel de variáveis como o contexto sociocultural, o gênero e a gravidade/persistência do comportamento, e como esses fatores estão associados a desfechos negativos na vida dos indivíduos.</p>	<p>Interview Schedule for Children (DISC IV); 34 itens da Elliot Self-Reported Delinquency Scale for Children; e 14 itens da Delinquency Young Adult Scale.</p>	<p>Não apresentou confiabilidade do instrumento.</p>	<p>antisocial grave na infância/adolescência precoce dobrou a probabilidade de ocorrência na vida adulta jovem, especialmente entre homens; comportamento antisocial grave na avaliação final associou-se fortemente a transtorno por uso de substâncias e a depressão maior; crescer como minoria étnica aumentou substancialmente o risco, mesmo controlando fatores socioeconômicos.</p>
--	--	---	--	---

4.2.3 Conteúdos analisados

A partir dos achados encontrados nos estudados incluídos na revisão, foram identificadas as seguintes categorias temáticas de análise: 1) Fatores de risco e preditores do comportamento antissocial em adolescentes; 2) Correlatos e mecanismos associados ao comportamento antissocial; 3) Consequências e desfechos relacionados ao comportamento antissocial; 4) Diferenças de gênero, faixa etária e contexto sociocultural; 5) Instrumentos utilizados para avaliação do comportamento antissocial; e 6) Estratégias preventivas e educativas.

1) Fatores de risco e preditores do comportamento antissocial e delitivo

Essa categoria reuniu a maior parte dos estudos incluídos ($n = 10$; 66,7%) e aborda variáveis que aumentam a probabilidade de ocorrência de comportamentos antissociais e delitivos. Foram observados fatores individuais como impulsividade, narcisismo, traços de psicopatia, insensibilidade emocional, busca de sensações, desregulação emocional e presença de características da tríade sombria (Navas et al., 2020; Wendt et al., 2017; Portnoy et al., 2014; Visin et al., 2023).

Entre os fatores familiares, destacaram-se histórico de abuso físico e psicológico, negligência, ausência de supervisão, práticas parentais violentas ou permissivas e falta de apoio emocional (Gutiérrez et al., 2020; Nardi et al., 2016; Espinoza-Romero et al., 2022). Fatores sociais e contextuais também foram relevantes, como a associação com pares antissociais, consumo precoce de substâncias psicoativas, baixa escolaridade dos pais, exposição à violência, pobreza e inserção em contextos de minorias étnicas (Canino et al., 2020; Dias et al., 2017; La Spada et al., 2020). Esses elementos, isolados ou combinados, foram apontados como preditores importantes tanto nas condutas antissociais como nas delitivas.

2) Correlatos e mecanismos associados ao comportamento antissocial e delitivo

Essa categoria reuniu nove estudos (56,3%) que investigaram variáveis associadas de forma concomitante ao comportamento antissocial, bem como mecanismos que explicam essas associações. Os achados indicaram correlação com uso de substâncias como álcool, tabaco e maconha (Navas et al., 2020; Gutiérrez et al., 2020), além de características psicofisiológicas como baixa frequência cardíaca em repouso (Portnoy et al., 2014; La Spada et al., 2020).

Foram identificadas também associações com transtornos mentais, especialmente depressão (Gutiérrez et al., 2020; Canino et al., 2020) e com personalidade (Navas et al., 2020; Wendt et al., 2017). Em alguns estudos, variáveis como desregulação emocional e influência de pares atuaram como mediadoras na relação entre impulsividade e envolvimento em comportamentos antissociais (Visin et al., 2023; Navas et al., 2020).

3) Consequências e desfechos relacionados ao comportamento antissocial e delitivo

Essa categoria englobou seis estudos (37,5%) que avaliaram os impactos dos comportamentos antissociais e delitivos ao longo do tempo. Entre os desfechos identificados, destacaram-se prejuízos acadêmicos, abandono escolar, dificuldades de relacionamento interpessoal, envolvimento com o sistema de justiça juvenil e criminal, maior vulnerabilidade a contextos de risco e desenvolvimento de transtornos psiquiátricos como depressão maior e transtornos por uso de substâncias (Canino et al., 2020; Gutiérrez et al., 2020; Navas et al., 2020; Obando et al., 2014). Os estudos longitudinais reforçaram que a manifestação precoce desses comportamentos aumenta a probabilidade de persistência na vida adulta jovem, mantendo-se associada a impactos negativos múltiplos (Portnoy et al., 2014; La Spada et al., 2020).

4) Diferenças de gênero, faixa etária e contexto sociocultural

Oito estudos (53,3%) analisaram diferenças relacionadas a sexo, idade e contexto cultural. De forma geral, os meninos apresentaram maior frequência e gravidade de comportamentos antissociais e delitivos em comparação às meninas (Portnoy et al., 2014; Visin et al., 2023). No entanto, o envolvimento feminino, embora menos prevalente, foi significativo e esteve frequentemente associado a fatores emocionais, de socialização e histórico de violência (Visin et al., 2023; Navas et al., 2020).

As análises por idade indicaram que a prevalência tende a aumentar na adolescência média e tardia (Gutiérrez et al., 2020; Navas et al., 2020). Estudos multicêntricos e comparativos evidenciaram que padrões culturais influenciam a socialização e os riscos, e que contextos marcados por vulnerabilidade social e pertencimento a minorias étnicas apresentam maiores taxas e persistência desses comportamentos (Canino et al., 2020; Dias et al., 2017).

5) Instrumentos utilizados para avaliação do comportamento antissocial e delitivo

Essa categoria incluiu todos os estudos ($n = 15$; 100%), que utilizaram instrumentos padronizados e validados para mensuração de comportamentos antissociais e seus correlatos. Os principais foram: *Antisocial Process Screening Device* (APSD) (Navas et al., 2020; La Spada et al., 2020), Questionário de Comportamentos Juvenis (QCJ) (Nardi et al., 2016), Escala de Comportamento Antissocial (Wendt et al., 2017), Escala de Delinquência Autorrelatada (García & Jiménez, 2018), Escala de Delinquência Não Violenta (Wendt et al., 2017), *Communities That Care Youth Survey* (CTCYS) (Espinoza-Romero et al., 2022), Questionário de Comportamentos Antissociais e Criminosos (Otero & Gaeta, 2022), Questionário de Conducta Antisocial (Martínez et al., 2011), Questionário de Juventude Brasileira – Versão II (Nardi et al., 2016), *International Self-Report Delinquency – ISRD-3* (García & Jiménez, 2018; Otero & Gaeta, 2022), Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD) (Bandeira et al.,

2006; Nardi et al., 2016), Escala de Comportamento Antissocial e Delinquente em Adolescentes (ECADA) (Espinoza-Romero et al., 2022), *Child Health and Illness Profile – Adolescent Edition* (CHIP-AE) (Canino et al., 2020), *Mini International Neuropsychiatric Interview for Children and Adolescents* (Canino et al., 2020) e *Early Assessment Risk List* (EARL-20B e EARL-21G) (Dias et al., 2017). Além disso, alguns estudos aplicaram medidas psicofisiológicas (ex.: frequência cardíaca) (Portnoy et al., 2014; La Spada et al., 2020), entrevistas clínicas e observações comportamentais (Calzada-Reyes et al., 2016).

6) Estratégias preventivas e educativas

Essa categoria, presente em três estudos (18,8%), reuniu pesquisas voltadas à prevenção e redução de comportamentos antissociais e delitivos. As estratégias incluíram programas escolares de desenvolvimento de habilidades sociais, empatia e autocontrole (Espinoza-Romero et al., 2022), intervenções psicoeducativas para famílias (Navas et al., 2020) e utilização de instrumentos psicométricos para identificação precoce de fatores de risco (Nardi et al., 2016). Algumas propostas também abordaram a adaptação cultural das intervenções e a integração de ações comunitárias no processo preventivo.

Os autores reforçam que ações preventivas precisam ser integradas entre escola, família e comunidade, considerando a multicausalidade das condutas antissociais e os diferentes perfis de risco. Investimentos em políticas públicas intersetoriais e programas de prevenção baseados em evidências são essenciais para mitigar os fatores de risco e promover trajetórias mais saudáveis no desenvolvimento dos jovens.

Tabela 4

Categorias de análise obtidas a partir dos resultados dos estudos

Categorias de análise	Principais pontos discutidos
Fatores de risco e preditores do comportamento antissocial	<ul style="list-style-type: none">• Traços de personalidade como impulsividade, narcisismo, insensibilidade e busca por sensações (Wendt et al., 2017; Navas et al., 2020).• Histórico de abuso parental, desorganização familiar e práticas parentais inadequadas (Espinoza-Romero et al., 2022; Obando et al., 2014).• Fatores sociodemográficos: sexo (meninos), idade (adolescentes mais velhos) e baixa escolaridade (Coelho et al., 2020; Otero & Gaeta, 2022; Canino et al., 2020).
Correlatos e mecanismos associados ao comportamento antissocial	<ul style="list-style-type: none">• Uso de substâncias (álcool, cigarro, maconha) e pares antissociais (Obando et al., 2014).• Baixa frequência cardíaca e impulsividade como mediadores do comportamento antissocial (Portnoy et al., 2014).• Desregulação emocional, consumo de álcool e impulsividade (Gutiérrez et al., 2020).• Dimensões do lado sombrio da personalidade e desengajamento moral (Navas et al., 2020).
Consequências e desfechos associados ao comportamento antissocial	<ul style="list-style-type: none">• Prejuízos em múltiplas áreas: escolar, social, relacional e envolvimento com a justiça (Dias et al., 2017; Canino et al., 2020).• Persistência do comportamento antissocial até a vida adulta, com associação a desfechos negativos (Canino et al., 2020).
Diferenças de gênero, faixa etária e contexto sociocultural	<ul style="list-style-type: none">• Meninos apresentam maior prevalência de comportamentos antissociais e traços de risco (Otero & Gaeta, 2022; Navas et al., 2020).• Fatores culturais influenciam os padrões de socialização e risco (Visin et al., 2023; LaSpada et al., 2020).

- | | |
|--|---|
| <p>Instrumentos utilizados para avaliação do comportamento antissocial</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças entre escolas públicas e privadas, idade e inserção social (Dias, Monteiro & Farias, 2014).
 • <i>Antisocial Process Screening Device</i> – Frick e Hare (2001). • <i>Escala de Conductas Antisociales y Delictivas</i> – Bandeira, Hutz e Andrade (2006). • <i>Escala de Conductas Antisociales y Delictivas en Adolescentes</i> (ECADA) – Seisdedos Cubero (2007). • <i>International Self-Report Delinquency</i> (ISRD-3) – Enzmann et al. (2018). • <i>Cuestionario de Conductas Antisociales y Criminales</i> – Otero & Gaeta (2022). • <i>Cuestionario de Conducta Antisocial</i> – Martínez, Fuertes & Ramos (2011). • Questionário de Comportamentos Juvenis (QCJ) – Hutz & Silveira (2003). |
| <p>Estratégias preventivas e educativas</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Importância de ações educativas de prevenção ao comportamento antissocial, com foco em habilidades sociais, empatia e redução da impulsividade (Otero & Gaeta, 2022). • Programas escolares de desenvolvimento de habilidades sociais, empatia e autocontrole (Espinoza-Romero et al., 2022) • Intervenções psicoeducativas para famílias (Navas et al., 2020) e utilização de instrumentos psicométricos para identificação precoce de fatores de risco (Nardi et al., 2016). |
-

4.2 Discussão

A presente revisão de escopo objetivou realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca das condutas antissociais e delitivos em crianças e adolescentes, visando compreender como a literatura científica tem abordado essa temática. O processo de busca, triagem e análise resultou na inclusão de 15 artigos empíricos publicados no período de 2014 a 2023. Observou-se que a maioria dos estudos publicados se concentrou,

sobretudo a partir de 2020, o que pode refletir um interesse crescente na área, visto a frequência e relevância desses comportamentos no convívio social, constatado na veiculação diária de notícias em diferentes meios de comunicação (Medeiros et al., 2017)

Os artigos identificados foram distribuídos geograficamente na Europa, África e América (Central, do Norte, do Sul), sendo este último o mais prevalente, evidenciando que o contexto brasileiro apresenta um maior quantitativo de publicações voltadas ao tema. Esse cenário pode estar relacionado à relevância social e política da problemática nessas regiões, marcadas por desigualdades socioeconômicas e desafios na segurança pública. O estudo multicêntrico que comparou Porto Rico e South Bronx (Canino et al., 2020), por exemplo, demonstra a importância de considerar o contexto sociocultural na compreensão desses comportamentos, abordando diferenças significativas de prevalência entre os locais.

À vista disso, o fato de parte desses estudos terem sido publicados no cenário nacional, não reflete a predominância de línguas locais, uma vez que os artigos apresentaram-se majoritariamente em inglês. Ademais, os artigos contemplaram crianças, adolescentes e jovens adultos, em sua maioria, estudantes da rede básica de ensino, o que pode indicar o interesse em investigar tais condutas no contexto escolar, que é apontado pela literatura como um espaço propício à manifestação desse fenômeno (Monteiro et al., 2017; Obando et al., 2014).

Os achados apontaram caminhos metodológicos homogêneos, fixados na sobreposição do delineamento quantitativo transversal, frequentemente de natureza correlacional ou preditiva, evidenciando o foco em mapear associações e identificar perfis de risco em amostras amplas. Também foram encontrados estudos longitudinais, que, embora menos frequentes, contribuem para o entendimento da persistência dos comportamentos ao longo do tempo. Não foram identificados estudos qualitativos na amostra, o que representa uma lacuna importante, considerando que abordagens qualitativas podem oferecer compreensão aprofundada sobre as

experiências subjetivas, contextos culturais e significados atribuídos aos comportamentos antissociais e delitivos.

Tendo em vista a hegemonia da natureza quantitativa dos estudos, foi constatado a utilização de 15 instrumentos, dentre escalas padronizadas e questionários de autorrelato voltados à avaliação de condutas antissociais e delitivas, dentre as quais destaca-se o *Antisocial Process Screening Device* (APSD; Frick & Hare, 2001), a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD; Seisdedos, 2007) e o *International Self-Report Delinquency* (ISRD-3; Enzmann et al., 2018). Alguns estudos fizeram uso de medidas psicofisiológicas, entrevistas clínicas e *checklists* de risco, o que amplia a compreensão sobre mecanismos subjacentes. Essa diversidade de ferramentas contribui com a tentativa de capturar múltiplas dimensões das condutas antissociais e delitivas, incluindo aspectos emocionais, cognitivos e relacionais.

Como resultado da análise de conteúdo dos artigos selecionados para compor a amostra final desta revisão, é possível compreender que as condutas antissociais e delitivas se organizam em diferentes eixos de investigação, o que demonstra a complexidade multifatorial desse fenômeno. Não obstante, a natureza específica de cada categoria temática destaca elementos que se mostraram recorrentes e interligados entre os estudos analisados.

Fatores individuais (e.g., impulsividade, traços da tríade sombria, desregulação emocional e busca de sensações) foram identificados como variáveis centrais em grande parte dos artigos (Gutiérrez et al., 2020; Navas et al., 2020; LaSpada et al., 2020; Wendt et al., 2017). O *contexto familiar* (e.g., práticas parentais violentas ou permissivas, histórico de abuso e ausência de apoio) apresentam-se como aspectos decisivos tanto para o início quanto para a manutenção das condutas antissociais e delitivas (Coelho et al., 2020; Espinoza-Romero et al., 2022; Nardi et al., 2016). Além disso, *fatores socioculturais* (e.g., vulnerabilidade social, pertencimento a minorias étnicas e características do ambiente escolar) influenciaram

diretamente a frequência, a gravidade e a persistência desses comportamentos (Canino et al., 2020; Dias et al., 2017; García & Jiménez, 2018). Dessa forma, comprehende-se que as condutas antissociais e delitivas resultam de uma combinação de fatores individuais, familiares e contextuais, com interações complexas entre variáveis biológicas, psicológicas e sociais.

Os artigos averiguaram desde *fatores de risco e preditores*, como a associação entre impulsividade e maior envolvimento em furtos e brigas (Wendt et al., 2017; Navas et al., 2020), até *consequências e desfechos*, como a persistência do comportamento antissocial na vida adulta e seu vínculo com depressão e uso de substâncias (Gutiérrez et al., 2020). Também analisaram *correlatos e mecanismos associados*, incluindo baixa frequência cardíaca em repouso como indicador biológico de maior propensão à agressividade (Portnoy et al., 2014) e a relação entre busca de sensações e envolvimento em condutas delitivas (LaSpada et al., 2020).

A análise das *diferenças de gênero, faixa etária e contexto sociocultural* revelaram que o comportamento antissocial e delitivo se apresenta com maior frequência e gravidade entre meninos, embora as meninas também apresentem envolvimento relevante, frequentemente associado a fatores emocionais e de socialização (Visin et al., 2023; Navas et al., 2020). Podem surgir já na infância e, quando não tratados, tendem a se intensificar ou persistir na adolescência e início da vida adulta, aumentando o risco de reincidência e associação com outros problemas como uso de substâncias e transtornos emocionais (Gutiérrez et al., 2020; Portnoy et al., 2014). Ademais, fatores como vulnerabilidade socioeconômica, pertencimento a minorias étnicas, diferenças no tipo de escola e desigualdades estruturais influenciaram significativamente a frequência e a gravidade das condutas, como demonstrado em estudos realizados em diferentes países e regiões (Canino et al., 2020; Dias et al., 2017).

Contudo, os achados apontaram para uma carência de estudos que objetivassem compreender como se dá esses comportamentos em meninas; que se utilizem de delineamentos

longitudinais, a fim de averiguar como se dá as consequências dessas condutas ao longo da vida; a padronização de instrumentos validados, que objetivem avaliar as condutas antissociais e delitivas; e a realização de estudos de intervenção, com o intuito de minimizar tais condutas ainda na infância. Portanto, as estratégias de prevenção devem integrar ações escolares, familiares e comunitárias, com foco no fortalecimento de habilidades socioemocionais, na redução de fatores de risco familiares e na criação de políticas públicas que abordem as desigualdades sociais que contribuem para a perpetuação do comportamento antissocial e delitivo.

**5. CONDUTAS ANTISSOCIAIS E DELITIVAS: ESTUDOS
REALIZADOS NO BRASIL**

5.1 Método

5.1.1 Participantes

Participaram deste estudo 2.386 estudantes dos ensinos fundamental, médio e universitário. Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), tendo contribuído voluntariamente aqueles que, presentes em sala de aula, concordaram em participar voluntariamente do estudo, que integrou quatro amostras. Estes participantes tinham idade média de 15,8 anos ($DP = 3,71$, variando de 10 a 45 anos), sendo a maioria do sexo feminino (58,6%), declarando-se de classe socioeconômica média (56,4%) e católico (58,6%), informando grau de religiosidade médio de 2,77 ($DP = 1,03$, variando de 0 (*Nada religioso*) a 4 (*Muito religioso*)).

5.1.2 Instrumentos

Os participantes responderam perguntas de natureza sociodemográfica (e.g., idade, sexo, religião, religiosidade e classe socioeconômica), disponibilizadas ao final, além de uma medida de valores humanos e outra de condutas socialmente desviantes, como se indica a seguir:

Questionário dos Valores Básicos (QVB; Gouveia, 2003). Este instrumento é composto por 18 itens (valores básicos), contendo dois descritores para cada valor (e.g., *Saúde*. Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo; *Afetividade*. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar meus êxitos e fracasso). Foi solicitado aos participantes que avaliassem cada item em uma escala de sete opções de respostas, com os seguintes extremos: 1 (Totalmente não importante) e 7 (Totalmente importante), considerando a importância de cada valor, como princípio-guia para suas vidas. Os itens são distribuídos igualmente em seis subfunções: *experimentação* (emoção, prazer e sexual), *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência), *suprapessoal* (beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (afetividade, apoio social e

convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição). Evidências psicométricas de sua adequação podem ser encontradas em Gouveia, Milfont e Guerra (2014).

Questionário de Comportamentos Antissociais e Delitivos (CAD), Gouveia, Santos, Pimentel, Diniz, & Fonsêca, 2009). Trata-se de uma versão abreviada do instrumento proposto por Seisdedos (1988), formado por 40 itens igualmente distribuídos entre condutas antissociais (*e.g.*, dizer palavrões ou expressões pesadas; bagunçar ou assobiar em uma reunião, lugar público ou de trabalho) e delitivas (*e.g.*, pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela; resistir a briga para escapar de um policial). No presente caso, consideraram-se 20 itens, dez para cada um dos fatores de condutas socialmente desviantes. O participante deve indicar com que frequência já realizou em algum momento da sua vida os comportamentos descritos em cada item, sendo suas respostas dadas em uma escala variando de 1 (Nunca) a 10 (Sempre). Os autores de sua adaptação oferecem evidências de sua adequação estrutural e consistência interna (alfas de *Cronbach* superiores a 0,80), embora em amostras menores do que a que se considera nesta tese.

5.1.3 Procedimento

No caso de participantes de menoridade, obteve-se previamente o consentimento da direção dos estabelecimentos de ensino e do professor responsável pela disciplina. Aqueles com 18 anos ou mais de idade assinaram termo de consentimento livre e esclarecido antes de responderem os instrumentos. Contou-se com a colaboração de assistentes de pesquisa para a aplicação dos questionários, cuja coleta foi realizada em contexto coletivo de sala de aula, sendo as respostas dadas individualmente. Assegurou-se a todos os participantes o caráter voluntário e confidencial de suas respostas, informando que poderiam deixar o estudo a qualquer momento sem que houvesse

prejuízo pessoal. Se desejassem, eles poderiam contatar o pesquisador responsável em endereço informado aos participantes. Seguiram-se todos os procedimentos éticos de pesquisas com seres humanos.

5.2 Resultados

Os resultados são organizados em duas partes, correspondendo aos estudos realizados no Brasil e na Espanha. Quanto aos achados do Brasil, procura-se dividi-los em três seções: (1) checar os parâmetros psicométricos da medida de condutas socialmente desviantes, *i.e.*, condutas antissociais e delitivas. Portanto, é checada sua estrutura fatorial, realizando análises exploratórias e confirmatórias, avaliada a representação espacial de seus itens e calculada a consistência interna de cada fator; (2) os fatores resultantes desta medida de condutas socialmente desviantes são correlacionados com os valores humanos, considerando cada amostra específica e o conjunto total de participantes; e (3) é elaborado um modelo explicativo destas condutas, considerando as variáveis demográficas e os valores humanos como explicadores.

5.2.1. Estrutura Fatorial da Medida de Condutas Socialmente Desviantes

Embora previamente tenha sido proposta uma versão de 20 itens do *Questionário de Comportamentos Antissociais e Delitivas*, nenhum estudo posterior chegou evidências de sua validade e consistência interna em amostra mais ampla, como também não se realizou qualquer tentativa de confirmar sua estrutura ou invariância fatorial. Do mesmo modo, não se avaliou a possibilidade de representar seus itens em espaço bidimensional, checando se podem mesmo ocupar diferentes espaços semânticos. Portanto, pretendeu-se nesta oportunidade realizar as análises correspondentes.

No que se refere à estrutura fatorial da medida, procurou-se inicialmente realizar análises exploratórias, decidindo empregar a análise de componentes principais, fixando a rotação *varimax*. Os achados para cada uma das amostras deste estudo são descritos na Tabela 5 a seguir.

Tabela 5. Estrutura Fatorial da Medida de Condutas Socialmente Desviantes

Amostra	Condutas	Indicadores de Condutas Desviantes			Valor Próprio Aleatório (Análise Paralela)†
		KMO / Teste de Esfericidade	Valor Próprio (<i>Eigenvalue</i>)	Porcentagem da Variância	
Total	Delitiva Antissocial	0,95 / 17.467,73*	7,74 2,50	38,68 12,51	1,16(1,19) 1,13(1,16)
1	Delitiva Antissocial	0,86 / 2.608,62	6,39 2,72	31,93 13,61	1,47 (1,56) 1,38(1,45)
2	Delitiva Antissocial	0,80 / 2.017,44	6,66 2,56	33,28 12,80	1,62 (1,73) 1,50(1,58)
3	Delitiva Antissocial	0,93 / 7.963,26	7,20 2,39	35,99 11,94	1,25(1,29) 1,21(1,24)
4	Antissocial	0,90 / 1.267,90	4,63	46,30	1,27(1,34)
5	Antissocial Delitiva	0,90 / 3.767,15*	6,92 2,37	34,61 11,87	1,38(1,45) 1,31(1,36)

Nota: * p < 0,001 † = Valor próprio médio e percentil 95% (entre parênteses)

Conforme pode ser observado nesta tabela, o conjunto de itens da medida de condutas socialmente desviantes se mostrou adequado independente da amostra, observando-se valor de *KMO* iguais ou superiores a 0,80 (o *KMO* foi de 0,95 para o conjunto dos dados). Excetuando na amostra 5, que considerou ou apenas de itens de condutas antissociais, em todas as demais amostras emergiram os dois fatores esperados, que apresentaram valores próprios superiores a 2, claramente acima daqueles produzidos aleatoriamente (análise paralela). Conjuntamente, os dois fatores explicaram aproximadamente entre 45 e 48% da variância total das respostas dos participantes.

Conhecidos os dois fatores de condutas socialmente desviantes, o passo seguinte foi conhecer evidências de sua consistência interna alfa de *Cronbach* (α) e correlação

média inter-itens ($M_{r,i}$). No caso, considerando as amostras específicas, no que diz respeito às condutas antissociais, seu fator apresentou coeficientes alfas variando de 0,81 (amostra 1) a 0,88 (amostra 5), enquanto para as condutas delitivas variaram de 0,83 (amostra 5) a 0,89 (amostra 1 e 3). Todas as médias de correlações inter-itens foram iguais ou superiores a 0,30, variando de 0,30 (amostra 1) a 0,43 (amostra 5) para condutas antissociais e 0,33 (amostra 5) a 0,45 (amostra 3). Quando considerado o conjunto total de participantes, observaram-se alfas de *Cronbach* e correlação média inter-itens (entre parênteses) de 0,86 (0,38) e 0,91 (0,50) para as condutas antissociais e delitivas, respectivamente.

5.2.2. Comprovação de Estrutura e Invariância Fatorial da Medida

Previamente, conforme os achados anteriormente descritos, foi possível identificar os dois fatores hipotetizados de condutas socialmente desviantes (*i.e.*, condutas antissociais e condutas delitivas). Não obstante, as análises prévias foram exploratórias, não havendo um parâmetro adequado e objetivo para julgar o quanto a estrutura hipotetizadas se ajusta aos dados empíricos. Neste caso, decidiu-se realizar uma testagem da estrutura fatorial, o que foi feito por meio de modelagem por equações estruturais. Além de testar o modelo com dois fatores, testou-se previamente um com apenas um fator, contrastando as duas soluções para decidir a mais adequada. O modelo unifatorial, definindo os 20 itens como saturando em um único fator, mostrou-se não adequado estatisticamente: $\chi^2(170) = 4.193,83$, $\chi^2/gl = 24,67$, $AGFI = 0,66$, $CFI = 0,72$ e $RMSEA = 0,109$ ($IC90\% = 0,106-0,12$). Considerando as saturações dos itens neste fator geral, observou-se um valor médio de 0,56 (0,41-0,67). Portanto, parece pouco plausível contar com uma estrutura unifatorial.

O passo seguinte foi testar a adequação da estrutura bifatorial teorizada. Os indicadores de ajuste aos dados empíricos foram mais promissores: $\chi^2 (169) = 1.641,82$, $\chi^2/gl = 9,15$, $AGFI = 0,90$, $CFI = 0,90$ e $RMSEA = 0,066$ ($IC90\% = 0,063-0,069$). Desse modo, parece mais adequado admitir essa estrutura unifatorial. Entretanto, visando comparar diretamente os modelos uni e bifatorial, consideram-se dois indicadores de ajuste: *CAIC* e *ECVI*, indicando os menores valores o ajuste mais favorável do modelo. Concretamente, os valores de *CAIC* e *ECVI* para os modelos unifatorial [4.537,84 e 2,14 ($IC90\% = 2,04-2,25$), respectivamente] e bifatorial [1.994,44 e 0,86 ($IC90\% = 0,80-0,90$), respectivamente]. Fica então comprovada a melhor adequação do modelo bifatorial, que é descrito na Figura 4 a seguir.

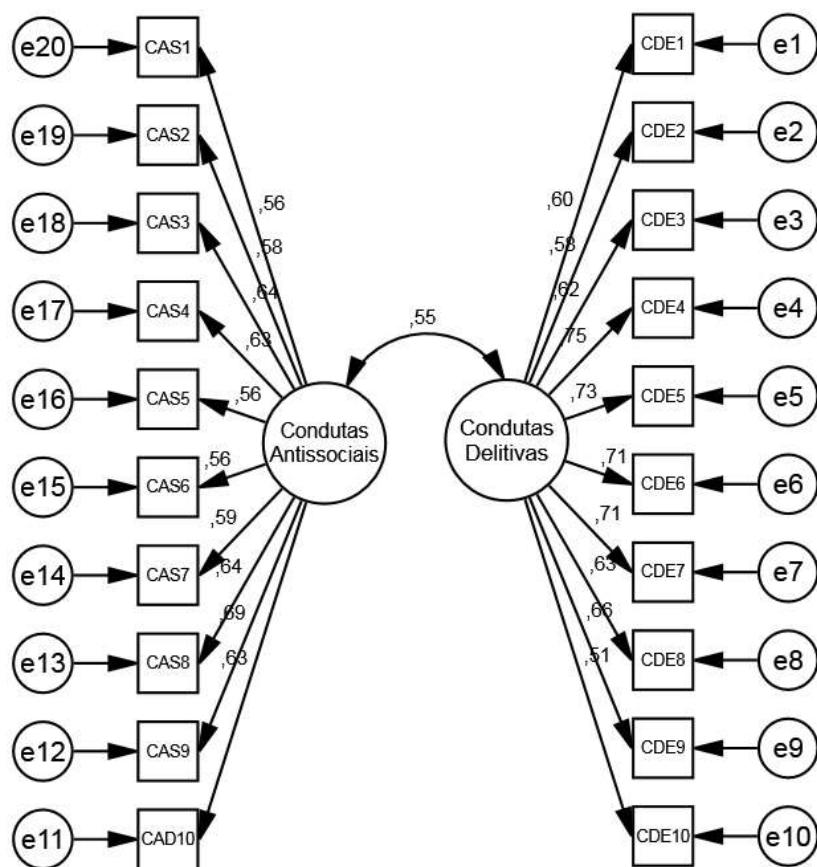


Figura 4. Estrutura Bifatorial do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas

Embora esse modelo bifatorial tenha se mostrado psicométricamente adequado, tomando em conta os *índices de modificação*, observou-se que seria possível melhorar

os indicadores de ajuste. Especificamente, dois erros de covariância do fator de condutas delitivas tiveram valores acima de 50, correspondendo aos pares de itens 4 e 5 (196,48) e 5 e 8 (72,56). Portanto, decidiu-se reespecíficá-los, resultando nos seguintes indicadores: χ^2 (167) = 1.345,84, χ^2/gl = 8,06, $AGFI$ = 0,92, CFI = 0,92 e $RMSEA$ = 0,059 ($IC90\% = 0,057-0,062$).

5.2.3. Representação Espacial dos Itens de Condutas Socialmente Desviantes

É comum conhecer a estrutura de uma medida por meio de análise fatorial, que pode ser exploratória ou confirmatória. No caso, previamente foram mostradas evidências de que a medida de comportamentos socialmente desviantes apresentou os dois fatores hipotetizados, isto é, comportamentos antissociais e delitivos. Não obstante, tem sido menos frequente recorrer a procedimentos mais gráficos, que permitem visualizar a distância / proximidade entre os itens da medida, favorecendo visualizar como podem ser representados espacialmente. Este procedimento é possível, por exemplo, com escalonamento multidimensional.

Nesta oportunidade foi decidido realizar uma análise de escalonamento multidimensional, adotando o procedimento *Alscal*. No caso, criaram-se distâncias euclidianas, admitindo que a medida intervalar, transformando os valores entre os itens em pontuações z (padronizadas). Constatou-se ser possível representar o conjunto de 20 itens da medida em um espaço bidimensional ($S\text{-stress} = 0,13$ e $RSQ = 0,93$). Os resultados são mostrados na Figura 5 a continuação.

Conforme a *Figura 5*, as duas dimensões foram nomeadas como *gravidade do comportamento* (Dimensão 1) e *relação pessoa-ambiente* (Dimensão 2). Claramente, a primeira dimensão diferencia itens de comportamentos antissociais (CAS) daqueles delitivos (CDE). Por outro lado, também é possível contemplar na segunda dimensão a

separação entre itens que focam mais nas relações interpessoais (quadrados) daqueles que focam em variáveis contextuais, ambientais, sobretudo no caso de comportamentos antissociais.

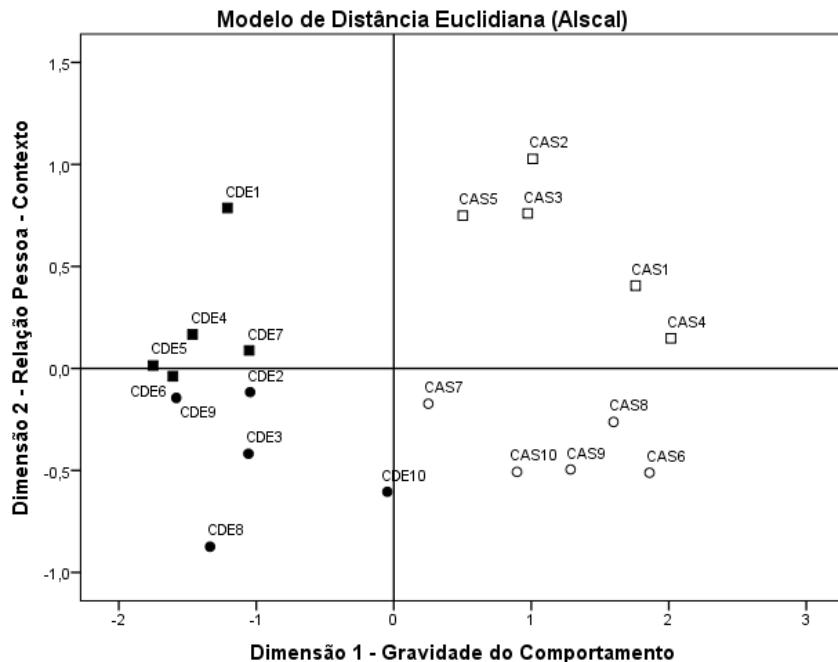


Figura 5. Modelo Alscal de Comportamentos Socialmente Desviantes

5.2.4. Correlatos Valorativos de Condutas Socialmente Desviantes

Conhecida a estrutura fatorial e representação espacial da medida de comportamentos socialmente desviantes, passo seguinte foi conhecer em que medida os fatores destes comportamentos, isto é, antissociais e delitivos, estariam correlacionados entre si e com os valores humanos. Os achados para o conjunto total de participantes são mostrados na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6. Correlatos Valorativos de Comportamentos Antissociais e Delitivos

1. Antissocial	2	3	4	5	6	7
2. Delitiva	0,54***					
3. Experimentação	0,17***	-0,01				
4. Realização	-0,01	-0,10***	0,31***			
5. Existência	-0,09***	-0,19***	0,25***	0,31***		
6. Suprapessoal	-0,20***	-0,20***	0,13***	0,20***	0,37***	
7. Interativa	-0,14***	-0,19***	0,10***	0,16***	0,33***	0,31***
8. Normativa	-0,31***	-0,15***	-0,11***	0,08***	0,29***	0,24***
						0,31***

Conforme é possível observar na Tabela 6, os comportamentos antissociais estão diretamente correlacionados com os delitivos ($r = 0,54, p < 0,001$), compartilhando próximo a um terço da variância (29%). Sistematica e invariavelmente, ambas as condutas estão negativamente correlacionadas com os valores sociais (i.e., normativos e interativos), sendo positiva apenas a correlação das condutas antissociais com os valores de experimentação. Há que destacar que os valores de existência e suprapessoais também protegem contra essas condutas socialmente desviante; o valor de realização o faz em relação às condutas delitivas.

Pese o padrão geral de associação entre os valores e os comportamentos socialmente desviante, parece adequado avaliar se há qualquer variação em relação às amostras do estudo. No caso, tratam-se separadamente as condutas antissociais e delitivas, associando-as aos mesmos valores humanos anteriormente analisados, mostrando os achados para cada um dos estudos que compuseram a presente tese. Os resultados destas análises são apresentados na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7. Correlatos Valorativos de Comportamentos Socialmente Desviantes por Estudo

Estudos	Condutas	Valores Humanos					
		Experimentação	Realização	Existência	Suprapessoal	Interativa	Normativa
1	Antissocial	0,12*	-0,03	-0,05	-0,10	-0,13*	-0,23***
	Delitiva	0,09	-0,04	-0,11	-0,16**	-0,20***	-0,12*
2	Antissocial	0,20**	0,13	-0,03	-0,04	-0,15*	-0,37***
	Delitiva	0,10	0,08	-0,25**	-0,24**	-0,27***	-0,23**
3	Antissocial	0,18***	-0,02	-0,07*	-0,15***	-0,17***	-0,32***
	Delitiva	0,09**	-0,07*	-0,14***	-0,19***	-0,23***	-0,22***
4	Antissocial	0,24***	0,08	-0,09	-0,28***	-0,09	-0,36***
5	Antissocial	0,28***	0,03	-0,11*	-0,28***	-0,14**	-0,33***
	Delitiva	0,17***	0,08	-0,10*	-0,14**	-0,10*	-0,12**

Na direção do que foi observado para o conjunto total de participantes desta tese, invariavelmente os comportamentos antissociais se correlacionaram positivamente com os valores de experimentação; em dois estudos não o fizeram com os comportamentos delitivos. Todas as correlações dos valores sociais (i.e., interativos e normativos) com os comportamentos socialmente desviantes foram negativas, unicamente não tendo sido significativa para a conduta antissocial no quarto estudo. Vale destacar que os valores suprapessoais se correlacionaram negativamente com tais condutas, embora não tenham sido observados coeficientes significativos para os dois primeiros estudos.

5.2.5 Explicando Condutas Socialmente Desviantes

Embora calcular os coeficientes de correlação dá uma ideia acerca de como se associam os valores com os comportamentos socialmente desviantes, parece relevante mostrar em que medida o conjunto de valores explica de tais condutas. Neste sentido, decidiu-se realizar uma regressão linear múltipla hierárquica (método *enter*), considerando dois blocos de preditores: variáveis demográficas (i.e., idade, sexo e religiosidade) e valores humanos (i.e., experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa). As condutas antissociais e delitivas ingressaram no modelo como variáveis dependentes ou critérios, sendo analisadas separadamente.

Em se tratando de condutas antissociais, o primeiro bloco (i.e., idade, sexo e religiosidade) obteve um $R = 0,24$ (R^2_{Ajustado} de 0,06), tendo o segundo bloco (i.e., valores humanos) representado uma mudança substancial [$R = 0,38$, $R^2_{\text{Ajustado}} = 0,14$ e $R^2_{\text{Mudança}} = 0,08$, $F(9, 1402) = 25,71, p < 0,001$]. Portanto, os dados demográficos em conjunto com os valores humanos explicaram 14% da variância em condutas antissociais. Unicamente as variáveis demográficas sexo ($\beta = -0,08$) e religiosidade ($\beta = -0,09$) entraram no modelo final ($p < 0,01$); no caso dos valores humanos, ficou de fora apenas o valor de realização. Os valores de experimentação ($\beta = 0,13$) e existência ($\beta = 0,07$) aumentam a chance de apresentar condutas antissociais, contrariamente aos valores suprapessoais ($\beta = -0,09$) e sociais [interativos ($\beta = -0,06$) e normativos ($\beta = -0,24$)] que diminuem essa probabilidade. As informações mais detalhadas dessa análise são sumarizadas na *Tabela 8* a continuação.

Tabela 8. Explicando Condutas Antissociais

Variáveis Antecedentes	R	R ²	R ² _{Ajustado}	R ² _{Mudança}	B	β	t
Modelo 1	0,24	0,06	0,06				
Idade					0,02	0,06	2,27*
Religiosidade					-0,23	-0,20	-7,54***
Sexo					-0,27	-0,11	-4,09***
Modelo 2	0,38	0,14	0,14	0,08			
Idade					0,01	0,02	0,52
Religiosidade					-0,10	-0,09	-3,10**
Sexo					-0,20	-0,08	-3,14**
Experimentação					0,14	0,13	4,87***
Realização					0,00	0,00	0,01
Existência					0,10	0,07	2,39*
Suprapessoal					-0,11	-0,09	-3,05**
Interativa					-0,08	-0,06	-2,12*
Normativa					-0,28	-0,24	-8,13***

Nota: * $p < 0,01$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$

No que diz respeito às condutas delitivas, os achados são resumidos na *Tabela 9* a seguir. O primeiro bloco (i.e., idade, sexo e religiosidade) teve um $R = 0,23$ (R^2_{Ajustado} de 0,05), tendo o segundo bloco (i.e., valores humanos) representado uma mudança

substancial [$R = 0,34$, $R^2_{\text{Ajustado}} = 0,11$ e $R^2_{\text{Mudança}} = 0,06$, $F(9, 1411) = 19,82$, $p < 0,001$].

Os dados demográficos e os valores humanos explicaram conjuntamente 11% da variância em condutas delitivas. Neste caso, todas as variáveis demográficas entraram no modelo: idade ($\beta = 0,06$), sexo ($\beta = -0,11$) e religiosidade ($\beta = -0,20$) ($p < 0,05$). Dois dos valores humanos não deram contribuições significativas para explicar as condutas delitivas: realização e existência, tendo sido os demais preditores significativos: experimentação ($\beta = 0,11$) aumentou a chance de demonstrar condutas delitivas, enquanto que inibiram essa possibilidade os valores suprapessoais ($\beta = -0,10$) e sociais [interativos ($\beta = -0,10$) e normativos ($\beta = -0,13$)].

Tabela 9. Explicando Condutas Delitivas

Variáveis Antecedentes	R	R^2	R^2_{Ajustado}	$R^2_{\text{Mudança}}$	B	β	t
Modelo 1	0,23	0,05	0,05				
Idade					0,02	0,06	2,27*
Religiosidade					-0,23	-0,20	-7,54***
Sexo					-0,27	-0,11	-4,09***
Modelo 2	0,34	0,11	0,11	0,06			
Idade					-0,01	-0,05	1,95
Religiosidade					0,01	0,01	0,19
Sexo					-0,25	-0,16	-6,07***
Experimentação					0,07	0,11	3,86***
Realização					-0,01	-0,02	-0,71
Existência					-0,01	-0,01	-0,05
Suprapessoal					-0,09	-0,10	-3,65***
Interativa					-0,09	-0,10	-3,62***
Normativa					-0,10	-0,13	-4,30***

Nota: * $p < 0,01$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$

Em resumo, demonstrou-se que a medida de condutas socialmente desviantes (i.e., antisociais e delitivas) é psicométricamente adequada, mostrando uma estrutura com dois fatores com indicadores de ajuste aceitáveis. Esta estrutura foi reproduzida por meio de escalonamento multidimensional (Alscal). Além disso, tais fatores apresentaram evidências de consistência interna, como avaliadas pela correlação média inter-itens e o

alfa de Cronbach. Por fim, pesem as contribuições de variáveis demográficas, sobretudo da religiosidade, os valores se revelaram preditores adequados das condutas socialmente desviantes, funcionando os valores de experimentação como fator de risco e os valores suprapessoais, interativos e normativos como fatores de proteção.

Pesem os achados promissores e consistentes com a literatura, resta saber, entretanto, em que medida eles são restritos à realidade brasileira ou se devem às medidas empregadas de condutas socialmente desviantes e valores humanos. Estes aspectos demandaram de comprovação, suscitando a realização de novo estudo, que foi feito na Espanha, considerando uma medida diferente de condutas socialmente desviantes, além de duas medidas de valores e uma de personalidade normal (*big five*). Afinal, podem os valores explicar as condutas socialmente desviantes para além dos traços de personalidade dos indivíduos?

5.3 Discussão

5.3.1. Estrutura Fatorial da Medida de Condutas Socialmente Desviantes

A checagem dos parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD) vem agregar a resultados apresentados em estudos anteriores (Formiga & Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2008; Seisdedos, 1988), entretanto, vale ressaltar que a contribuição da presente tese se dá, uma vez que nenhum estudo anterior checou evidências de sua validade e consistência interna em amostra mais ampla, como também não se realizou qualquer tentativa de confirmar sua estrutura ou invariância factorial. Do mesmo modo, não se avaliou a possibilidade de representar seus itens em espaço bidimensional, checando se podem mesmo ocupar diferentes espaços semânticos.

Os resultados apontados por meio da análise exploratória confirmaram a estrutura bifatorial do CAD, emergindo os dois fatores esperados, referentes a condutas antissociais e delitivas. Especificamente, explica-se que as condutas antissociais são consideradas mais brandas, sem implicações legais diretas (e.g., dizer palavrões ou expressões pesadas) enquanto a conduta delitiva (e.g., entrar em um apartamento ou casa e roubar algo) é uma infração legal que resulta em consequências jurídicas (Vasconcelos et al., 2008).

Os indicadores psicométricos foram significativos, visto que os dois fatores explicaram aproximadamente entre 45 e 48% da variância total das respostas dos participantes. Os coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) foram superiores ao ponto de corte definido para este parâmetro (0,70) (Nunnally, 1991), e são similares àqueles apresentados por Seisdedos (1988) e Gouveia et al. (2009). Com o intuito de confirmar os achados exploratórios, foram testados tanto o modelo com dois fatores, como defendem estudos anteriores (Gouveia et al., 2009; Seisdedos, 1988) e com apenas um único fator (Donovan & Jessor, 1985; Flannery et al., 1999), contrastando as duas soluções para decidir a mais adequada. Assim, ficou comprovada a melhor adequação do modelo bifatorial [$\chi^2(167) = 1.345,84$, $\chi^2/gl = 8,06$, $AGFI = 0,92$, $CFI = 0,92$ e $RMSEA = 0,059$ ($IC90\% = 0,057-0,062$)].

Corroborando aos achados, a análise de escalonamento multidimensional proporcionou a representação espacial, permitindo a visualização da distância/proximidade entre os itens da medida em um espaço bidimensional: *gravidade do comportamento* (Dimensão 1) e *relação pessoa-ambiente* (Dimensão 2). Claramente, a primeira dimensão diferencia itens de comportamentos antissociais (CAS) daqueles delitivos (CDE), como já citado nos estudos de Gouveia et al. (2009). Já a segunda, diferencia relações interpessoais daqueles que focam em variáveis contextuais, ambientais, sobretudo no caso de comportamentos antissociais. Assim como apontado por

Zúñiga et al. (2024), o qual classificaram os fatores de risco e proteção em individual (*i.e.*, biológicos), interpessoal (*i.e.*, família e escola) e contextual (*i.e.*, situação socioeconômica). Tais achados cumpriram o objetivo específico de checar os parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD) evidenciando que a medida apresenta evidências psicométricas de que mede o que se propõe a medir.

5.3.2 Correlatos Valorativos de Condutas Socialmente Desviantes

Conhecida a estrutura fatorial e representação espacial da medida de comportamentos antissociais e delitivos, o passo seguinte objetivou responder ao problema de pesquisa – Em que medida os fatores antissociais e delitivos, estariam correlacionados entre si e com os valores humanos? Desse modo, constatou-se que as condutas antissociais estão diretamente correlacionadas com as delitivas, assim como destacado por Gouveia et al (2009), que evidencia o CAD como um instrumento que captura duas dimensões (antissociais e delitivas) correlacionadas.

Acerca da correlação dos valores humanos com condutas socialmente desviantes, pode-se destacar a correlação positiva e significativa dos comportamentos antissociais com os valores de experimentação. Visto que, pessoas que endossam este valor, buscam por satisfação imediata e apresentam menor propensão em se conformar com normas sociais, estando mais disposto a se envolver em condutas antissociais (Formiga, 2013; Medeiros et al., 2017).

De forma mais consistente, é possível destacar a correlação negativa dos valores sociais (*i.e.*, interativos e normativos) com os comportamentos socialmente desviantes, podendo afirmar que estes atuam como um fator de proteção mediante a tais condutas. Isto se dá, uma vez que os valores normativos caracterizam pessoas pautadas na

obediência e respeito às normas sociais, e os interativos abrangem valores de convivência, apoio social e afetividade, fundamentais para a regulação e manutenção das relações interpessoais (Monteiro et al., 2017; Nunes, 2021; Santos, 2008).

5.3.3 Explicando Condutas Socialmente Desviantes

Apesar da correlação dar uma ideia de como se associam os valores com os comportamentos socialmente desviantes, os resultados foram além, mostrando em que medida o conjunto de valores explica tais condutas. Assim, verificou-se uma contribuição de variáveis demográficas, sobretudo da religiosidade, e dos valores como preditores adequados das condutas socialmente desviantes, funcionando os valores de experimentação como fator de risco e os valores suprapessoais, interativos e normativos como fatores de proteção.

Nessa conjuntura, as condutas antissociais e delitivas ingressaram no modelo como variáveis dependentes ou critérios, isto é, foram analisadas separadamente. No qual o modelo das condutas antissociais, agregou as variáveis sociodemográficas sexo e religiosidade, enquanto o modelo das condutas delitivas considerou estes e agregou a idade.

Nessa direção, os achados do modelo de condutas antissociais diferem em relação as condutas delitivas apenas na ausência da variável idade. Isso pode ser justificado, uma vez que a maioria dos participantes possuem até 20 anos, e sabe-se que condutas antissociais na adolescência e juventude são comuns (Formiga et al., 2015). Já as variáveis em comum em ambos os modelos (i.e., religiosidade e sexo), também são corroboradas por estudos anteriores.

Nessa perspectiva, Dias (2011) apontou a religiosidade como fator de proteção a alguns comportamentos desviantes (*i.e*, delinquência e o consumo de substâncias), assim como Lima (2023), que em um estudo sobre religiosidade e comportamentos de risco na adolescência, constatou que a afiliação religiosa aparece como reguladora de comportamentos de violência, mais especificamente nas experiências *bullying* e *cyberbullying*. Sendo possível ver nos estudos citados que a religiosidade atua como fator de proteção tanto nos comportamentos antissociais, quanto nos delitivos.

Sobre a variável sexo, Gubbels et al. (2023) já havia apresentado em seus achados que o impacto de diferentes fatores de proteção para comportamento antissocial em jovens foi moderado por diferentes fatores sociodemográficos, incluindo o gênero. Corroborando com isso, Formiga et al. (2015) ao considerar as condutas antissociais e delitivas em análises independentes, também constatou que tais condutas foram mais presentes entre os homens do que em mulheres em ambos os modelos. Vendo, portanto, a relevância dessa variável na explicação de tais condutas.

Acerca dos valores, o primeiro modelo esclarece que os valores de experimentação e existência, aumentam a chance de apresentar condutas antissociais, enquanto os valores suprapessoais e sociais (interativos e normativos) diminuem essa probabilidade. Já no segundo modelo, o valor de existência não apresentou contribuição significativa, porém também constatou que o valor de experimentação aumentou a chance de demonstrar condutas delitivas, enquanto inibiram essa possibilidade os valores suprapessoais e sociais (interativos e normativos).

Nesse sentido, sabe-se que os valores de experimentação e normativo como explicadores de condutas antissociais e delitivas já apareceram em estudo anterior, no qual a experimentação age como fator de risco, enquanto o normativo age como fator de proteção (Medeiros et al., 2017). A novidade dos achados da presente tese está em

agregar os valores suprapessoal e interativo como fatores de proteção na explicação de condutas antissociais e delitivas, e unicamente ao modelo de conduta antissocial o valor de existência.

Tais achados são explicados, uma vez que valores suprapessoal refere-se ao cognitivo, autorrealização, a busca por amadurecimento, o que contrasta com condutas antissociais e delitivas (Gouveia, 2013). Já os que endossam os valores interativos, valorizam a manutenção das relações interpessoais, o que age como um fator protetivo frente às condutas desviantes (Silva et al., 2022). Por fim, a presença do valor de existência unicamente no modelo antissocial, pode ser atribuído ao fato que este refere-se à preservação da saúde psicológica e mental, evitando qualquer comportamento que ameace tal estabilidade (Godoy & Oliveira-Monteiro, 2015).

Contudo, afirma-se que os valores se revelaram preditores adequados das condutas socialmente desviantes, funcionando os valores de experimentação como fator de risco e os valores suprapessoais, interativos e normativos como fatores de proteção. Por fim, destaca-se que os achados aqui discutidos contribuíram para atingir os objetivos de (2) checar os parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD) e (3) conhecer a correlação das condutas antissociais e delitivas com valores humanos e personalidade.

**6. ESTUDO REALIZADO NA ESPANHA: CORRELATOS VALORATIVOS
E DA PERSONALIDADE DE CONDUTAS SOCIALMENTE DESVIANTES**

Este último estudo foi realizado em outro país (Espanha), procurando conhecer em que medida os valores podem explicar os comportamentos socialmente desviantes. Especificamente, pretendeu-se comparar dois modelos explicativos dos valores humanos, correspondendo à teoria universal de S. H. Schwartz, que considera dez tipos motivacionais de valores, e à teoria funcionalista de V. V. Gouveia, que tem em conta seis valores básicos. Além disso, objetivou-se conhecer em que medida os valores podem ser mais adequados do que os traços de personalidade para explicar condutas socialmente desviantes. Neste caso, considerou-se uma medida diferente de comportamentos antissociais e delitivos.

6.1 Método

6.1.1 Participantes

Participaram do estudo 832 pessoas com idades variando de 12 a 84 anos ($M = 19,6$, $DP = 1,55$; 90,3% têm até 25 anos), a maioria do sexo feminino (54,6%). Estas estavam matriculadas em cursos de nível médio e superior, sendo predominantemente da região de La Coruña (92,7%). Tratou-se de amostra de conveniência (não probabilística), tendo participado as pessoas que, presentes em sala de aula, decidiram colaborar voluntariamente.

6.1.2 Instrumentos

Todos responderam um livreto contendo perguntas demográficas (*i.e.*, local de moradia, idade e sexo) e quatro medidas de autorrelato em espanhol, avaliando valores, personalidade e comportamentos socialmente desviantes, conforme descritos a seguir:

Inventário de Comportamentos Antissociais (ICA). Proposto por Espinosa e Clemente (2011) em língua espanhola, originalmente estava formado por 133 itens (condutas específicas), mas uma versão abreviada de 40 itens é disponibilizada por

esses autores, cobrindo oito fatores ou subescalas cada uma representado por cinco itens, como seguem: praticar vandalismo (e.g., Arranhar um carro ou secar seus pneus; Destruir ou quebrar mobília urbana, como lixeiro e bancos de praças), praticar furto (e.g., Furtar coisas dos carros; Pegar a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela), envolvimento com álcool e drogas (e.g., Usar drogas ilegais; Vender maconha a um desconhecido), agressão sexual (e.g., Exibir partes íntimas em público; Esconder-se em banheiros para espiar alguém), Preconceito (e.g., Implicar com alguém em razão de seu país de origem; Implicar com alguém por apresentar algum problema físico ou mental), agressão (e.g., Brigar com outra pessoa; Ser cruel ou maltratar propositadamente um animal), condutas antissociais graves (e.g., Falsificar as notas de uma prova; Culpar a outra pessoa por algo que fez de errado) e condutas antissociais leves (e.g., Chegar de propósito mais tarde do que o permitido em reunião de trabalho, escola etc.).

Questionário de Valores de Schwartz (SVS; Schwartz, 1992). Compõe-se de 56 itens da versão, que cobrem dez tipos motivacionais (i.e., benevolência, tradição, conformidade, segurança, poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção e universalismo). A pessoa deve indicar a importância que cada valor específico tem como um princípio-guia na sua vida, utilizando uma escala de resposta que varia de –1 (Oposto aos meus valores) a 7 (De suprema importância). Os itens são apresentados em duas partes: a primeira vai do item 1 ao 32 e a segunda do 33 ao 58. O respondente é solicitado a seguir esta ordem, lendo primeiro todos os itens de cada lista e escolhendo o que é contrário aos seus princípios-guia, que receberá a pontuação –1; depois ele precisa identificar o valor de suprema importância que receberá a pontuação 7. Recomenda-se usar o menos possível as pontuações –1 e 7. Este procedimento é repetido para cada uma das duas listas de valores. Evidências sobre a adequação desta medida podem ser

observadas em Schwartz e Sagiv (1995), os quais consideraram participantes de 40 amostras em 20 países. Sua versão espanhola foi apresentada por Ros e Grad (1991).

Questionário dos Valores Básicos (QVB; Gouveia, 2003). Este instrumento é composto por 18 itens (valores básicos), contendo dois descritores para cada valor (por exemplo, Saúde. Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo; e Afetividade. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar meus êxitos e fracasso). Foi solicitado aos participantes que avaliassem cada item em uma escala de sete opções de respostas, com os seguintes extremos: 1 (Totalmente não importante) e 7 (Totalmente importante), considerando a importância, de cada valor, como princípio-guia para suas vidas. Os itens são distribuídos igualmente em seis subfunções: experimentação (emoção, prazer e sexual), realização (êxito, poder e prestígio), existência (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência), suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade), interativa (afetividade, apoio social e convivência) e normativa (obediência, religiosidade e tradição). Uma versão preliminar desse instrumento foi proposta em língua espanhola, que foi tomada em conta (Gouveia, 1998).

Inventário dos Cinco Grandes Fatores (BFI; John, Donahue, & Kentle, 1991). Este instrumento foi adaptado ao contexto espanhol por Benet-Martínez e John (1998), estando composto por 44 itens estruturados em sentenças simples (e.g., É conversador, comunicativo; Faz as coisas com eficiência), que são respondidos em escala de resposta tipo Likert, de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). Os itens são originalmente agrupados em cinco fatores, a saber: *abertura à mudança, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo*, apresentando evidências de validade e precisão, conforme estudo de sua adaptação.

6.1.3 Procedimento

Os participantes foram convidados a colaborar com o estudo de forma voluntária, assegurando-se o anonimato de sua participação. Além disso, todos foram informados sobre a possibilidade de se retirar do estudo a qualquer momento, não havendo prejuízo ou punição de qualquer natureza por essa decisão. Tratou-se de estudantes dos níveis educacionais médio e superior, que compuseram a amostra de conveniência (não probabilística). Os instrumentos foram aplicados em contexto coletivo de sala de aula, porém as respostas foram dadas individualmente. Respeitaram-se todos os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos.

6.2 Resultados

Consonante com os objetivos deste estudo, procurou-se correlacionar a medida de comportamentos socialmente desviantes, incluindo aqueles antissociais e delitivos, com os valores humanos, como avaliados pelos modelos de S.H. Schwartz e V. V. Gouveia, e a medida dos cinco grandes fatores de personalidade. Os achados desta análise são descritos na Tabela 10 a continuação.

Tabela 10. Correlatos Valorativos e da Personalidade de Condutas Socialmente Desviantes

		Vandalismo	Roubo	Uso de Drogas	Agressão Sexual	Preconceito	Agressão	Condutas Delitivas	Condutas Antissociais
Schwartz (QVS)	α	0,87	0,92	0,85	0,76	0,89	0,83	0,85	0,75
Poder	0,75	0,36***	0,29***	0,18***	0,32***	0,33***	0,31***	0,32***	0,23***
Realização	0,52	-0,01	-0,06	-0,07	0,02	-0,05	-0,01	-0,03	0,04
Hedonismo	0,49	-0,04	-0,09*	-0,03	0,04	-0,06	-0,01	-0,05	0,12**
Estimulação	0,71	0,17***	0,08*	0,12***	0,18**	0,06	0,16***	0,12**	0,25***
Autodireção	0,53	-0,11***	-0,19***	-0,05	-0,06	-0,17***	-0,14***	-0,15***	-0,02
Universalismo	0,77	-0,21***	-0,23***	-0,16***	-0,18***	-0,26***	-0,24***	-0,26***	-0,22***
Benevolência	0,82	-0,24***	-0,29***	-0,23***	-0,20***	-0,32***	-0,24***	-0,29***	-0,22***
Tradição	0,60	-0,04	-0,07	-0,10**	-0,08	-0,10**	-0,11**	-0,13	-0,22***
Conformidade	0,72	-0,07	-0,08*	-0,13***	-0,08*	-0,10**	-0,10**	-0,12***	-0,19***
Segurança	0,47	0,03	0,03	-0,01	0,05	0,04	0,02	0,03	-0,07
<i>R (R²)</i>		0,46 (0,21)	0,44 (0,19)	0,34 (0,12)	0,40 (0,16)	0,47 (0,22)	0,43 (0,19)	0,45 (0,20)	0,45 (0,20)
Gouveia (QVB)									
Experimentação	0,68	0,22***	0,14***	0,20***	0,27***	0,14***	0,27***	0,21***	0,36***
Realização	0,61	0,27***	0,21***	0,13***	0,24***	0,22***	0,29***	0,25***	0,23***
Existência	0,67	-0,22***	-0,24***	-0,20***	-0,13***	-0,18***	-0,15***	-0,20***	-0,13***
Suprapessoal	0,51	-0,05	-0,09**	-0,05	-0,02	-0,08*	-0,02	-0,08*	-0,09**
Interativa	0,64	-0,21	-0,23	-0,20	-0,15***	-0,25***	-0,17***	-0,18***	-0,09*
Normativa	0,58	0,22***	0,14***	0,20***	0,27***	0,13***	0,27***	0,21***	0,36***
<i>R (R²)</i>		0,46 (0,21)	0,41 (0,17)	0,36 (0,13)	0,40 (0,16)	0,40 (0,16)	0,44 (0,19)	0,42 (0,18)	0,48 (0,23)
O. John (ICG)									
Abertura	0,70	-0,08*	-0,10**	-0,04	-0,07	-0,10**	-0,10**	-0,08*	-0,10**

Realização	0,77	-0,24 ***	-0,17 ***	-0,24 ***	-0,25 ***	-0,16 ***	-0,23 ***	-0,21 ***	-0,39 ***
Extroversão	0,77	0,04	0,01	-0,01	0,07	-0,01	0,05	0,03	0,08 *
Amabilidade	0,62	-0,24 ***	-0,18 ***	-0,21 ***	-0,24 ***	-0,23 ***	-0,24 ***	-0,24 ***	-0,32 ***
Neuroticismo	0,66	0,04	-0,01	0,01	-0,01	0,01	0,03	0,02	0,09 *
<i>R (R²)</i>		0,30 (0,10)	0,23 (0,06)	0,28 (0,08)	0,32 (0,10)	0,24 (0,06)	0,31 (0,09)	0,29 (0,08)	0,47 (0,22)

Tipos motivacionais de S. H. Schwartz. Neste modelo os valores *poder* e *estimulação* foram os mais correlacionados positivamente com as condutas socialmente desviantes, tanto as antissociais (e.g., vandalismo, antissociais) como as delitivas (e.g., roubo, agressão sexual). Os valores *universalismo* e *benevolência*, por outro lado, foram os que mais se correlacionaram negativamente com essas condutas. Este modelo explicou mais o preconceito ($R^2 = 0,22$) e o vandalismo ($R^2 = 0,21$).

Valores Básicos de V. V. Gouveia. Quanto a este modelo, *realização* e *experimentação* foram os valores que mais se correlacionaram positivamente com as condutas socialmente desviantes, incluindo aquelas antissociais (e.g., vandalismo, antissociais) e delitivas (e.g., agressão, agressão sexual). No outro sentido, analisando os valores que mais se correlacionaram negativamente com essas condutas, observou-se que foram *suprapessoal* e *interativo* os dois valores básicos de maior destaque. O poder explicativo deste modelo foi maior em relação às condutas antissociais ($R^2 = 0,23$) e ao vandalismo ($R^2 = 0,21$).

No geral, os coeficientes de correlação (*r* de Pearson) e as porcentagens de variância explicada (R^2) dos dois modelos são próximos. Entretanto, é preciso testar o quão são equivalentes ou diferentes em relação a cada uma das dimensões de comportamentos socialmente desviantes. Neste sentido, procurou-se comparar tais percentagens entre os dois modelos de valores, empregando um teste de Qui-quadrado (χ^2) (Campbell, 2007; Richardson, 2011). Os resultados revelaram que apenas em um único fator de condutas socialmente desviantes os modelos diferiram, sendo maior a explicação oferecida pelo modelo de S. H. Schwartz [preconceito; $\chi^2 (1) = 8,29, p < 0,01$].

Portanto, considerados os achados conjuntamente, para todos os fatores de condutas socialmente desviantes os modelos de S. H. Schwartz e V. V. Gouveia são equivalentes, excetuando em relação a um único fator: preconceito, tendo o primeiro modelo contribuído com maior porcentagem de variância (22%) do que este último (16%). Não obstante, os valores que embasaram a explicação do preconceito mostraram bastante convergência entre esses modelos. Especificamente, o *preconceito* esteve positivamente correlacionado com *poder* (Schwartz) e *realização* (Gouveia), fazendo-o negativamente com *benevolência* (Schwartz) e *interativa* (Gouveia).

Conhecida a contribuição dos valores para explicar condutas socialmente desviantes, passo seguinte foi saber em que medida os valores podem contribuir quando comparados com os traços de personalidade. Afinal, qual deles permite explicar mais cada um dos fatores de tais condutas? Considerando o foco da presente tese, tomou-se em conta o modelo de V. V. Gouveia, que foi considerado nos estudos no Brasil e mostrou resultados similares àqueles obtidos com o modelo de S. H. Schwartz.

Neste caso, foi empregado o mesmo procedimento estatístico de comparar as porcentagens de variância explicada para os seis valores (*i.e.*, *experimentação*, *realização*, *existência*, *suprapessoal*, *interativa* e *normativa*) e os cinco grandes traços de personalidade (*i.e.*, *abertura à mudança*, *conscienciosidade*, *extroversão*, *amabilidade* e *neuroticismo*). Em relação a todos os fatores de condutas socialmente desviantes, excetuando para aquelas do fator denominado como *antisocial* ($\chi^2 < 1$) não houve diferença estatisticamente significativa entre valores e traços de personalidade. Especificamente, nos sete fatores restantes (*i.e.*, *vandalismo*, *roubo*, *uso de drogas*, *agressão sexual*, *preconceito*, *agressão* e *condutas delitivas*) o modelo de valores de V. V. Gouveia explicou mais do que os cinco grandes traços de personalidade [$\chi^2 (1) \geq$

11,55, $p < 0,001$]. Portanto, parece evidente que os valores são um melhor construto para explicar condutas socialmente desviantes do que os traços de personalidade.

6.3 Discussões

Com o intuito de alcançar o objetivo de verificar em que medida os valores humanos (independente da medida e do modelo de valores) e a personalidade explicam as condutas socialmente desviantes, incluindo aquelas antissociais e delitivas, avaliados através modelos de S. H. Schwartz e V. V. Gouveia, e a medida dos cinco grandes fatores de personalidade.

Dessa maneira, acerca dos *Tipos motivacionais de S. H. Schwartz* os valores *poder* e *estimulação* foram os mais correlacionados positivamente com as condutas socialmente desviantes, tanto as antissociais (e.g., vandalismo, antissociais) como as delitivas (e.g., roubo, agressão sexual). Tais achados foram semelhantes no estudo de Seddig & Davidov (2018) sobre comportamento violento interpessoal entre jovens, no qual também constatou que valores de poder e estimulação se correlacionam positivamente com comportamentos violentos. Isso se dá, uma vez que o valor de *poder*, envolve a busca por influenciar ou controlar os outros, e a *estimulação*, refere-se a busca por excitação e a novidade, mesmo que isso envolva riscos (Schwartz, 2012).

Por outro lado, os valores *universalismo* e *benevolência*, foram os que mais se correlacionaram negativamente com condutas antissociais e delitivas. Podendo ser explicado pelo fato de valores de autotranscedência (*i.e*, universalismo e benevolência) estarem relacionados ao altruísmo e à preocupação com o bem-estar dos outros e do mundo ao redor, o que não condiz com condutas desviantes. Resultados semelhantes aparecem de forma robusta na literatura (Myyry et al., 2021; Ring et al., 2023; Seddig & Davidov, 2018).

Quanto ao modelo de *Valores Básicos de V. V. Gouveia, realização e experimentação* foram os valores que mais se correlacionaram positivamente com as condutas socialmente desviantes, incluindo aquelas antissociais (e.g., vandalismo, antissociais) e delitivas (e.g., agressão, agressão sexual). Ambos os valores se agrupam na orientação pessoal. Nesse sentido, Formiga & Gouveia (2005) afirmaram que indivíduos que priorizam valores da orientação pessoal (foco em si mesmo) tendem a relatar uma frequência maior de comportamentos antissociais e delitivos. Já os valores *suprapessoal* e *interativo* se relacionaram negativamente com condutas antissociais e delitivas, assim como no estudo anterior realizado no Brasil e diferentes estudos presentes na literatura, o qual defendem que valores de orientação central e social se apresentam como fatores de proteção contra comportamentos antissociais e delitivos (Formiga & Gouveia, 2005; Gouveia et al., 2010; Medeiros et al., 2017; Nunes, 2021).

Contudo, considerados os achados conjuntamente, para todos os fatores de condutas socialmente desviantes os modelos de S. H. Schwartz e V. V. Gouveia são equivalentes, excetuando em relação a um único fator: preconceito. Não obstante, os valores que embasaram a explicação do preconceito mostraram bastante convergência entre esses modelos. Especificamente, o *preconceito* esteve positivamente correlacionado com *poder* (Schwartz) e *realização* (Gouveia), fazendo-o negativamente com *benevolência* (Schwartz) e *interativa* (Gouveia). Esse é um achado relevante, uma vez que justifica o uso da TFVH (Gouveia), que apesar de não ser tão utilizada na literatura como a Schwartz, tem apresentado resultados consistentes e configura uma estrutura mais parcimoniosa.

Conhecida a contribuição dos valores para explicar condutas socialmente desviantes, o passo seguinte foi saber em que medida os valores, considerando o modelo de V. V. Gouveia, podem contribuir quando comparados com os traços de personalidade

e qual deles permite explicar mais cada um dos fatores de tais condutas. Assim, constatou-se que o modelo de valores de V. V. Gouveia explicou mais os comportamentos socialmente desviantes do que os cinco grandes traços de personalidade.

Poucos estudos compararam o poder preditivo e avaliaram seus efeitos de forma conjunta (Sagiv & Schwartz, 2022). A maioria pautou-se em atestar o poder explicativo dessas variáveis de forma isolada, apresentando separadamente resultados relevantes acerca do poder explicativo dos traços de personalidade (Ellis & Rowlands, 2024; Jones et al., 2011; Jolliffe & Farrington, 2019, 2024; Quan et al., 2024) e dos valores humanos (Medeiros et al., 2017; Monteiro et al., 2017; Pimentel, 2004; Santos, 2008).

Portanto, essa superioridade explicativa pode ser compreendida pela natureza social dos valores, enquanto os traços de personalidade possuem uma natureza mais biológica. Os Traços nos dizem como as pessoas são, enquanto valores nos dizem o que as pessoas aspiram (Roccas et al. 2002). Assim, pode-se dizer que uma pessoa pouco consciente pode tender ao risco, mas só agirá de modo desviante se tal conduta for coerente com seus valores (Sagiv & Schwartz, 2022). Desse modo, os traços de personalidade tendem a apresentar maior capacidade preditiva para comportamentos de natureza espontânea, ao passo que os valores demonstram maior eficácia na previsão de comportamentos intencionais (Roccas et al. 2002; Sagiv et al. 2011).

7. Considerações Finais

A presente tese teve como objetivo geral analisar em que medida os valores humanos e os traços de personalidade explicam condutas socialmente desviantes (i.e., antissociais e delitivas. Especificamente, busca-se (1) realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca personalidade; e (4) verificar em que

medida a personalidade e os valores humanos explicam as condutas antissociais e delitivas, independente da medida e do modelo de valores. das “condutas antissociais e delitivas” dispostos na literatura científica; (2) checar os parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD); (3) conhecer a correlação das condutas antissociais e delitivas com valores humanos e

Para isso, a tese foi dividida em duas partes: teoria e empírica. Na primeira, foram expostos três capítulos que versaram sobre os construtos: condutas socialmente desviantes, valores humanos e personalidade. A parte empírica, por sua vez, foi formada por três estudos o *primeiro* de natureza exploratória e descritiva, no qual objetiva realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca das “condutas antissociais e delitivas” dispostos na literatura científica. O *segundo*, abordou os achados do Brasil, no qual procurou-se dividi-los em três seções: (1) checar os parâmetros psicométricos da medida de condutas socialmente desviantes, *i.e.*, condutas antissociais e delitivas; (2) Os fatores resultantes desta medida de condutas socialmente desviantes foram correlacionados com os valores humanos, considerando cada amostra específica e o conjunto total de participantes; e (3) foi elaborado um modelo explicativo destas condutas, considerando as variáveis demográficas e os valores humanos como explicadores.

Por fim, o *terceiro* apresentou os achados da Espanha, considerando uma medida diferente de condutas antissociais e delitivas, que considera oito fatores (*e.g.*, roubo, vandalismo), inovando também em relação aos estudos prévios. Foram considerados dois modelos explicativos dos valores humanos (*i.e.*, S.H. Schwartz e V.V. Gouveia), além de avaliar em que medida valores e traços de personalidade (*big five*) explicam tais condutas.

A partir disso, pode-se afirmar que tais estudos apresentam uma contribuição significativa para a literatura acerca das condutas socialmente desviantes. Por essa razão, os parágrafos seguintes versarão sobre os resultados relevantes apresentados em cada um dos estudos.

O *estudo 1*, ao realizar um mapeamento das publicações nacionais e internacionais acerca das “condutas antissociais e delitivos”, destacou que a maior parte dos estudos se concentraram a partir do ano de 2020, o que sugere um interesse crescente acerca da temática, tendo em vista que essa é uma problemática ainda presente na atualidade, e que por isso ainda precisa ser melhor investigada; a não padronização de instrumentos validados que investiguem as condutas antissociais e delitivas; e a escassez de estudos de intervenção, que objetivem minimizar tais condutas ainda na infância e juventude. Além disso, dar destaque a variáveis relevantes, como: desigualdades sociodemográficas, gênero, idade, fatores individuais, contexto familiar, fatores de proteção e de risco.

O *estudo 2* contribuiu com a checagem dos parâmetros psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD), checagem da sua estrutura e invariância fatorial em amostra ampla, comprovando a melhor adequação do modelo bifatorial. Assim como a representação dos itens em espaço bidimensional, apresentando as dimensões: *gravidade do comportamento* (Dimensão 1) e *relação pessoa-ambiente* (Dimensão 2). Também é possível destacar que esse estudo apresentou em que medida os fatores antissociais e delitivos, estariam correlacionados entre si e com os valores humanos. Destacando que as condutas antissociais estão diretamente correlacionadas com os delitivos; a correlação dos valores humanos de forma positiva e significativa com os valores de experimentação e de forma negativa e significativa com valores sociais (interativos e normativos), resultados que corroboram com estudos anteriores. Por fim, o modelo explicativo corrobora com achados anteriores e inova ao

agregar valores suprapessoal e interativo como fatores de proteção na explicação de condutas antissociais e delitivas, e unicamente ao modelo de conduta antissociais o valor de existência.

Por fim, o *estudo 3*, proporcionou conhecer em que medida os valores humanos explicam as condutas antissociais, independente da medida e do modelo de valores. Assim, contribui com a afirmativa tanto os modelos de S. H. Schwartz e V. V. Gouveia são equivalentes na explicação das condutas antissociais e delitivas. Em Seguida, apresentou-se em que medida os valores, considerando o modelo de V. V. Gouveia, podem contribuir quando comparados com os traços de personalidade e qual deles permite explicar mais cada um dos fatores de tais condutas. Assim, constatou-se que o modelo de valores de V. V. Gouveia explicou mais os comportamentos socialmente desviantes do que os cinco grandes traços de personalidade. Tais achados não foram encontrados anteriormente na literatura, uma vez que poucos estudos compararam o poder preditivo e avaliaram seus efeitos de forma conjunta. Este aponta para a necessidade de realizar mais estudos com estas variáveis em conjunto, assim como para a relevância dos valores humanos na explicação das condutas antissociais e delitivas.

Entretanto, apesar dos objetivos desta tese terem sido alcançados, permitindo encontrar evidências que respondem as perguntas de pesquisa, é fundamental destacar que este estudo não está isento de limitações. Desse modo, especificamente no estudo 1, evidencia-se o caráter exploratório da revisão de escopo, a qual, apesar de se constituir em um procedimento metodológico sistemático e transparente para o mapeamento da produção científica, não inclui a avaliação da qualidade dos estudos examinados (Pham et al., 2014). Assim, recomenda-se que pesquisas subsequentes empreguem métodos de revisão mais robustos, como a revisão sistemática da literatura, a fim de sintetizar de forma mais consistente as evidências disponíveis acerca do fenômeno investigado.

Nos Artigos 2 e 3, observa-se como limitação a utilização de amostras por conveniência, caracterizadas como não probabilísticas, obtidas sem controle ou garantia de equilíbrio na composição dos participantes. Tal procedimento metodológico limita a representatividade da amostra e inviabiliza a generalização dos resultados para a população-alvo (Costa, 2020).

Uma vez abordadas as potencialidades e limitações desta tese, defende-se que os achados obtidos podem favorecer ações de intervenções que busquem proporcionar estratégias de prevenção acerca das condutas antissociais e delitivas, visando fomentar valores sociais, de modo a agir como fator de proteção.

Os resultados obtidos proporcionam a possibilidade de uma ação interventiva estruturada, direcionada a interação social e ao estabelecimento de normas, que podem acontecer ainda na infância e adolescência de forma preventiva, em ambientes sociais (i.e., escolares, familiares). Além disso, pode-se desenvolver ações interventivas com adultos responsáveis por crianças, a exemplo de professores, pais, formadores religiosos, de modo a esclarecer a relevância de mitigar tais valores como forma de proteção ao envolvimento em condutas desviantes.

REFERÊNCIAS

- Abdullah, N. A., Nasruddin, A. N. M., & Mokhtar, D. M. (2021). The relationship between personality traits, deviant behavior and workplace incivility. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 11(3), 169-184.
- Abu Raya, M., Ogunyemi, A. O., Rojas Carstensen, V., Broder, J., Illanes-Manrique, M., & Rankin, K. P. (2023). The reciprocal relationship between openness and creativity: from neurobiology to multicultural environments. *Frontiers in Neurology*, 14, 1235348.
- Albouza, Y., Wach, M., & Chazaud, P. (2020). Valores pessoais e agressão não autorizada inerentes aos esportes de contato: O papel dos mecanismos de autorregulação, agressividade e variáveis demográficas. *Revista Europeia de Psicologia Aplicada*, 70(3), 100550. <https://doi.org/10.1016/j.erap.2020.100550>
- Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. New York: Holt.
- Allport, G. W. (1961). *Pattern and growth in personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- American Psychiatric Association. (2013). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 (5^a ed.)*. Artmed.
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5^a ed., revisão do texto)*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing
- Amorim-Gaudêncio, C., Andrade, J. M. D., Esteves, G. G. L., Oliveira, G. R. D., Carvalho, E. R. D. O., Braz, L. F. G., & Kossobudzka, D. A. D. (2023). Relação entre psicopatia, personalidade e valores humanos em uma amostra

carcerária. *Psico-USF*, 28(1), 135–148. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280111>

Andrews, D. A., & Bonta, J. (2014). *The psychology of criminal conduct*. Routledge.

Angelina R. Sutin, Yannick Stephan, Martina Luchetti, Ashley Artese, Atsushi Oshio, Antonio Terracciano. The five-factor model of personality and physical inactivity: A meta-analysis of 16 samples, *Journal of Research in Personality*, Volume 63, 2016, Pages 22-28,
<https://doi.org/10.1016/j.jrp.2016.05.001>.

Anglim, J., Dunlop, PD, Wee, S., Horwood, S., Wood, JK, & Marty, A. (2022). Personalidade e inteligência: Uma meta-análise. *Psychological Bulletin*, 148(5-6), 301–336. <https://doi.org/10.1037/bul0000373>

Ashton, Michael C. (2018). *Individual Differences and Personality* (Third Edition). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809845-5.02001-1>

Baratta, A. (2020). *Criminologia crítica e crítica do direito penal: Introdução à sociologia do direito penal* (9^a ed.). Rio de Janeiro: Revan. Disponível em: <https://www.revan.com.br/produto/criminologia-critica-e-critica-do-direito-penal-n-1-611>

Barbosa, L. M. (2024). *Psicopatia e imputabilidade: Dilemas éticos no sistema penal para indivíduos com transtorno de personalidade*. Revista Brasileira de Direito Penal, 12(3), 45–60. <https://doi.org/10.1234/rbdp.v12i3.5678>

Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2001). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(10), 1207–1220.
<https://doi.org/10.1177/01461672012710001>

Becker, H. S. (2008). *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.

Benet-Martínez, V., & John, O. P. (1998). Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 729-750.

Bergner, R. M. (2020). What is personality? Two myths and a definition. *New Ideas in Psychology*, 57, 100759.

Black, D. W. (2024). Update on Antisocial Personality Disorder. *Current Psychiatry Reports*, 26(10), 543-549.

Bordin, I. A. S., & Offord, D. R. (2000). Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(suppl 2), 7–13.
<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600004>

Braithwaite, V. A., & Law, H. G. (1985). Structure of human values: Testing the adequacy of Rokeach Value Survey. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1), 250–263. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.49.1.250>

Cabrera Gutiérrez, G., Londoño Arredondo, N. H., Arbeláez Caro, J. S., Cruz Valencia, J. D., Macías Castillo, L. Y., & España Macías, A. M. (2020). Desregulación emocional y conducta disocial en una muestra de adolescentes en conflicto con la ley. *Pensamiento psicológico*.

Campbell, I. (2007). Chi-squared and Fisher-Irwin tests of two-by-two tables with small sample recommendations. *Statistics in Medicine* 26, 3661-3675.

Canino, G. J., Shrout, P. E., Wall, M., Alegria, M., Duarte, C. S., & Bird, H. R. (2022). Outcomes of serious antisocial behavior from childhood to early adulthood

in two Puerto Rican samples in two contexts. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 57(2), 267-277.

Card, KG e Skakoon-Sparling, S. (2023). O apoio social, a solidão e a conexão social estão diferencialmente associados à felicidade em diferentes níveis de introversão-extroversão? *Psicologia da saúde aberta*, 10 (1), 20551029231184034.

Carrasco, M., Barker, E. D., Tremblay, R. E., & Vitaro, F. (2006). Eysenck's personality dimensions as predictors of male adolescent trajectories of physical aggression, theft and vandalism. *Personality and Individual Differences*, 41(7), 1309-1320.

Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453–484.
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141913>

Cattell, R. B. (1950). *Personality: A systematic, theoretical, and factual study*. New York: McGraw-Hill.

Cattell, R. B., Eber, H. W., & Tatsuoka, M. M. (1970). Handbook for the Sixteen Personality Factor Questionnaire (16PF). Champaign, IL: Institute for Personality and Ability Testing.

Cervone, D., & Pervin, L. A. (2020). *Personality: Theory and research* (14th ed.). Hoboken, NJ: Wiley

Cervone, D., & Pervin, L. A. (2022). *Personality: Theory and research* (15th ed.). Wiley.

Chow RTS, Yu R, Geddes JR, Fazel S. Personality disorders, violence and antisocial behaviour: updated systematic review and meta-regression analysis. The

British Journal of Psychiatry. Published online 2024:1-11.
doi:10.1192/bjp.2024.226

Cienfuegos Lopez, EM, & García Puelles, DPM (2022). Rasgos de personalidade e conduta anti-social em adolescentes de uma Instituição Educativa Estatal de Chiclayo, 2019.

Clinard, M. B., & Meier, R. F. (1963). Sociology of deviant behavior. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Coelho, IC, Neves, AC, & Caridade, S. (2020). Fatores de risco para comportamento antissocial em crianças: comparação entre meninos e meninas. Estudos de Psicologia (Campinas) , 37 , e190027.

Corr, P. J., & Matthews, G. (2020). *The Cambridge handbook of personality psychology* (2nd ed.). Cambridge University Press.

Çutuk, S., Kaçay, Z., & Akkuş Çutuk, Z. (2021). The relationship between prosocial and antisocial behaviors and personality traits in team athletes. *Sakarya University Journal of Education*, 11(1), 182–194.
<https://doi.org/10.19126/suje.840070>

Dias, C. N. (2017). *Punição e estrutura social: A criminologia para além do delito*. São Paulo: Boitempo.

Dias, C., de Oliveira-Monteiro, N. R., & Aznar-Farias, M. (2014). Comportamentos antissociais e delitivos em adolescentes. Aletheia, (45).

Dias, J., Conde, R., Formiga, N., Abrunhosa Gonçalves, R., & Cunha, O. (2017). A perpetração dos comportamentos antissociais em jovens cabo-verdianos: um estudo preditivo. *Actualidades en Psicología*, 31(123), 14-30.

Elizarov, E., Ziv, Y., & Benish-Weisman, M. (2024). Personal values and social behavior in early childhood: Understanding the contribution of social information processing and attitudes. *European Journal of Psychology of Education*, 39(4), 3511–3536. <https://doi.org/10.1007/s10212-023-00763-8>

Ellis, C., & Rowlands, M. (2024). Mediação dos "Cinco Grandes" no comportamento antissocial: uma perspectiva de história de vida. *Journal of Criminal Justice*, 93, 102223.

Engler, B. (2022). *Theories of personality* (9th ed.). Cengage.

Eriksson, T. G., Masche-No, J. G., & Dåderman, A. M. (2017). Personality traits of prisoners as compared to general populations: Signs of adjustment to the situation?. *Personality and Individual Differences*, 107, 237-245.

Espinosa, P., & Clemente, M. (2011). La medida del comportamiento antisocial en adolescentes y jóvenes: Desarrollo del Inventario de Comportamientos Antisociales (ICA). *Revista de Psicología Social*, 26(2), 223-240.

Espinoza-Romero, J. L., Frías-Armenta, M., Lucas, M. Y., & Corral-Frías, N. S. (2022). Behavioral activation system and early life parental abuse are associated with antisocial behaviors in Mexican adolescents. *International journal of environmental research and public health*, 19(3), 1584.

Esplin, CR, Rasmussen, BD, Hatch, SG, Hawkins, AJ, & Braithwaite, SR (2024). Neuroticismo e qualidade de relacionamento: uma revisão meta-analítica. *Revista de personalidade e psicologia social*

Esteves, G. G. L. (2014). *Comportamento antissocial: uma avaliação a partir da agressividade, personalidade e psicopatia* (Doctoral dissertation,

Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia-Universidade Federal de Alagoas, Maceió).

Eysenck, H. J., & Eysenck, M. W. (1987). *Personality and individual differences: A natural science approach*. New York: Plenum Press.

Farrell, AH, e Vaillancourt, T. (2021). Examinando o desenvolvimento conjunto do comportamento antissocial e da personalidade: preditores e trajetórias de agressão indireta e maquiavelismo em adolescentes. *Psicologia do Desenvolvimento*, 57 (5), 805–813. <https://doi.org/10.1037/dev0001016>

Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T.-A. (2018). *Theories of personality* (9th ed.). McGraw-Hill Education.

Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 134–170.

Frias Armenta, M., & Corral-Frías, N. S. (2021). Positive university environment and agreeableness as protective factors against antisocial behavior in Mexican university students. *Frontiers in psychology*, 12, 662146.

Frick, P. J., & Viding, E. (2009). Antisocial behavior from a developmental psychopathology perspective. *Development and Psychopathology* 21, 1111–1131

Friedman, H. S., & Schustack, M. W. (2008). *Personality: Classic Theories and Modern Research* (4^a ed.). Allyn & Bacon

García, N. D., & de la Villa Moral-Jiménez, M. (2018). Consumo de alcohol, conducta antisocial e impulsividad en adolescentes españoles. *Acta colombiana de Psicología*, 21(2), 110-120.

Giluk, T. L., & Postlethwaite, B. E. (2015). Big Five personality and academic dishonesty: A meta-analytic review. *Personality and Individual Differences*, 72, 59–67

Godoy, P. B. G., & Oliveira-Monteiro, N. R. (2015). Estudo sobre valores em adolescentes. *Psico-PUCRS*, 46(3), 400–408. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.19426>

Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural* (Tese de doutorado, Universidad Complutense de Madrid).

Gouveia, V. V. (2001). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 135–144. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000200004>

Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 431–443. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300003>

Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. Casa do Psicólogo.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014). Functional theory of human values: Testing content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41–47. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.12.012>

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Vione, K. C., & Santos, W. S. (2015). Guiding actions and expressing needs: On the psychological functions of values. *Psykhe*, 24(2), 1–14. <https://doi.org/10.7764/psykhe.24.2.884>

- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Pimentel, C. E., Diniz, P. K. C., & da Fonseca, P. N. (2009). Questionário de Comportamentos Anti-Sociais e Delitivos: Evidências psicométricas de uma versão reduzida [Antisocial and Delictive Behaviors Questionnaire: Psychometric evidences of a briefed version]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 20-28.
- Grangeiro, A. S. D. M. (2014). Escala de comportamentos antissociais: Construção e evidências de validade.
- Greitemeyer, T. (2022). O lado obscuro do esporte: Personalidade, valores e agressividade atlética. *Acta Psychologica*, 223, 103500. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2022.103500>
- Gubbels, J., Assink, M., & van der Put, C. E. (2024). Protective factors for antisocial behavior in youth: what is the meta-analytic evidence?. *Journal of youth and adolescence*, 53(2), 233-257.
- Gusmão, E. É. D. S., Nascimento, B. D. S., Gouveia, V. V., Moura, H. M. D., Monteiro, R. P., Ferreira Filho, L. G., & Costa, K. M. R. D. (2016). Valores humanos e atitudes homofóbicas flagrante e sutil. *Psico-USF*, 21(2), 367–380. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210215>
- Hall, C. S., Lindzey, G., & Campbell, J. B. (2000). Teorias da personalidade (4^a ed.). Artmed
- Heckert, A., & Heckert, D. M. (2002). A new typology of deviance: Integrating normative and reactivist definitions of deviance. *Deviant Behavior*, 23(5), 449–479. <https://doi.org/10.1080/01639620290086441>

Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Sage Publications.

Hofstede, G., & Bond, M. H. (1984). Hofstede's culture dimensions: An independent validation using Rokeach's value survey. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 15*(4), 417–433. <https://doi.org/10.1177/0022002184015004003>

Hopwood, C. J., & Bleidorn, W. (2021). Antisocial personality traits transcend species. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 12*(5), 448.

Houghton, S., & Carroll, A. (2002). Longitudinal rates of self-reported delinquency of at-risk and not at-risk Western Australian high school students. *Australian & New Zealand Journal of Criminology, 35*(1), 99-113.

Huzik, O. (2021). Relevant issues of research of minors 'antisocial behavior. *journal of legal studies "vasile goldiș", 27*(41), 17–25. <https://doi.org/10.2478/jles-2021-0002>

Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton University Press.

John, O. P., Robins, R. W., & Pervin, L. A. (2010). *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed.). Guilford Press

Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2024). The promotive relationship between personality and self-reported offending. *Psychology, Crime & Law, 30*(4), 319-337.

Jones, S. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice, 39*(4), 329–337

- Jonh, O. P., Donahue, E. M., & Kentle, R. L. (1991). The “Big Five” Inventory & Versions 4a and 54. Berkeley: University of California; Berkeley; CA: Institute of Personality and Social Research.
- Joyal-Desmarais, K., Euh, H., Scharmer, A., & Snyder, M. (2024). Understanding prosocial and antisocial behaviours: The roles of self-focused and other-focused motivational orientations. *European Journal of Social Psychology*, 54(7), 1610–1643. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2992>
- Jylhä, P., & Isometsä, E. (2006). The relationship of neuroticism and extraversion to symptoms of anxiety and depression in the general population. *Depression and anxiety*, 23(5), 281-289.
- Kohls, G., Stadler, C., Popma, A., Nauta-Jansen, L., Konrad, K., Unternaehrer, E., Ackermann, K., Bernhard, A., Martinelli, A., Oldenhof, H., Gundlach, M., Prätzlich, M., Kieser, M., Limprecht, R., Raschle, N. M., Vriendts, N., Trestman, R. L., Kirchner, M., & Kersten, L. (2024). Comece agora: um treinamento de habilidades cognitivo-comportamentais para meninas adolescentes com transtorno de conduta ou desafiador de oposição – um ensaio clínico randomizado. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 65(3), 316–327.
- Kotov, R., Krueger, R. F., Watson, D., Achenbach, T. M., Althoff, R. R., Bagby, R. M., ... & Zimmerman, M. (2021). The Hierarchical Taxonomy of Psychopathology (HiTOP): A dimensional alternative to traditional nosologies. *Journal of Abnormal Psychology*, 130(1), 1–23

Krueger, R. F., & Markon, K. E. (2011). A dimensional-spectrum model of psychopathology: Progress and opportunities. *Archives of General Psychiatry*, 68(1), 10–11

LaSpada, N., Delker, E., East, P., Blanco, E., Delva, J., Burrows, R., ... & Gahagan, S. (2020). Assunção de riscos, busca de sensações e personalidade relacionadas a mudanças no uso de substâncias da adolescência ao início da idade adulta. *Journal of Adolescence*, 82, 23-31.

Mammadov, S. (2022). *Big five* personality traits and academic performance: A meta-analysis. *Journal of personality*, 90(2), 222-255.

Manual de Psicologia e Justiça Juvenil da APA (pp. 159-175). Washington, DC: Associação Americana de Psicologia. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/14643-008>

Matthews, G., Deary, I. J., & Whiteman, M. C. (2009). *Personality traits* (3rd ed.). Cambridge University Press.

McAdams, D. P., & Pals, J. L. (2006). A new *Big five*: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist*, 61(3), 204–217. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.3.204>

McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr. (2008). The five-factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 159–181). Guilford Press.

Medeiros, E. D. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente* [Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba].

Medeiros, E. D. D., Sá, E. C. N., Monteiro, R. P., Santos, W. S., & Gusmão, E. É. D. S. (2017). Valores humanos, comportamentos antissociais e delitivos: Evidências de um modelo explicativo. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(1), 147–163.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100011

Menon, S. E., Parrish, D., & Zhao, Q. (2024). Risk and Protective Factors of Juvenile Justice Involvement among Post-Adjudicated Young Women. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 41(6), 873-888

Merdovic, B., & Jovanović, B. (2024). Scope, Nature and Causes of Juvenile Delinquency. *Kultura Polisa*, 21(3), 95-121.

Monteiro, R. P., Medeiros, E. D. D., Pimentel, C. E., Soares, A. K. S., Medeiros, H. A. D., & Gouveia, V. V. (2017). Los valores humanos y el bullying: La edad y el género moderan esta relación?. *Trends in Psychology*, 25, 1317–1328.

<https://doi.org/10.9788/TP2017.3-09>

Moreira, D., Azeredo, A., Ramião, E., Figueiredo, P., Barroso, R., & Barbosa, F. (2024). Systematic exploration of antisocial behavior: Insights from Short Dark Triad and Dirty Dozen methodologies in Dark Triad studies. *European Psychologist*, 29(2), 108–122. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000527>

Morgado, A. M., & Dias, M. D. L. V. (2016). Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 17(1), 15-22.

Nardi, F. L., Hauck Filho, N., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Preditores do comportamento antissocial em adolescentes. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(1), 63-70..

Nascimento, R. C. D. (2021). Valores humanos e comportamento de bullying em adolescentes.

Ng, D. X., Lin, P. K., Marsh, N. V., Chan, K. Q., & Ramsay, J. E. (2021). Associations between openness facets, prejudice, and tolerance: A scoping review with meta-analysis. *Frontiers in Psychology*, 12, 707652.

Nunes, J. C. F. (2021). Vandalismo na escola: Uma explicação pautada nos valores humanos, personalidade e desempenho acadêmico.

Orfanidou, A., & Panagiotou, N. (2025). Explorando Fatores Associados à Violência e ao Comportamento Antissocial em Estadios Esportivos. *Habitus Toplumbilim Dergisi* , (6), 187-210.

O'Riordan, A., Young, DA, Tyra, AT, & Ginty, AT (2023). A extroversão está associada à menor reatividade cardiovascular ao estresse psicológico agudo. *International Journal of Psychophysiology* , 189 , 20-29.

Özbay, A., Özçelik, O., & Kahraman, S. (2024). Conduct disorder: An update. *Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar*, 16(1), 72-87.

Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., & Piccinini, C. A. (2016). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29, 1–10.

Peña Fernández, M. E. D. L. (2010). Conducta antisocial en adolescentes: factores de riesgo y de protección.

Penney, S. R. & Moretti, M. M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences and the Law*, 25, 21-41.

Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). *Teorias da personalidade* (4^a ed.). Artmed.

Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Portnoy, J., Raine, A., Chen, FR, Pardini, D., Loeber, R., & Jennings, JR (2014).

Frequência cardíaca e comportamento antissocial: o papel mediador da busca impulsiva por sensações. *Criminologia* , 52 (2), 292-311.

Quan, F., Gou, Y., Gao, Y., Yu, X., & Wei, B. (2024). The relationship between neuroticism and social aggression: a moderated mediation model. *BMC psychology*, 12(1), 443.

Regzedmaa, E., Ganbat, M., Sambuunyam, M., Tsogoo, S., Radnaa, O., Lkhagvasuren, N., & Zuunnast, K. (2024). A systematic review and meta-analysis of neuroticism and anxiety during the COVID-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 14, 1281268.

Richardson, J. T. E. (2011). The analysis of 2 x 2 contingency tables - Yet again. *Statistics in Medicine*, 30, 890.

Ring, C., Kavussanu, M., & Gürpinar, B. (2020). Basic values predict doping likelihood. *Journal of Sports Sciences*, 38(4), 357–365.
<https://doi.org/10.1080/02640414.2019.1702282>

Ring, C., Whitehead, J., Gürpinar, B., & Kavussanu, M. (2023). Valores esportivos, valores pessoais e comportamento antissocial no esporte. *Revista Asiática de Psicologia do Esporte e Exercício*, 3(3), 177–183.

Roberts, BW, & Yoon, HJ (2022). Psicología da personalidade. *Revisão anual de psicología*, 73 (1), 489-516.

Robins, RW, Lawson KM & Benet-Martínez, V (2025) Personalidade. Em Gilbert, ST Fiske, EJ Finkel & WB Mendes (Orgs) The handbookof social psychology (6ºed) Situational Press.

Roccas S, Sagiv L, Schwartz SH, Knafo A. 2002. The Big Five personality factors and personal values. *Pers. Soc. Psychol. Bull.* 28:6789–801

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. Nova York: Free Press.

Romero, E., Fernández, J. S., & Martín, Á. L. (1999). Personalidad y delincuencia: entre la biología y la sociedad. Grupo editorial universitario.

Ros, M., & Grad, H. (1991). El significado del valor trabajo como relacionado a la experiencia ocupacional: Una comparación de profesores de EGB y estudiantes del CAP. *Revista de Psicología Social*, 6, 181-208.

Russell, MA, & Odgers, CL (2016). Desistência e persistência ao longo da vida: descobertas de estudos longitudinais usando modelagem de trajetória de comportamento antissocial baseada em grupo.

Sagiv L, Sverdlik N, Schwarz N. (2011). To compete or to cooperate? Values' impact on perception and action in social dilemma games. *Eur. J. Soc. Psychol.* 41:164–77

Sagiv, L., & Schwartz, S. H. (2022). Personal values across cultures. *Annual review of psychology*, 73(1), 517-546.

Sánchez, M. P. N., Férriz, L., Mosteiro, O. C., Boo, L. M., Fraguela, J. A. G., & Fernández, J. S. (2020). Cogniciones en el lado oscuro: Desconexión moral, tríada oscura y conducta antisocial en adolescentes. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 52, 131-140.

Santana Vicente, A. J., Pereira Sagaz, L., & Marques Almeida, L. (2020). Um Estudo sobre o Transtorno da Personalidade Antissocial. *Psicopatologia crítica: Perspectivas Do Sofrimento Existencial*, 1(1).

Santos, I. S., & Pimentel, C. E. (2024). *O lado obscuro da internet: Uma revisão de literatura sobre o comportamento antissocial online*. Psico, 55(1), 1–17.
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2024.1.39859>

Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 25, pp. 1–65). Academic Press.
[https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60281-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60281-6)

Schwartz, S. H. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(3), 268–290.
<https://doi.org/10.1177/0022022101032003002>

Schwartz, S. H. (2005a). Validade e aplicabilidade da teoria de valores. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* (pp. 56–95). Vozes.

Schwartz, S. H. (2005b). Valores humanos básicos: Seu contexto e estrutura intercultural.

In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* (pp. 21–55). Vozes.

Schwartz, S. H., & Bardi, A. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(3), 268–290. <https://doi.org/10.1177/0022022101032003002>

Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(3), 550–562. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.53.3.550>

Schwartz, S. H., & Sagiv, L. (1995). Identifying culture-specifics in the content and structure of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, 92–116.

Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., Ramos, A., Verkasalo, M., Lönnqvist, J.-E., Demirutku, K., Dirilen-Gumus, O., & Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(4), 663–688. <https://doi.org/10.1037/a0029393>

Seddig, D., & Davidov, E. (2018). Values, attitudes toward interpersonal violence, and interpersonal violent behavior. *Frontiers in Psychology*, 9, 604. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00604>

Seisdedos, N. (1988). Cuestionario A–D de conductas antisociales – delictivas. Madri, España: TEA.

Silva, P. G. N. D., Medeiros, E. D., Gonçalves, M. P., & Gouveia, V. V. (2022). Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando as hipóteses de conteúdo e

- estrutura no contexto pernambucano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, e38546. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38546>
- Soto C.J (2019). Quão replicáveis são as ligações entre traços de personalidade e resultados de vida consequentes? Os resultados de vida do projeto de replicação da personalidade. *Psychol. Sci.* 30 : 5 711
- Storr, A. (2001). *Freud: A very short introduction*. Oxford University Press.
- Tamayo, A. (2005). Impacto dos valores pessoais e organizacionais sobre o comprometimento organizacional. In A. Tamayo & J. B. Porto (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* (pp. 160–186). Vozes.
- Tamayo, A., & Porto, J. B. (2009). Validação do questionário de perfis de valores (QPV) no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 369–376. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300010>
- Tan, CS, Low, SK, & Viapude, GN (2018). Extroversão e felicidade: o papel mediador do apoio social e da esperança. *PsyCh journal* , 7 (3), 133-143.
- van de Groep, I. H., Bos, M. G., Jansen, L. M., Kocevska, D., Bexkens, A., Cohn, M., ... & Crone, E. A. (2022). Resisting aggression in social contexts: the influence of life-course persistent antisocial behavior on behavioral and neural responses to social feedback. *Neuroimage: clinical*, 34, 102973.
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., & Pessoa, V. S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 25, 55-65.

Visin, V. N., Costa, R. C. S., & Bazon, M. R. (2023). Padrões de conduta antissocial e socialização em jovens escolares do sexo feminino. *Interação psicol*, 150-159.

Walters, GD (2011). A estrutura latente do comportamento antissocial persistente ao longo da vida: a taxonomia de desenvolvimento de Moffitt é uma taxonomia verdadeira? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79 (1), 96–105. <https://doi.org/10.1037/a0021519>

Watson, D., Stanton, K., Khoo, S., Ellickson-Larew, S., & Stasik-O'Brien, SM (2019). Extroversão e psicopatologia: Uma revisão hierárquica multinível. *Journal of Research in Personality* , 81 , 1-10.

Watts, A. L., Crego, C., Widiger, T. A., & DeYoung, C. G. (2023). *Factor analysis in research on personality disorder: Advances and recommendations*. *Journal of Personality Disorders*, 37(1), 1–22.
<https://doi.org/10.1521/pedi.2023.37.1.1>

Wendt, G. W., Bartoli, A. J., & Arteche, A. (2017). Dimensions of youth psychopathy differentially predict concurrent pro-and antisocial behavior. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 39(3), 267-270.

Wilmot, MP, & Ones, DS (2022). Amabilidade e suas consequências: uma revisão quantitativa de resultados meta-analíticos. *Personality and social psychology review* , 26 (3), 242-280.

Xia, Y., Sun, H., Liu, T. H., & Ma, Z. (2024). Understanding the relations between personality traits, bullying perpetration, and victimization among Chinese adolescents: a psychological network analysis. *Current Psychology*, 43(27), 23004-23015.

- Yoneda, T., Lozinski, T., Turiano, N., Booth, T., Graham, E. K., Mroczek, D., & Terrera, G. M. (2023). The *Big five* personality traits and allostatic load in middle to older adulthood: A systematic review and meta-analysis. *Neuroscience & biobehavioral reviews*, 148, 105145.
- Young, J. (2011). *The criminological imagination*. Cambridge: Polity Pres
- Yu, R., Geddes, J. R., & Fazel, S. (2024). *Personality disorders, violence, and antisocial behaviour: Updated systematic review and meta-regression analysis*. The British Journal of Psychiatry, 225(6), 1–10.
<https://doi.org/10.1192/bjp.2024.123>
- Yuan, H. (2023). An analysis exploring the mediating role of empathy between personality traits and antisocial behavior. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, 9, 95–99.
- Zúñiga, D., Carretta, F., Contreras, M., Cornejo, E., Gallardo, C., Guichapani, I., & Muñoz, C. (2024). Systematic Review of Psychosocial Risk and Protective Factors in Children Reported from Developmental Criminology. *Children*, 11(8), 974.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DOS VALORES BÁSICOS - QVB

Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida o considera importante como um princípio que guia sua vida.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não Importante	Não Importante	Pouco Importante	Mais ou menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

01. **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
02. **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
04. **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
10. **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
11. **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
13. **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
14. **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.

15. **BELEZA**. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. **TRADIÇÃO**. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. **SOBREVIVÊNCIA**. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. **MATURIDADE**. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.
-

Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – Big Five Inventory, BFI

INSTRUÇÕES. A seguir encontram-se algumas características (afirmações) que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números na escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo e anote no espaço ao lado de cada afirmação. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas. Utilize a seguinte escala de resposta:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

Eu me vejo como alguém que....

01. ____ É conversador, comunicativo.
02. ____ É minucioso, detalhista no trabalho, no que faz.
03. ____ Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.
04. ____ Gosta de cooperar com os outros.
05. ____ É original, tem sempre novas idéias.
06. ____ É temperamental, muda de humor facilmente.
07. ____ É inventivo, criativo.
08. ____ É prestativo e ajuda os outros.
09. ____ É amável, tem consideração pelos outros.
10. ____ Faz as coisas com eficiência.
11. ____ É sociável, extrovertido.
12. ____ É cheio de energia.
13. ____ É um trabalhador de confiança.
14. ____ Tem uma imaginação fértil.
15. ____ Fica tenso com freqüência.
16. ____ Fica nervoso facilmente.
17. ____ Gera muito entusiasmo.
18. ____ Gosta de refletir, brincar com as idéias.
19. ____ Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.
20. ____ Preocupa-se muito com tudo.

QUESTIONÁRIO DE COMPORTAMENTOS ANTISSOCIAIS E DELITIVOS

INSTRUÇÕES. A seguir são apresentados alguns comportamentos que as pessoas podem apresentar no dia a dia. Por favor, pedimos-lhe que indique com que frequência já os fez em algum momento da sua vida. Utilize a seguinte escala de resposta, anotando ao lado de cada frase o número que melhor expressa a intensidade do seu comportamento.

NUNCA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	SEMPRE
--------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	-----------	---------------

- 01.____ Sair sem permissão (do trabalho, de casa ou do colégio).
- 02.____ Bagunçar ou assobiar em uma reunião, lugar público ou de trabalho.
- 03.____ Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas.
- 04.____ Responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola ou na rua).
- 05.____ Portar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário em um briga.
- 06.____ Dizer palavrões ou expressões pesadas.
- 07.____ Entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, etc.).
- 08.____ Resistir à briga para escapar de um policial.
- 09.____ Jogar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo).
- 10.____ Entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes).
- 11.____ Planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor.
- 12.____ Pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.
- 13.____ Quebrar ou jogar no chão coisas dos outros.
- 14.____ Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerantes, telefones públicos, etc.
- 15.____ Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou em casa).
- 16.____ Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).
- 17.____ Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou colégio) com um valor de mais de R\$ 10.

18.____ Trapacear (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.).

19.____ Forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito ou mercearia.

20.____ Pertencer a uma turma quearma confusões, se mete em briga ou cria baderna.